

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

MARILIN HELENA DA COSTA CHANAN SILVA

**REDE SOCIAL *FACEBOOK* COMO AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO**

CURITIBA

2017

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

MARILIN HELENA DA COSTA CHANAN SILVA

**REDE SOCIAL *FACEBOOK* COMO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

CURITIBA

2017

MARILIN HELENA DA COSTA CHANAN SILVA

**REDE SOCIAL *FACEBOOK* COMO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias - Mestrado Profissional da linha de pesquisa: Formação Docente e Novas Tecnologias, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Internacional - UNINTER como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ivo José Both

CURITIBA

2017

S586r Silva, Marilin Helena da Costa Chanan
Rede social Facebook como ambiente virtual de
aprendizagem na disciplina de educação física no ensino
médio / Marilin Helena da Costa Chanan Silva. - Curitiba,
2017.

168 f. : il. (algumas color.)

Orientador: Prof. Dr. Ivo José Both
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e
Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional
Uninter.

1. Tecnologia educacional. 2. Facebook (Rede social online). 3.
Ambientes virtuais compartilhados. 4. Educação física. 5.
Ensino auxiliado por computador. 6. Aprendizagem. 7.
Voleibol. I. Título.

CDD 371.334

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias – CRB-9/547

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO-ESE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS
Secretaria do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 011/2017

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

No dia 02 de agosto de 2017, às 14h30, 5º andar – sala 54 - do Campus Divina do Centro Universitário Internacional UNINTER, à Rua do Rosário, 147 em Curitiba-PR, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Ivo José Both (Orientador - UNINTER/PR), Mércia Freire Rocha Cordeiro Machado (Integrante Externo - IFPR), Germano Bruno Afonso (Integrante Interno Titular - UNINTER/PR), Siderly do Carmo Dahle de Almeida (Integrante Interno Suplente - UNINTER/PR), para julgamento da dissertação: **“REDE SOCIAL FACEBOOK COMO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO”**, da mestranda Marilin Helena da Costa Chanan Silva. O presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida à mestranda, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que a mestranda foi:

APROVADA, devendo a candidata entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.

APROVADA somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.

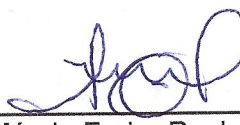
REPROVADA

O Presidente da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

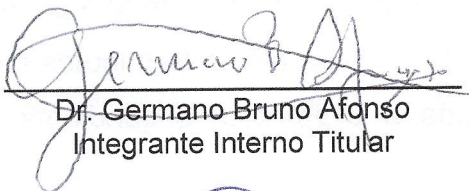
Recomendações: _____



Dr. Ivo José Both
Presidente da Banca



Dra. Mércia Freire Rocha Cordeiro
Machado Integrante Externo



Dr. Germano Bruno Afonso
Integrante Interno Titular

Dra. Siderly do Carmo Dahle de Almeida
Integrante Interno Suplente



Marilyn Helena da Costa Chanan Silva
Mestranda

Dedico esta dissertação à minha mãe Lidia da Costa (*in memoriam*), exemplo de mãe, esposa e amiga. Com uma simplicidade ímpar e um amor incalculável viveu sua vida para ajudar os seus. Te amo, mãe, com toda a minha alma. Saudades eternas...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, pela saúde e por sempre encontrar nele, a força necessária para continuar.

Ao meu marido Fabiano Chanan pelo apoio constante, por suas palavras incentivadoras e pela ajuda necessária para realização desse mestrado.

Agradeço de forma mais que especial a minha filha Clara da Costa Chanan Silva que na plenitude de seus 5 anos demonstrou uma grande compreensão com relação aos estudos da mamãe.

Agradeço infinitamente a minha mãe Lidia da Costa (*in memoriam*) por estar sempre ao meu lado me amando e me apoiando. Em vida, dedicou todo o seu tempo para amar, educar e apoiar sua família e amigos. Sou tão grata Lily Sorel.

A meu pai Antonio Francisco da Costa por sempre exigir êxito em meus estudos, pelo seu amor, amizade, incentivo e apoio incondicional.

As minhas irmãs Marilis da Costa e Madeleine da Costa, a minha afilhada Gabriella da Costa Melo que eu amo tanto e aos meus cunhados Cleverson e Celso.

Agradeço de forma muito especial ao meu orientador de coração Prof. Doutor Jacques de Lima Ferreira, por ter me adotado e me assumido como sua orientanda, por ter disponibilizado o seu tempo não importando o horário, por toda atenção dispensada, pela paciência, dedicação e excelente profissionalismo... meu muito obrigada.

Jacques de Lima Ferreira, um profissional sem igual, seus ensinamentos são meus, ninguém poderá tirar isso de mim. Sou eternamente grata!

Agradeço ao meu orientador Prof. Doutor Ivo José Both por me ter acolhido como sua orientanda. Agradeço de coração pelos ensinamentos, apoio e olhar carinhoso de um pai e um grande amigo. Sua amizade vale ouro, professor Ivo.

Ao Coronel Tratz por acreditar em mim e proporcionar a dispensa necessária para a realização do curso de Mestrado. Ao Coronel Koga pelo grande apoio e força e ao Coronel Amaro pelo apoio constante.

Aos meus alunos que entenderam a divisão das turmas em dias de aula no mestrado e me incentivaram a seguir em frente.

Aos meus atletas queridos que sempre me apoiaram e entenderam de forma surpreendente meus horários e minhas ausências, sempre apoiando e nunca questionando. Meninos, CMC RAÇA!

Aos meus colegas de mestrado, pelos momentos de entusiasmo compartilhados em conjunto, pelas discussões sobre educação, e, principalmente pelo companheirismo.

As meninas da Turma do 2º semestre de 2015, meu muito obrigada. Essa amizade levarei comigo aonde for.

Ao colega Miguel Rattón que prontamente me atendeu na hora em que vi tudo ruir, sem pestanejar me estendeu a mão e me ajudou de forma exclusiva a prosseguir minha caminhada. Miguel, sou muito grata!

Ao amigo Paulo Arthur de Lara Schinda Schemly que me incentivou, me apoiou e sempre esteve ao meu lado.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que esse momento chegasse em minha vida.

Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a Lei.

Allan Kardec

RESUMO

O mundo se transforma rapidamente, portanto, faz-se necessário que o profissional que atua na educação acompanhe essa evolução. Atualmente, a sociedade encontra-se diretamente ligada às influências das tecnologias, e já apresentou mudanças significativas quanto à maneira de se comunicar. Com o intuito de o educador atingir os estudantes para trazê-los para perto de si, passou a se tornar fundamental integrar as tecnologias digitais na educação e nas práticas escolares. As redes sociais, em especial, o *Facebook*, acabam por tornar-se ferramentas didáticas eficazes a favor da interatividade no processo educacional, pois ampliam o espaço educativo e visam grande inovação do cenário educacional brasileiro. Buscou-se com esta pesquisa a utilização desta ferramenta, muito utilizada pelos jovens atualmente, somada a dedicação e empenho dos profissionais da Educação Física que demonstram boa vontade em inovar com aulas mais atuais e fazer com que o aluno do ensino médio tenha interesse na parte teórica da matéria, normalmente tão deixada de lado por todos os alunos. O objetivo deste estudo foi propor a rede social *Facebook* como um ambiente virtual de aprendizagem para organizar de forma sistematizada a disciplina de Educação Física do ensino médio com o conteúdo de voleibol. Para tanto, foi realizada uma pesquisa com 72 professores de Educação Física de escolas públicas e privadas de Curitiba, de ambos os sexos, que atuam no ensino médio. Os participantes responderam a um questionário que lhes foi entregue pessoalmente. E a partir destes, a análise dos dados coletados foi realizada por meio de análise de conteúdo. Muitos participantes (57%) responderam que a rede social *Facebook* pode contribuir para a exemplificação das regras, técnicas e práticas dos esportes na Educação Física, porém, 71% relataram não saber como utilizar esta rede social como parte do processo de ensino, e, finalmente, 38% dos participantes responderam que não usariam esta ferramenta por enxergar nela a dificuldade de organizar os conteúdos que são trabalhados na disciplina de Educação Física e também pela falta de tempo em preparar as aulas. Por decorrência das particularidades obtidas no resultado desta pesquisa, foi apresentada uma descrição detalhada da utilização desta rede social, oferecida como modelo para ser utilizado nas aulas teóricas de Educação Física, na modalidade de voleibol para alunos do ensino médio. Foi proposta uma gama de conteúdos sobre o voleibol em aulas teóricas dentro da rede social *Facebook* utilizando-a como um AVA, com o objetivo de obter um novo panorama a ser explorado com uma excelente ferramenta para a experimentação de novas formas de apresentação de conteúdos que possui grande abrangência. Como considerações finais, diante do contexto pesquisado, foi possível perceber que a implementação deste novo método pode auxiliar na consolidação do conhecimento, direcionando, caracterizando e esclarecendo a importância da atividade física e seu impacto direto na saúde do praticante, buscando também despertar e ampliar o interesse pela cultura esportiva, evidenciando aos docentes que a implantação deste novo método de ensino torna-se acessível quando um objetivo é bem delineado.

Palavras-chave: Educação Física. Facebook. Ambiente Virtual de Aprendizagem. Voleibol.

ABSTRACT

The world has been quickly changing, therefore it is necessary that the professional acting in education follows this evolution. Nowadays, the society is found directly connected with the influences of technology, and it is already showed significant changes about the way of communicating. With the intent of the educator to reach the students and to bring them closer, it passed to be essential to integrate the digital technologies in education and school practices. The social networks, in special, the Facebook has become to be efficient teaching tools in favor of the interactivity in the educational process, because it amplifies the educational space and aims great innovation in the Brazilian education scenario. This research was looked for the use of this tool, much used by young people today, added with the dedication and effort of the physical education professionals that demonstrated willingness to innovate with more current classes and to make wherewith the high school student be interested in the theoretical part of the subject, usually left out for the majority of the students. The objective of this study was to propose the Facebook as a virtual learning environment to organize in a systematic way the discipline of physical education in the high school with the volleyball content. For that, it was performed a research with 72 teachers of physical education who work in either public or private schools of Curitiba, both sexes, that act in the high school. The participants answered a questioner that had been delivered personally. And from these, the data analysis collected was performed by content analysis. A lot of participants (57%) answered that the social network, Facebook can contribute to the exemplification of rules, techniques and practice in physical education, but 71% reported that don't know how to use this social network as a part of the educational process, and, finally, 38% of the participants answered that won't use this tool because it seems to be difficult to organize the contents worked in physical education and also the lack of time to prepare digital classes. Due to the particularities got in the result of this research, it was showed a detailed description of the utilization of Facebook, offered as a model to be used in the theoretical classes of physical education, in the modality of volleyball for students in high school. It was proposed a lot of content about volleyball in theoretical classes inside the social network Facebook used as a VLE, with the objective to obtain a new view to be explored as an excellent tool for new forms of presentation of content that has great comprehensiveness. As final considerations, against the researched content, it was possible to see that the implementation of this new method can help in the consolidation of knowledge, directing, characterizing and clarifying the significance of physical activity and its impact in the health. Looking also to wake and amplify the interest for the sports culture, showing for the teachers that the implantation of this new teaching method become accessible when the objective is well lineated.

Keywords: Physical education, Facebook, Virtual learning environment. Volleyball.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Núcleos Internacionais da Associação Cristã de Moços.....	42
Figura 2 - Etapas da análise de conteúdo.....	67
Figura 3 - Página inicial do <i>Facebook</i>	76
Figura 4 - Criação do grupo de estudos no <i>Facebook</i>	77
Figura 5 - Foto de capa.....	78
Figura 6 - Aviso de boas-vindas.....	78
Figura 7 - Diretrizes das aulas <i>online</i>	79
Figura 8 - Foto de boas-vindas.....	80
Figura 9 - Aula 1: História do voleibol - Parte 1.....	81
Figura 10 - Aula 2: História do voleibol - Parte 2.....	82
Figura 11 - Infográfico da evolução do voleibol - Continuação da aula 2.....	83
Figura 12 - Aula 3: Principais regras do voleibol - Parte 1	84
Figura 13 - Aula 4: Principais regras do voleibol - Parte 2	85
Figura 14 - Entretenimento.....	86
Figura 15 - Fique por dentro.....	86
Figura 16 - Aula 5: Fundamentos do voleibol - Saque.....	87
Figura 17 - Aula 6: Continuação da aula 05 - Saque.....	88
Figura 18 - Aula 7: Fundamentos do voleibol - Recepção.....	89
Figura 19 - Aula 8: Continuação da aula 07 - Recepção.....	90
Figura 20 - Aula 9: Fundamentos do voleibol - Levantamento.....	91
Figura 21 - Aula 10: Continuação da aula 09 - Levantamento.....	92
Figura 22 - Vídeo para descontrair.....	93
Figura 23 - Aula 11: Fundamentos do voleibol - Ataque ou cortada.....	94
Figura 24 - Aula 12: Continuação da aula 11 - Ataque ou cortada.....	95
Figura 25 - Vídeo para descontrair.....	96
Figura 26 - Aula 13: Fundamentos do voleibol - Bloqueio.....	97
Figura 27 - Aula 14: Continuação da aula 13 - Bloqueio.....	98
Figura 28 - Aula 15: Fundamentos do voleibol - Defesa.....	99
Figura 29 - Aula 16: Continuação da aula 15 - Defesa.....	100
Figura 30 - Aula 17: Sistemas de jogo e formações no voleibol.....	100
Figura 31 - Voleibol na terceira idade.....	101
Figura 32 - Enquete sobre os fundamentos do voleibol.....	102

Figura 33 - Aula 18: Jogadas no voleibol.....	103
Figura 34 - Vídeo motivador.....	104
Figura 35 - Aula 19: Termos e gírias utilizados no voleibol.....	104
Figura 36 - Aula 20: Variações do voleibol.....	105
Figura 37 - Vídeo para descontrair.....	106
Figura 38 - Despedida e agradecimento.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estruturação do Processo Pedagógico.....	46
Quadro 2 - Motivos para utilização da rede social <i>Facebook</i>	69
Quadro 3 - Contribuições da rede social <i>Facebook</i> como AVA.....	71
Quadro 4 - Dificuldades relacionadas à rede social <i>Facebook</i> no AVA.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
ACM	Associação Cristã de Moços
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNINTER	Centro Universitário Internacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 FORMAÇÃO E VIVÊNCIA PROFISSIONAL: ENTRELAÇANDO SENTIDO ENTRE DOCÊNCIA E EDUCAÇÃO FÍSICA	15
1.2 JUSTIFICANDO A PESQUISA.....	17
2 A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR	22
2.1 HISTÓRIA	22
2.2 LEGISLAÇÃO	26
2.3 SIGNIFICADO E OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	30
2.4 RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	33
2.5 O ENSINO DO VOLEIBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO.....	36
3 A INFLUÊNCIA DAS TIC NA CONTEMPORANEIDADE	48
3.1 A REDE SOCIAL FACEBOOK.....	52
3.2 A REDE SOCIAL FACEBOOK COMO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM	55
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	61
4.1 ABORDAGEM DE PESQUISA.....	61
4.2 OS SUJEITOS PESQUISADOS E O PROCESSO ÉTICO DA PESQUISA.....	62
4.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	64
4.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	64
4.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO REALIZADA NOS DADOS DO QUESTIONÁRIO....	65
4.6 CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS AULAS TEÓRICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE SOCIAL FACEBOOK.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE 1	117
APÊNDICE 2	118
APÊNDICE 3	119
APÊNDICE 4	120
ANEXO 1	161

1 INTRODUÇÃO

1.1 FORMAÇÃO E VIVÊNCIA PROFISSIONAL: ENTRELACANDO SENTIDO ENTRE DOCÊNCIA E EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Desde a infância sempre tive duas paixões: o esporte e o sonho de ser professora. Mesmo pequenina já dava aulas de ginástica para as amiguinhas e acredite, brincar de professora no cano da balança com minhas “atletas” de ginástica, era divino e prazeroso. Na adolescência com o corpo esguio, comecei a praticar voleibol e o despertar para esse novo esporte me transformou em atleta por vários anos, passando por clubes e seleções vi minha adolescência passar como num toque de magia e também como num toque de magia veio as responsabilidades pertinentes aos jovens: vestibular e a escolha da profissão.

Sem pestanejar escolhi a Educação Física e já no primeiro vestibular em 1993, tive acesso à Universidade. Meu sonho de atleta foi deixado de lado para seguir meu sonho de ser professora. Na Pontifícia Universidade Católica do Paraná exerci meus dons como acadêmica e como atleta de voleibol, como boa estudante e, principalmente, como professora, pois no primeiro ano estagiei pela Prefeitura Municipal de Curitiba em um projeto que trabalhava com crianças carentes chamado Projeto Piá, nesse local fui adquirindo muita experiência e amor pela minha profissão.

Ainda durante a graduação, trabalhei como professora estagiária de natação, professora de Educação Física na Escola Primeiros Passos e desenvolvi um trabalho voluntário como técnica de voleibol para meninas da comunidade na Paróquia São Miguel, em Curitiba. No terceiro ano de faculdade prestei concurso para o Estado do Paraná como professora de Educação Física, atuando por dois anos na rede pública de ensino. No final do ano de 1996, ao término de minha faculdade, prestei concurso federal para o Ministério do Exército e estou lá desde então, no Colégio Militar de Curitiba. Atuo como professora de Educação Física, trabalhando com a modalidade esportiva voleibol e sendo técnica também deste esporte.

Dei sequência aos meus estudos realizando uma Pós-Graduação *Lato Sensu*

¹ Nesta parte da introdução o texto encontra-se na 1ª pessoa do singular, pois retrata a vivência profissional da pesquisadora. Os demais capítulos da dissertação encontram-se na 3ª pessoa do plural.

intitulada Ciências do Esporte na Promoção da Saúde. Fiz vários cursos, seminários, congressos para me manter atualizada, mas, com a maturidade veio a necessidade de dar continuidade aos meus estudos, entrando em 2015 no Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional - UNINTER. Durante o percurso do mestrado atrelei a pesquisa da minha dissertação à minha prática profissional, e diante da minha caminhada venho por meio desta dissertação apresentar a pesquisa intitulada: **Rede Social Facebook como Ambiente Virtual de Aprendizagem na disciplina de Educação Física no Ensino Médio.**

Saliento que a intenção desse estudo é investigar a rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem (AVA), a fim de contribuir de maneira positiva com referenciais metodológicos para uma educação de qualidade. Estamos vivenciando a era da sociedade conectada, onde o cotidiano da maioria dos cidadãos está altamente ligado às tecnologias de informação e comunicação (TIC) e, principalmente, conectado as redes sociais².

A rede social *Facebook* pode ser utilizada de forma didática como um ambiente virtual de aprendizagem no apoio as aulas de Educação Física, viabilizando a socialização dos conhecimentos construídos em aulas teóricas e práticas, promovendo o desenvolvimento da aprendizagem e transformando-se em uma ferramenta que estimula os alunos para adquirir o conhecimento, pois perpassa a linha limítrofe do ambiente escolar no qual eles estão inseridos.

Enquanto docente de Educação Física me deparo diariamente com o preconceito dos próprios discentes em relação às aulas teóricas, ouvindo inúmeras reclamações sobre o assunto. Então me indaguei sobre o seguinte dilema que enfrento em minha prática pedagógica diariamente: Como trabalhar os referenciais teóricos nas aulas de Educação Física sem que os alunos façam alguma reclamação e sintam prazer na disciplina?

Então, buscando novos caminhos metodológicos para as aulas de Educação Física me ocorreu a ideia de proporcionar aos educandos uma forma de estudo diferente da realidade escolar em que eles se encontram, inserindo a rede social

² Redes sociais podem ser definidas aqui como um serviço baseado na internet onde é possível criar e manter um perfil público dentro de um sistema pré-determinado.

Facebook como um recurso favorável ao processo de ensino e aprendizagem, incentivando o discente a participar das aulas teóricas na rede social *Facebook*.

1.2 JUSTIFICANDO A PESQUISA

A pesquisa realizada nesta dissertação justifica-se pela importância em investigar e apresentar novas possibilidades metodológicas para o ensino de Educação Física, utilizando as tecnologias da informação e comunicação como recursos favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem. As TIC apresentam-se como um conjunto de recursos tecnológicos, que quando utilizadas de forma integrada e com objetivos bem definidos contribuem significativamente ao processo de ensino e aprendizagem, principalmente, na educação a distância.

É importante destacar que novas metodologias de ensino e novos recursos didáticos precisam ser incorporados às aulas de Educação Física, pois estas não podem ficar limitadas somente ao desenvolvimento de atividades e aulas práticas, o “bater bola” para os alunos. É necessário que haja a relação entre teoria e prática para que o processo de ensino e aprendizagem se torne verdadeiro e possibilite uma nova visão educacional se tornando um processo de ensino ativo, contínuo e criativo.

Vale aqui salientar, que as TIC são verdadeiras ferramentas de acesso a informação, que permitem comunicação e interação e despertam interesse nos alunos em utilizá-las. Cabe por oportuno destacar também, que no atual cenário da educação brasileira um grande desafio para os docentes se dá diante da utilização das tecnologias e da sua apropriação para tornar as aulas mais atrativas, com o objetivo de facilitar o entendimento do conteúdo lecionado.

A aproximação do docente perante o universo tecnológico se torna cada vez mais necessária, pois as tecnologias utilizadas na educação potencializam a aprendizagem dos alunos.

Para Molin e Raabe (2012), as TIC estão promovendo profundas mudanças na sociedade, e os profissionais da educação devem acompanhar tais transformações a fim de utilizá-las adequadamente em sua prática pedagógica.

Aposto ainda que a busca da atualização transcende a instrução formal, pois na velocidade desta evolução somente com o uso constante das TIC será possível estar atualizado, como afirma Kenski (2003), o conhecimento precisa ser frequentemente reconstruído devido à constante transformação que as TIC exercem sobre ele.

Para Soares e Valentini (2012), a sociedade vive imersa no contexto digital, onde existe a influência direta das tecnologias mudando as novas formas de comunicação e expressão. Para as autoras, é fundamental incorporar as tecnologias digitais na educação como elemento catalisador das mudanças nas práticas docentes e na cultura escolar vigente. Ressaltam ainda, que as demandas da educação são embasadas na necessidade de desenvolver o pensamento criativo, a autonomia e a capacidade de aprender a aprender (SOARES; VALENTINI, 2012).

Estamos vivendo a era da globalização, onde informações chegam dos quatro cantos do mundo, levando-nos a refletir sobre a atuação do professor neste processo, onde não basta apenas a disponibilidade das TIC, é necessária uma mudança de postura, principalmente, dos docentes que devem se adequar ao novo modelo proposto buscando estarem sempre atualizados, renovando suas abordagens de maneira a aperfeiçoar a comunicação com os discentes.

Somente investigando as formas de uso das TIC e avaliando sua influência direta no discente poderemos dimensionar e direcionar seu emprego para possibilitar uma melhoria na qualidade da educação.

Dentro desta perspectiva, proponho o uso da rede social *Facebook* como um ambiente virtual de aprendizagem para os alunos e como apoio às aulas de Educação Física. Considerando que o *Facebook* é a maior rede social dos últimos tempos e que apesar de ter sido criado com o intuito de promover o relacionamento online entre os alunos de Harvard, no ano de 2004, ele se destaca, nos tempos atuais, como um grande aliado à educação.

Segundo Peeters (2015), com a utilização do *Facebook*, além das aulas presenciais há uma ampliação significativa do ambiente de aprendizagem, sendo benéfico ao aluno, onde a comunicação entre eles se torna motivadora e dinâmica para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autorreflexão.

Portanto, fica clara que a articulação entre a teoria e a prática nas aulas de Educação Física por meio dessa rede social é totalmente benéfica. Outro aspecto positivo justifica-se pela facilidade na utilização dessa rede social e pelo fato desta estar inserida no meio social dos alunos e por constituir-se como um recurso pedagógico extremamente eficaz, pois, como afirma Ferreira, Côrreia e Torres (2012), o *Facebook* é mais atrativo, e permite incorporar, personalizar, redimensionar, dinamizar e agregar sentido ao aprendizado.

A aula prática na disciplina de Educação Física é muito utilizada pelos professores

no Ensino Médio, mas, a aula teórica ainda não é, se tornando algo desafiante, apesar, dos professores saberem da importância da relação entre teoria e prática. Dessa forma, apresentamos o seguinte problema como foco central dessa dissertação:

Como a rede social *Facebook* pode contribuir como ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensino na disciplina de Educação Física, especificamente, na modalidade esportiva voleibol para alunos do ensino médio?

Na busca por respostas ao problema que norteia esta dissertação, temos como objetivo geral: **propor a rede social *Facebook* como um ambiente virtual de aprendizagem para organizar de forma sistematizada a disciplina de Educação Física do ensino médio, o conteúdo voleibol.**

E como objetivos específicos:

- a) pesquisar sobre a rede social *Facebook* e suas possíveis contribuições para a educação;
- b) analisar a percepção dos professores sobre a rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem para a disciplina de Educação Física no ensino médio;
- c) identificar as contribuições e implicações da rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem diante da percepção dos professores de Educação Física do ensino médio.

Para atingir os objetivos propostos na dissertação, optamos por uma metodologia de abordagem qualitativa do tipo exploratória para compreender e interpretar o fenômeno pesquisado. Pois, conforme enfatiza Chizzotti (2006, p. 28), a pesquisa qualitativa recobre hoje:

[...] um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2006, p. 28).

Vale referenciar que o estudo qualitativo é interpretativo, experimental, situacional e personalístico, podendo facilitar a triangulação dos dados (STAKE, 2011).

Para a realização da presente pesquisa, estruturamos a dissertação em cinco capítulos, sendo este o primeiro, destinado à introdução e à justificativa da importância da temática pesquisada.

No segundo capítulo intitulado “A disciplina de Educação Física no ambiente escolar”, nos aproximaremos do conceito de Educação Física, da legislação que oferece respaldo legal para essa ação educativa, da sua função como disciplina e dos parâmetros curriculares que fornecem as diretrizes e enobrecem essa disciplina, além, de discutir a relação entre teoria e prática na Educação Física e apresentar a modalidade esportiva voleibol, fundamentando-se em Almeida e Fensterseifer (2014), Betti e Zuliani (2002), Finck (2012), Bizzocchi (2008), Oliveira (2011), Medina (2010), Altmann (2015), Kunz (2006), Tubino (2011), Gramorelli (2014), Impolcetto (2012) e Mueller (2009).

O terceiro capítulo, intitulado “A influência das TIC na Contemporaneidade”, faz um balanço geral sobre as TIC, explica a rede social *Facebook* e a descreve como Ambiente Virtual de Aprendizagem, fundamentando-se em Ferreira (2015), Ferreira, Corrêa e Torres (2012), Soares e Valentini (2012), e Silva (2012).

O capítulo quarto, “Percurso Metodológico da Pesquisa”, refere-se à análise e discussão dos resultados. Apresenta uma descrição detalhada do *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem utilizado nas aulas teóricas de Educação Física, na modalidade de voleibol para alunos do ensino médio.

Na investigação foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário que foi entregue pessoalmente aos participantes da pesquisa. Os participantes da pesquisa são professores da disciplina de Educação Física do ensino médio de escolas públicas e privadas. O processo de análise de dados atendeu as orientações de Bardin (2011), diante da análise de conteúdo realizada nos questionários. A Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoam constantemente e que se aplicam a discursos diversificados na pesquisa de campo (BARDIN, 2011). Bardin (2011, p. 37) complementa que: a análise de conteúdo,

[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto [...].

E, por último, o quinto capítulo explanará as Considerações Finais, onde retomamos a proposta da pesquisa com seus objetivos e problema, procurando respondê-los, apresentando os resultados a partir da análise e interpretação dos dados coletados e também da reflexão sobre o *Facebook* como Ambiente Virtual de Aprendizagem na disciplina de Educação Física no ensino médio.

Essa pesquisa não pretende gerar ou estabelecer uma regra específica para a elaboração e implantação das TIC na Educação Física e, sim, visa demonstrar que a utilização do *Facebook* como ferramenta pedagógica pode se tornar um método diferenciado no aprofundamento teórico e também no desenvolvimento de conhecimentos construídos e trazidos pelos jovens. Sendo assim, nesta pesquisa pretende-se demonstrar as diferentes questões levantadas pelos teóricos que tratam da Educação, da Educação Física e das TIC e como essas discussões epistemológicas e novos paradigmas educacionais estão relacionados com o objeto de estudo desta dissertação.

2 A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Em meio ao atual cenário educacional brasileiro, a disciplina de Educação Física vem ganhando destaque em relação a outras tantas disciplinas. A incansável busca por qualidade de vida se tornou fundamental para o desenvolvimento dessa disciplina, contribuindo de maneira eficaz para a formação integral do aluno.

2.1 HISTÓRIA

Desde a pré-história o movimento humano é fundamental, pois, as atividades humanas eram realizadas a partir dele.

Segundo Oliveira (2011), não é desse contexto a origem da Educação Física científica, mas, se torna possível analisar as atividades físicas pelos registros escritos das suas realizações. O autor complementa afirmando que tudo indica que por volta de 2.700 a. C., os chineses tenham sido os primeiros povos a racionalizar o movimento humano, com finalidades terapêuticas, utilizando o *Kung-Fu* (a arte do homem). Para Oliveira (2011), talvez a China seja a possuidora da mais antiga história do esporte e que certamente foi o país que mais influenciou a Educação Física no Extremo Oriente. Os chineses foram hábeis caçadores, lutadores, nadadores, praticantes de esgrima, do hipismo e de um esporte similar ao futebol (*tsu-chu*), esporte que possui registros que remontam ao III século a. C., servindo inicialmente para comemorar os aniversários dos imperadores, contagiando a população posteriormente (OLIVEIRA, 2011, p. 23).

Ainda de acordo com Oliveira (2011), há registros milenares da Índia com sua *Hatha-ioga*, doutrina que utilizava e utiliza até os dias de hoje, exercícios ginásticos integrados à respiração e meditação, unindo o físico, o intelectual e o emocional em uma só atividade. Também há registros dos egípcios em suas tumbas com cenas de lutas e imagens de corpos fortes e esculpidos e os gregos, com sua filosofia pedagógica de não separar a educação dos aspectos físico, intelectual e do espiritual, considerando que o homem é somente humano enquanto completo, reforçando a crença da importância da Educação Física até os dias atuais.

Oliveira (2011, p. 24) salienta que no livro: “A República” Platão fala por intermédio de Sócrates a respeito do tipo de educação pela qual os guardiões de sua cidade utópica deveriam passar:

Muito bem: façamos de conta que temos uma hora disponível para contar histórias, e essa história seja educação de nossos heróis.

- Perfeitamente.

- Qual será, pois, essa educação? Haverá outra melhor do que a tradicional? Esta compreende, segundo creio, a ginástica para o corpo e a música para a alma.

- Assim é.

Esta citação é um marco histórico sobre a importância da Educação Física, pois “A República” é um importante tratado da cultura Grega que é a base da evolução filosófica da sociedade ocidental. Segundo Vaz (2004, p. 3):

Desde a aurora da cultura ocidental (cujos começos se situam convencionalmente em torno do século VIII a. C., na Grécia), a reflexão sobre o homem aguilhada pela interrogação fundamental “o que é o homem? ”, permanece no centro das mais variadas expressões da cultura: mito, literatura, ciência, filosofia, *ethos* e política.

Nas pesquisas de Oliveira (2011), ressalta-se que na Grécia surgem os Jogos Gregos, dando destaque aos Jogos Olímpicos que perpetuaram durante os anos, fazendo do esporte um grande palco e alimentando sonhos de crianças, jovens e adultos que iniciaram sua experiência esportiva em aulas de Educação Física.

O autor corrobora com seus estudos, complementando que após a Grécia, vem Roma, com suas instalações esportivas, depois vem a Idade Média com a divisão de Roma e a abolição dos Jogos Olímpicos, seguida posteriormente pelo Renascimento, que no século XVIII fundamentaram os alicerces da Educação Física.

Com a Revolução Industrial e a Francesa, ambas no século XIX, houve quatro correntes que dedicaram uma atenção maior à Educação Física, segundo Oliveira (2011) são elas:

- a) a Corrente Alemã com sua Ginástica;
- b) a Corrente Francesa, que foi a de maior importância para Educação Física brasileira, com a introdução da ginástica por militares;
- c) a Corrente Nórdica, palco da frutificação das ideias pedagógicas alemãs e;
- d) a Corrente Inglesa, que influenciou com seus jogos e esportes.

Assim, a Educação Física acompanhou o percurso histórico da humanidade e tem continuidade através dos anos, mesmo com seus altos e baixos, até os dias atuais.

Dando continuidade ao breve histórico, Oliveira (2011), relata que no século

XX, Pierre de Frey, o Barão de Coubertin, introduziu o esporte na educação francesa e restaurou os Jogos Olímpicos, contribuindo de maneira eficaz para a propagação e perpetuação da Educação Física mundial.

Assim como no mundo, o Brasil pré-colonial valorizava o movimento humano através dos nossos indígenas, que praticavam as mais diversas atividades, envolvendo o desenvolvimento físico, como: arco e flecha, natação, corrida, caça, pesca, lutas, canoagem, remo e montaria. É importante salientar que algumas atividades eram praticadas em forma de competição entre as tribos e que demonstravam um paralelo com os acontecimentos nas sociedades ditas mais civilizadas, (sendo a atividade física) maior que o conceito de civilidade.

Segundo Oliveira (2011), o jogo de peteca é uma contribuição original dos indígenas brasileiros ao universo esportivo nacional. Outra contribuição nacional para o cenário esportivo é a capoeira, sendo hoje, um esporte institucionalizado.

A Educação Física na conjuntura brasileira vem gradativamente ocupando o lugar que lhe cabe dentro das Ciências Humanas, embora, toda evolução, tenha sido trilhada por um caminho difícil.

Na concepção de Finck (2012), a Ginástica - antiga denominação da Educação Física - foi introduzida na educação brasileira por volta de 1874. Alguns anos mais tarde, em 1922, Rui Barbosa instituiu o projeto 224, conceituado como “Reforma do Ensino Primário”, em várias instituições complementares da instrução educacional Pública, ressaltando especialmente a Educação Física como fator formador de jovens.

Toda a organização social dominante neste contexto valorizava a diferença entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, sendo o último atribuído aos menos favorecidos e o primeiro especificamente a elite dominante do período (FINCK, 2012).

Nessa perspectiva, centrados nesta visão de homem e também de mundo, a classe do contexto foi resistente à introdução da ginástica na estrutura educacional, por esta ser semelhante ao labor manual, ou, por a considerarem desprovida de valores intelectuais. Apesar da classe dominante se opor radicalmente, na época, aos cursos de ginástica, este repúdio não foi suficiente para conseguir extingui-la dos currículos escolares (FINCK, 2012).

Segundo a autora supracitada, a Educação Física nos séculos XVIII e XIX era fortemente influenciada pelas instituições médica e militar, nas quais seus intuítos eram formar pessoas com corpos saudáveis. Já no século XX, a autora ainda afirma que na escola, o esporte substituiu a ginástica, sendo utilizado como meio de

adaptação social sem deixar de estar vinculado ao rendimento.

Nos estudos de Betti e Zuliani (2002), a Educação Física é uma expressão que surgiu no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a evolução da educação. Com o decorrer dos anos, a Educação Física passou a se preocupar com a Educação moral e intelectual, assumindo a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, com isso, passou a formar o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas, da dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

No decorrer dos anos, pesquisas foram realizadas por estudiosos da Educação Física, gerando grandes conhecimentos relativos a prática pedagógica escolar, tornando possível determinar tendências pedagógicas e identificar as concepções de educação em cada época da sua história.

Em seus estudos Júnior (2007, p. 16), resgatou cinco Tendências da Educação Física no Brasil. São elas: “A educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagogicista (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós-64); e, finalmente, a Educação Física Popular”.

De forma geral, na Educação Física Higienista a ênfase está nos hábitos de higiene e na saúde do indivíduo, cabendo à Educação Física a formação de indivíduos fortes, sadios e bem-dispostos. A Educação Física Militarista tem a visão de obter através de regras e formas rígidas, indivíduos capazes de suportar o combate, a luta e a guerra sendo que a coragem, a vitalidade, o heroísmo e a disciplina exacerbada fazem parte dessa tendência. A Educação Física Pedagogicista encara a Educação Física como uma prática educativa que vai através da educação do movimento promover a educação integral e não apenas a educação capaz de manter a saúde ou de disciplinar jovens. Na Educação Física Competitivista há a promoção do esporte *performance*. Na Educação Física Popular, conceitos como inclusão, lazer, qualidade de vida, participação e cooperação passam a fazer parte da disciplina (JÚNIOR, 2007).

Em seu processo evolutivo a Educação Física tem produzido muitos conhecimentos científicos e referenciais importantes, entre eles, o conhecimento do movimento humano na sua complexidade, contribuindo significativamente para verdadeiras transformações nessa área.

Em seus estudos sobre a Educação Física Escolar, Finck (2012 p. 19) destaca

que “a Educação Física aponta para caminhos mais significativos, pois as discussões evoluíram e resultaram em muitas contribuições e possibilidades de reflexão oriundas de novos estudos realizados e desenvolvidos, retratados em um acervo bibliográfico que ao se expandir no meio acadêmico, acabou contribuindo também para uma valorização da prática da atividade física e esportiva”.

2.2 LEGISLAÇÃO

Em 1996 foi criada a Lei n. 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Segundo Carneiro (2014, p. 21), a vigência de uma nova lei educacional,

[...] pode ser importante à medida que se consiga, a partir do seu conhecimento, um patamar mínimo de consenso social, um grau satisfatório de agregação de suportes políticos, uma sistemática de articulações producentes e, ainda, instrumentos adequados de controle de etapas e de resultados.

Para Carneiro (2014), com a Lei 9.394/96, surge um novo desenho de medidas de natureza estrutural envolvendo “gestão e financiamento da educação, reestruturação curricular, formação do professor, atualização dos conteúdos e inovação metodológica e, por fim, encorpamento de sistemas de ensino dinamicamente articulados” (CARNEIRO, 2014, p. 22).

Seguindo em frente com a LDB, o capítulo II, Art. 22 fala que a Educação Básica tem como objetivo desenvolver o educando e assegurar uma formação comum indispensável para o exercício da cidadania, oferecendo meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1996). Sendo assim, seguindo a mesma linha deste artigo, a Educação Física, com todos os benefícios que promove ao indivíduo, deve fazer parte indiscutivelmente da gama de vivências que a educação básica proporciona aos cidadãos. Já o Art. 26 da LDB dispõe, *in verbis*:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

Evidenciando a importância das especificidades regionais na construção do currículo na disciplina de Educação Física, que, a exemplo das demais disciplinas,

possui a possibilidade de adaptar seus conteúdos às peculiaridades da cultura regional, consegue inserir temas de interesse e relevância local, sempre objetivando a busca de uma aprendizagem significativa, contribuindo de fato para a formação integral do cidadão.

Posteriormente, no Art. 26. Inciso 3º, a redação fala da disciplina da Educação Física:

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
 I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
 II – maior de trinta anos de idade; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
 III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
 IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)³
 V – (VETADO), (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
 VI – que tenha prole. (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003) (BRASIL, 1996).

Essas exceções que constam na LDB quanto a prática facultativa da Educação Física, visam não sobrecarregar os enquadrados nas regras, a fim de não comprometer o processo escolar.

Mais adiante, no Art. 27 há um adendo sobre a observação de diretrizes nos conteúdos curriculares da educação básica pertinente a Educação Física: “Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: (...) IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais” (BRASIL, 1996).

A Seção IV da LDB trata do Ensino Médio, tema desta dissertação, tendo acrescido em sua redação o Art. 35-A, que rege sobre:

A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)
 I - linguagens e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)
 II - matemática e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)
 III - ciências da natureza e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)
 IV - ciências humanas e sociais aplicadas. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017) (BRASIL, 1996).

³ O Decreto-Lei nº 1.044, fala de doenças que podem ser agravadas com a prática de atividade física

Complementando o Art. 35-A da LDB no Inciso 2º, podemos observar que a Educação Física mais uma vez aparece intensificando a sua obrigatoriedade na educação básica: “§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)” (BRASIL, 1996).

Após a criação da LDB em 1996, entraram em vigor em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que em seus documentos norteadores propõem uma orientação curricular da educação escolar no país, consolidando a cultura corporal do movimento como objeto metodológico de estudo da Educação Física na escola. Busca a integração do aluno na perspectiva da cultura corporal do movimento humano, fazendo com que ele seja capaz de usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício próprio e também na melhoria de sua qualidade de vida (BRASIL, 2000).

Dessa forma, Gramorelli (2014, p. 23) complementa que o conceito de cultura corporal,

[...] aparece no cenário da área atrelado a renovação quanto ao entendimento das finalidades da Educação física. A circulação do conceito de cultura corporal em documentos curriculares oficiais do Estado Nacional se deu a partir dos discursos postos no debate acadêmico, surgindo no Brasil primeiramente por Valter Bracht em 1987, publicado em 1989, e posteriormente na incorporação do termo cultura corporal pela Proposta Curricular do Estado de Pernambuco (1990), sendo este um marco importante na apreensão do tema em questão.

Segundo Daolio (2007), a cultura é o principal conceito da Educação Física, pois de acordo com a concepção desse autor, todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural de cada país. Ainda de acordo com o autor, o professor de Educação Física trabalha com o ser humano, valorizando suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, que foram definidas historicamente como jogo, esporte, dança, luta e ginástica.

Para Caparroz (2005), a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, adota formas de atividades expressivas corporais como: o jogo, os esportes, a dança, e a ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que pode ser chamada de cultura corporal.

Os PCN são até hoje, fundamentais no cenário brasileiro, pois, norteiam e auxiliam os professores nos conteúdos e didáticas pedagógicas. Na Educação Física, esse documento não restringe o ensino de atividades físicas ao universo das

habilidades motoras e dos fundamentos esportivos, mas busca sua valorização, pois, o ensino das atividades físicas inclui os conteúdos conceituais e metodológicos de regras, históricos e táticas.

O referido documento apresenta os conteúdos da Educação Física escolar divididos em três blocos de conhecimento: 1º- Os esportes, os jogos, as lutas, as ginásticas. 2º- Atividades rítmicas e expressivas e 3º- Os conhecimentos sobre o corpo (BRASIL, 2000).

Ao discorrer sobre o PCN de Educação Física, Gramoreli (2014, p. 95) comenta que devemos valorizar,

[...] o ensino das atividades físicas sem restringi-lo ao universo das habilidades motoras e dos fundamentos dos esportes. Ele vai além, incluindo os conteúdos conceituais de regras, táticas e alguns dados históricos factuais de modalidades, somados a reflexões sobre os conceitos de ética, estética, desempenho, satisfação, eficiência, entre outros. Tudo isso com base na vivência concreta dos alunos, o que viabiliza a construção de uma postura de responsabilidade perante um e outro aluno. Dessa forma, o aluno irá adquirir uma maior autonomia para aprender a aprender.

Por esse aspecto, é fundamental que o professor adote uma postura reflexiva considerando essencialmente a qualidade e a quantidade de experiências didáticas de aprendizagem oferecidas ao aluno no ambiente escolar. Sendo necessário que o professor saiba identificar os valores, os preconceitos e, inclusive, os estereótipos que estão presentes nesse ambiente, contribuindo para que este ambiente escolar se torne motivador para a aprendizagem. Para tanto, o educador deve buscar promover a função social da estrutura educacional, ou seja, promover um espaço de troca de experiências, onde os alunos tenham acesso à prática esportiva, de forma a refletir sobre a cultura corporal do movimento.

Além disso, o embasamento teórico dos Parâmetros Curriculares estabelece que o professor de Educação Física deve buscar meios didáticos e metodológicos que garantam a vivência prática da experiência corporal nas aulas, incluindo o aluno na elaboração das propostas viáveis e criativas de ensino e aprendizagem, com base na própria realidade social e pessoal dele. Com isso procura fazer com que o aluno analise sua percepção de si e do outro, sanando suas dúvidas e necessidades de compreensão dessa mesma realidade onde ele está inserido. Desta forma, pode-se caracterizar um ambiente de aprendizagem significativa, que faça sentido para o aluno, no qual ele seja participativo e tenha a possibilidade de refletir sobre suas

escolhas e trocas de informações, além de estabelecer questões e construir as hipóteses na tentativa de respondê-las.

Em 2017 a LDB sofreu consideráveis mudanças. Tratando do ensino médio, verifica-se que com essas mudanças legislativas há a possibilidade de que os conteúdos estudados, sejam posteriormente, aproveitados no ensino superior. Dessa forma, o currículo do ensino médio é fundamentalmente composto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), embasado pelas diretrizes formativas e definidas em cada sistema de ensino, enfatizando as áreas de linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e também a formação técnica e profissional.

Para Carneiro (2014), embora o novo texto legal passe a normatizar imediatamente após a implantação da redação de uma referida lei, o ritmo das mudanças na sociedade vai se incorporando de forma gradativa ao cenário brasileiro.

As leis representam os anseios sociais frente a um momento histórico, trata-se de uma construção coletiva que se expressa pela formalização da legislação, logo, as mudanças legislativas não devem ser vistas como algo nefasto, mas como uma constante reconstrução e adaptação dos elementos normativos às necessidades da população.

Nesse sentido, Catunda, Sartori e Laurindo (2014) destacam a contribuição da disciplina de Educação Física enquanto elemento de favorecimento para a aquisição de competências motoras e ampliação do repertório de movimentos e hábitos da prática regular de atividades físicas.

É fundamental que a disciplina de Educação Física esteja contextualizada na estrutura educacional, pois é indiscutível a sua importância no desenvolvimento integral do aluno.

2.3 SIGNIFICADO E OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A visão distorcida de alguns professores quanto o verdadeiro significado da Educação Física cria em vários momentos, professores descompromissados com o verdadeiro propósito dessa disciplina, que é, como dito anteriormente, o desenvolvimento integral do discente.

Defendendo a esta questão, Cavaliere Junior e Vera (2009) reiteram que a Educação Física Escolar, diferentemente da biologia e outras disciplinas, é uma disciplina que está ligada diretamente e exclusivamente ao corpo humano, enquanto

que a biologia se preocupa não somente com os Seres Humanos, mas sim com os Seres-Vivos em geral. Tendo em vista este aspecto, a escola deve permitir ao professor de Educação Física, que este não se prenda apenas às quadras, mas também ensine aos alunos sobre hábitos saudáveis e doenças sexualmente transmissíveis, sobre a genética, entre outros temas pertinentes, que certamente colaboram com a formação dos discentes.

Darido *et al.* (2010), entendem que a Educação Física juntamente com os demais componentes curriculares escolares, deve propiciar fundamentalmente ao aluno o exercício da cidadania, buscando durante o processo de ensino e aprendizagem a formação do aluno crítico e reflexivo, direcionando-o para a conquista de sua autonomia, por meio do conhecimento, da criticidade e da transformação da cultura corporal de movimento.

O profissional de Educação Física, segundo Medina (2010), deve estar sempre atento ao seu papel de agente renovador e transformador na sociedade. Para Bracht e Caparroz (2007), os professores inseridos nesse contexto devem tornar a disciplina de Educação Física mais interessante, definindo objetivos para contribuir de maneira eficaz na formação integral dos alunos e também proporcionar iguais oportunidades de aprendizagem a todos que participam desse processo.

Para Almeida e Fensterseifer (2014), os professores de Educação Física não devem ser meros expectadores passivos ou aplicadores de soluções pensadas por outros, mas, devem sim, essencialmente, serem protagonistas das mudanças no contexto onde estão inseridos. Para os autores, “o professor não pode aplicar a teoria na prática e sim buscar (re) construir, (re) inventar essa prática com referência e embasamento em ações/experiências e em reflexões/teorias” (ALMEIDA; FENSTERSEIFER, 2014)

No contexto acima descrito, verifica-se que o professor deve ter uma postura embasada em sólidas bases comprometidas com a formação do conhecimento, onde se possa conduzir as atividades de sua disciplina de forma responsável, valorizando e também visando a segurança individual e coletiva dos alunos, baseando a sua conduta de forma ética e moral, contribuindo diretamente para a formação integral do indivíduo. Almeida e Fensterseifer (2014), entendem que um dos principais objetivos da Educação Física é oferecer aos alunos o conhecimento das diferentes manifestações da cultura corporal de movimento que possam auxiliá-los a praticar, analisar, compreender, de maneira crítica e sensível, os temas/conteúdos produzidos

e incorporados pela Educação Física em benefício de sua constituição humana, de intervenção no mundo, buscando construir as condições de vida desejáveis.

Corroborando com os autores supracitados, verifica-se que é de extrema importância que o professor de Educação Física tenha definido qual o objetivo central de sua atuação, que busque pensar e conceber a Educação Física como componente curricular, articulado a um projeto educacional e que não poupe esforços para que os alunos se tornem participantes ativos e críticos na construção do seu próprio processo de aprendizagem.

Para Steinhilber (2013), é importante que o professor considere em sua atuação que o objetivo da Educação Física Escolar é contribuir na formação geral dos estudantes, por meio do desenvolvimento de cultura das capacidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais, visando à aquisição do hábito da prática regular de atividades físicas como componente fundamental da educação para uma vida saudável. Para o autor, a Educação Física é um caminho privilegiado e importante da Educação, devido as suas possibilidades de buscar o desenvolvimento da dimensão motora e afetiva dos alunos, conjuntamente com os domínios cognitivos e sociais, e por tratar de um dos preciosos recursos humanos, que é o corpo.

Oliveira (2011) sustenta que a característica essencial da Educação Física é o movimento. Para o autor, não há Educação Física sem o movimento humano, distinguindo-a fundamentalmente das demais disciplinas. A Educação Física é concebida enquanto:

- a) processo individual, desenvolvendo potencialidades humanas;
- b) fenômeno social, ajudando o homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence e, enquanto educação, não procura o rendimento máximo, e sim o ótimo, ajudando os indivíduos a encontrarem o seu melhor aproveitamento.

Outro aspecto a salientar é que a iniciação do conhecimento dos esportes institucionalizados e o seu desenvolvimento acabou influenciando diretamente na formação cultural e social do indivíduo, tornando a Educação Física escolar um componente importante na vida dos alunos, pois contribui de forma objetiva e significativa na sua integração, tanto no ambiente interno quanto no ambiente externo no qual o educando está inserido.

Do ponto de vista de Altmann (2015), as aulas de Educação Física escolar dão

acesso ao conhecimento esportivo, onde para muitos alunos, será a única oportunidade de aprendizagem esportiva sistematizada e orientada. A autora também ressalta que a forma de ensinar esportes difere, em muitos aspectos, da organização do esporte espetáculo, ou seja, visando a democratização e à diversificação dessa experiência. Cabendo, portanto, reafirmar a função social das aulas de Educação Física, que garantem acesso a esse conhecimento chamado esporte. A escola deve viabilizar formas de torná-lo acessível a todos os cidadãos, ainda que de formas distintas, inclusive no que se refere a uma aprendizagem corporal de jogo, de gestos técnicos e táticas esportivas.

Esta autora ainda afirma que se por um lado a realização de grandes eventos esportivos no contexto brasileiro pode potencializar o ensino e a abordagem deste conhecimento nas aulas de Educação Física, por outro lado, é necessário reinventar as formas de abordá-lo, no intuito de ampliar o conhecimento dos alunos, tornando o esporte acessível a todos.

Segundo Betti e Zuliani (2002), o objetivo central da Educação Física é o de preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, com capacidade de incorporar o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível, obtendo qualidade de vida.

Para tanto, o professor deve elaborar aulas de Educação Física mais reflexivas e críticas, que possam conduzir o aluno a ter consciência de si, dos outros e da sociedade em que está inserido, pois a Educação Física não pode limitar seu papel somente no repasse de informações. As aulas devem oferecer ferramentas eficazes para que o aluno possa escolher um caminho compatível com seus valores e também sua visão de mundo no decorrer de seu processo histórico.

2.4 RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Um dos problemas que a Educação Física enfrenta até os dias atuais é a relação teoria e prática no âmbito escolar. A pouca aceitação dos alunos por esse tipo de aula encontra-se na maioria das vezes vinculada a metodologias de ensino utilizadas pelo professor, onde as aulas teóricas não despertam o interesse do aluno.

É importante salientar que o apoio do conteúdo teórico tem como finalidade consolidar o conhecimento, direcionando, caracterizando e esclarecendo a importância da atividade física e seu impacto direto na saúde do praticante, buscando

também despertar e ampliar o interesse pela cultura esportiva. Batista e Betti (2005) corroboram afirmando que,

[...] além de relacionadas à cultura corporal de movimento, como a história das práticas corporais, construção e discussão de regras, resgate da cultura lúdica, atitudes de participação e cooperação, discussão de valores, respeito às diferenças de qualquer tipo, debate de temas associados às práticas corporais como doping, estética e beleza, violência, moda, propaganda e patrocínio esportivo, alimentação, estereótipos e muitos outros, devem constar dos programas de educação física (BATISTA; BETTI, 2005, p.139).

Em consonância com a explanação teórica dos autores Batista e Betti (2005), que propõem em sua produção científica o uso da TV nas aulas de Educação Física, salientando que a mesma pode ajudar, tornando-a dinâmica, atraente e próxima da realidade dos alunos, na presente pesquisa utilizou-se o *Facebook* como Ambiente Virtual de Aprendizagem para as aulas teóricas de Educação Física, para que os alunos, através dessa rede social, evidenciem a importância que essas aulas têm e, por conseguinte, despertem fundamentalmente o interesse pelas mesmas.

Batista e Betti (2005) ainda declaram que os professores devem buscar estratégias de ensino inovadoras e criativas, compatíveis com o contexto escolar concreto das escolas e de seus alunos.

Para Finck (2012), se torna necessário que os conhecimentos tematizados nas aulas sejam contextualizados, atualizados e abordados de forma mais atrativa e criativa. Assim, os alunos terão acesso a conhecimentos mais aprofundados, possibilitando ir além do nível de informação do senso comum, do nível básico, onde o encaminhamento teórico deve estar pautado nos preceitos maiores da educação, devendo, portanto, ser significativos, interessantes e prazerosos.

Contudo, vale ressaltar que os professores devem propor elementos que subsidiem a intervenção teórica em aulas de Educação Física, proporcionando aos alunos acesso ao conhecimento de forma reflexiva, criativa e efetiva.

Nas pesquisas de Finck, Taques e Ripka (2014) percebe-se a importância das aulas teóricas na Educação Física, quando os mesmos afirmam que o embasamento teórico é importante para a aplicação da prática esportiva, mas o professor não deve dar ênfase apenas aos gestos técnicos, mesmo que estes sejam fundamentais como elementos dos esportes devendo não ser a única preocupação do docente.

Nessa perspectiva é importante destacar que para que o aluno consiga conceber o esporte em sua totalidade, segundo Kunz (2006), é necessário estudá-lo

de diferentes formas nos seus sentidos e significados mais amplos e contextualizados. Já para Bracht e Almeida (2003), promover a alfabetização esportiva vai muito além da aprendizagem de destrezas; o esporte exige o desenvolvimento de competências que vão além dessas habilidades e que englobam a capacidade de situar histórica e socialmente essa prática humana, de perceber e analisar os valores que a orientam, e permite que se descubra os benefícios e os prejuízos de uma ou outra forma da prática esportiva. Ou seja, o esporte escolar instrumentaliza teoricamente e metodologicamente o indivíduo a compreender o fenômeno esportivo como um todo.

De acordo com Finck, Taques e Ripka (2014), o professor precisa organizar o trabalho pedagógico, para que por meio do movimento possa existir a reflexão, pois de certa forma, a expressão do corpo é uma linguagem que traz consigo vários significados, comportamentos e valores indispensáveis para o processo de ensino e aprendizagem na escola.

O Professor de Educação Física deve buscar em suas aulas o desenvolvimento integral do aluno, onde a aprendizagem intelectual deve ser estabelecida, não apenas estaticamente, pois, compreender e assimilar conteúdos intelectuais através do movimento é possível e necessário, se tornando ainda mais eficaz quando reforçados e enfocados através de aulas teóricas. Portanto, quanto maior o conhecimento de determinado esporte, maior será a autonomia do aluno. Entretanto, Betti e Zuliani (2002) observam que na Educação Física,

[...] não há delimitação clara entre conteúdos e estratégias; muitas vezes, eles se confundem. É o caso do jogo que, como sinônimo de lúdico, pode tanto ser visto como um conteúdo ou como uma estratégia de ensino. Esse rico acervo de estratégias e conteúdos, usado criativa e coerentemente por cada professor, em virtude de seus objetivos específicos, do contexto e das características e necessidades de sua clientela, possibilita à Educação Física a construção de uma metodologia de ensino singular em face das outras disciplinas, favorecendo em muito o desenvolvimento pleno do educando - afetivo, social e motor (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 77).

Toda essa contextualização nos leva a refletir o vasto caminho que a Educação Física percorreu até o momento, e quão ricas são as possibilidades de oferta dessa disciplina pelo professor. É necessário, apropriar-se desses conhecimentos, otimizando o processo de aprendizagem, possibilitando e ofertando uma educação integral, por meio do desafio contínuo de fazer com que os alunos interajam com os conteúdos ministrados em aulas teóricas e práticas.

2.5 O ENSINO DO VOLEIBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

O ensino do esporte escolar tem significados e valores educativos muito amplos, de extrema importância, pois, a escola é considerada a “célula *mater*” do desenvolvimento esportivo. Para Bracht *et al.* (2007), a compreensão do significado do “ensinar/aprender esporte” não é tão homogênea, pois, além de ensinar a praticá-lo, existe a ideia de aprender coisas sobre ele. Portanto, conhecer os esportes não significa apenas saber executá-los, mas também conhecer suas regras, sua história, assim como a sua inserção sociopolítica. Desta maneira, vislumbrar a possibilidade de efetivar uma proposta das pedagogias críticas da Educação Física que alia a prática esportiva a uma visão crítica do próprio fenômeno esportivo.

Com essa visão, novos sentidos e novas perspectivas estão surgindo para a prática pedagógica da Educação Física escolar. Bracht e Almeida (2003), afirmam que é preciso que o esporte passe por um trato pedagógico para que se torne um saber característico da escola e que se faça educativo na perspectiva de uma determinada concepção ou projeto de educação. Os autores não negam a importância do esporte escolar, mas condenam o esporte escolar com o foco no rendimento esportivo.

Corroborando com estes autores, Tubino (2011) argumenta que o principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte de rendimento. Segundo o autor, alguns dirigentes educacionais desconhecem a magnitude da utilização pedagógica do esporte como meio de educação, pois em seus estudos o autor percebeu que desde do ano de 1964 são identificadas finalidades opostas entre os esportes: *performance* e educação e, que apesar disso, ainda hoje, “persistem as exacerbações dos talentos em detrimento dos outros estudantes e até os vícios do esporte de alto nível na ambiência escolar” (TUBINO, 2011, p.45).

Segundo o mesmo autor, na segunda metade do século XX, o esporte foi considerado um dos mais relevantes fenômenos sociais do mundo. Contudo, nas últimas décadas deixou de ser apenas esporte de rendimento passando a incorporar os sentidos educativos e de bem-estar social. Para ele, o esporte pode ser dividido em três dimensões sociais: o esporte-educação, o esporte-participação que parte do lúdico e social e o esporte-*performance* ou de rendimento. Para este autor, o esporte-educação deveria chamar-se esporte “da” educação, já que tem um fim

eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo.

Segundo Tubino (2011), o esporte na escola pode ser um elemento essencial, um dos meios mais efetivos na formação dos jovens, sendo esta prática indispensável para o desenvolvimento da personalidade e para o processo emancipatório do aluno, devendo ser considerado como um caminho essencial e eficaz para o exercício pleno da cidadania. Constata ainda, que a referência em princípios sócio educativos tem sido a melhor forma de concepção do esporte-educação para um processo educativo eficaz.

Com o intuito de não desmerecer atletas e alunos, Tubino (2011), passou a dividir o esporte-educação em duas vertentes:

- a) o esporte educacional: tem como fim a formação para a cidadania, apoiado nos princípios de inclusão que reforçam a democratização do esporte para todos, com regras adaptadas e voltado para a formação do aluno e não o desenvolvimento de atletas;
- b) o esporte escolar: tem como fim oportunizar uma prática diferenciada, quase sempre no contra turno, para os jovens possuidores de talentos e biótipos adequados para determinada modalidade esportiva, sendo desenvolvido por meio de treinamentos específicos e competições. É considerado um esporte de rendimento inserido no meio escolar sem perder de vista seus valores educativos.

O ensino do esporte educacional requer muita atenção e percepção do professor de Educação Física quanto a maneira de tratar os alunos, pois, esses, não são atletas pré-selecionados, e sim, alunos com diferentes características, biótipos, níveis de habilidades e de coordenação, que devem ser respeitados, valorizados e trabalhados individualmente. Deve-se ressaltar que ao respeitar as peculiaridades do desenvolvimento humano, o professor conseguirá construir uma relação de confiança e respeito mútuo com seus alunos, oportunizando e otimizando o processo de aprendizagem. A valorização e respeito a diversidade deve ser primordial por parte do professor.

Conforme Finck, Taques e Ripka (2014), é possível que o esporte possa ser identificado como algo heterogêneo, pois, tem suas especificidades de acordo com o

meio cultural onde está inserido, desenvolvido e vivenciado pelos alunos. Afirmam que o grande desafio da Educação Física Escolar no atual contexto é o de promover ações e mudanças que possibilitem aos jovens uma reflexão crítica e reflexiva sobre o quadro social contemporâneo. Estes autores ainda reiteram que o aprendizado e a vivência do esporte nas aulas de Educação Física “devem apresentar situações pedagógicas nas quais o conflito, a superação, o desafio, o lúdico e o prazer estejam presentes, devendo ser evidenciados como elementos determinantes no processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos esportivos” (FINCK; TAQUES; RIPKA, 2014 p. 129).

Propiciar o ensino do esporte com finalidades educativas, sendo este um fenômeno social, requer muita atenção do professor, devendo este, inculir nos alunos o gosto por novas descobertas fazendo-os compreender a importância de se apropriar de novos conhecimentos nas aulas de Educação Física. Pois, segundo Betti e Zuliani (2002), no ensino médio, a Educação Física deve:

[...] apresentar características próprias e inovadoras, que considerem a nova fase cognitiva e afetivo social atingida pelos adolescentes. Tal dever não implica em perder de vista a finalidade de integrar o aluno na cultura corporal de movimento. Pelo contrário, no Ensino Médio pode-se proporcionar ao aluno o usufruto dessa cultura, por meio das práticas que ele identifique como significativas para si próprio. Por outro lado, o desenvolvimento do pensamento lógico e abstrato, a capacidade de análise e de crítica já presentes nessa faixa etária permitem uma abordagem mais complexa de aspectos teóricos (aspectos socioculturais e biológicos), requisito indispensável para a formação do cidadão capaz de usufruir, de maneira plena e autônoma, a cultura corporal de movimento. A aquisição de tal conjunto de conhecimentos deverá ocorrer na vivência de atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde/bem-estar e competição esportiva (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 76).

Sob a perspectiva da cultura corporal, Impolcetto (2012), concebe que o ensino do voleibol na escola deve ser intensificado de forma que o aluno compreenda, e também se aproprie e desfrute do conteúdo com autonomia e vivência dessa modalidade, tanto nas aulas de Educação Física quanto fora do contexto escolar, como forma de lazer, estética ou até mesmo esporte de rendimento. Além disso, para Impolcetto (2012, p. 15)

[...] o conhecimento sobre o esporte adquirido nas aulas de Educação Física permite que o aluno tenha condições de apreciar a modalidade como telespectador ou torcedor, por meio da compreensão do contexto histórico de seu surgimento, da mudança das regras, do funcionamento tático de diversas equipes, refletindo sobre a influência da mídia na modalidade, sobre o papel

das seleções masculina e feminina no cenário mundial, entre muitas outras possibilidades. Espera-se ainda que os conhecimentos adquiridos e vivências experimentadas nas aulas de Educação Física contribuam para a reflexão sobre valores e atitudes no sentido de contribuir para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Ainda para a autora, os Parâmetros Curriculares Nacionais, conceituam a Educação Física como disciplina curricular que tem como finalidade buscar a introdução e integração do aluno na cultura corporal, tendo o cuidado de formar o cidadão que vai produzir, reproduzir e transformar os elementos essenciais desta cultura, de modo que possa usufruir dos mesmos em benefício do exercício crítico da cidadania e da qualidade de vida (IMPOLCETTO, 2012).

Dessa forma podemos verificar que o voleibol é um esporte de prática coletiva, que em sua essência básica acaba criando o hábito do trabalho grupal. Sua prática estimula a disciplina e também a organização, visto que, suas regras são rígidas quanto as atitudes de todos os envolvidos no jogo, desde atletas até seus dirigentes.

É importante destacar que o voleibol é um esporte sem violência, pois, não promove o contato físico entre os jogadores e pode ser praticado por todas as faixas etárias, com suas particularidades, atuando na construção de valores e atitudes positivas em seus praticantes.

Em sua essência, Müller (2009, p.13), considera o voleibol,

[...] um jogo democrático, praticado regularmente por crianças, idosos e algumas pessoas deficientes. Pode ser jogado em pequenos espaços com um número mínimo de participantes e conta com variações do próprio jogo, como o vôlei de praia, que amplifica ainda mais o número de praticantes e o interesse pelo esporte. Cada vez mais as partidas de voleibol são acompanhadas por um amplo volume de entusiastas, além de que a mídia explora o esporte com grande retorno em termos de *marketing*. Neste panorama, crianças e adolescentes demonstram um interesse crescente em aprender e desenvolver habilidades técnicas, na expectativa de praticar o esporte com qualidade (MÜLLER, 2009, p. 13).

O voleibol proporciona experiências motoras significativas para os alunos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades motoras gerais e específicas, além de desenvolver habilidades cognitivas e sociais. Deve-se considerar, ainda, toda a relevância da prática do voleibol quanto ao desenvolvimento da noção espaço-temporal, através de suas ações e às respostas motoras que o corpo enfrenta durante sua prática. “O esporte em geral pode ser utilizado como uma ferramenta poderosa na promoção da educação e inclusão no Brasil” (MÜLLER, 2009, p. 144).

Segundo Bravo (2015), o voleibol apresenta características e peculiaridades bem específicas, resultantes da sua estrutura dinâmica funcional e da sua própria regulamentação, constituindo-se, assim, um sistema integrado complexo e dinâmico. O jogo de voleibol possui uma característica sequencial, onde as ações se repetem, até uma equipe atingir o ponto. Há uma alternância de posse de bola durante um *rally*⁴ repercutindo em sucessivas situações denominadas ataque, defesa e contra-ataque.

Nessa direção, Bravo (2015), salienta que essas situações de ataque e defesa que acontecem no jogo de voleibol são caracterizadas, geralmente, por um padrão sequencial de ações através de habilidades técnicas e específicas, que resultam em processos de jogo: ataque e contra-ataque. Por ser um esporte dinâmico, suas ações se caracterizam em ações ofensivas e defensivas. Para Bizzocchi (2008), o jogo de voleibol tem uma dinâmica especial entre os esportes coletivos mais conhecidos, pois não possibilita o contato físico entre os jogadores das equipes adversárias, a bola não pode ser retirada ou conduzida e as exhibições de habilidade ficam restritas a momentos instantâneos, isto é, não permite que haja firulas, retardamentos, individualismos ou lances que não tenham o objetivo de levar o time diretamente ao ponto.

O voleibol é um esporte com algumas particularidades quando comparado a outros esportes coletivos, por exemplo:

- a) não há contato físico direto entre os oponentes, pois não é permitida a invasão no espaço adversário, ou seja, cada equipe joga dentro da sua quadra;
- b) não há empate em um jogo de voleibol, sendo necessário para terminar o jogo, uma equipe consagrar-se vencedora;
- c) não há um tempo pré-determinado para a duração da partida;
- d) a bola circula estritamente por meio aéreo;
- e) as ações ocorrem alternadas, ou seja, um toque de cada jogador, salvo o toque no bloqueio;
- f) toda disputa vale ponto, sendo que o erro de uma equipe culminará em ponto adversário;
- g) o objetivo do jogo é fazer com que a bola toque na quadra adversária e impedir que a bola toque em sua própria quadra;

⁴*Rally* Em jogos principalmente no voleibol, é o lance em que a bola é continuamente jogada de um lado para o outro da quadra, em movimentos prolongados (DICIONÁRIO MICHELIS, 2016).

- h) são necessários três *sets* vencedores de vinte e cinco pontos cada, desde que haja uma diferença de dois pontos no placar, senão, o *set* continua passando de os vinte cinco pontos até conseguir essa diferença na pontuação;
- i) em um *set* podem ser realizadas seis substituições por equipe, sendo que o jogador que foi substituído poderá retornar no lugar de seu substituto devendo permanecer até o final do *set*.

Estes exemplos compõem as regras básicas do voleibol, que determinam todo o processo de jogo, conduta dos atletas, dos dirigentes e dos árbitros, sendo de suma importância seu conhecimento por parte dos alunos e professores, pois possibilitam um melhor entendimento sobre o funcionamento desse esporte.

De acordo com a CBV (2016), o voleibol é um esporte jogado por duas equipes em uma quadra de jogo dividida por uma rede. Há uma série de versões do jogo disponíveis, cada uma delas adaptadas a uma circunstância diferente de forma que o jogo possa se adaptar aos diferentes praticantes. O seu objetivo é enviar a bola, por cima da rede, de forma a fazê-la tocar parte do solo que esteja compreendido dentro da quadra adversária, ao tempo que sua equipe deve impedir o adversário ao mesmo intento. Cada equipe poderá usufruir de até três toques na bola (além do contato com o bloqueio) na tentativa de enviar a bola ao adversário. Cada jogada se inicia com um saque: um toque inicial realizado por um jogador, denominado naquele momento sacador, enviando a bola por cima da rede em direção à quadra adversária. O *rally* prossegue até que a bola toque o solo em uma área que esteja compreendida dentro da quadra de jogo, seja “enviada para fora” ou quaisquer das equipes execute uma tentativa frustrada de retornar à bola ao adversário. A equipe que vencer o *rally* em jogo marca um ponto (Sistema de Pontos por *Rally* – SPR). Caso a equipe que recepcionou o saque naquele *rally* – equipe receptora – seja a vencedora, esta recebe um ponto e o direito de sacar no *rally* seguinte e, conseqüentemente, cada jogador passa a posição em quadra seguinte, em sentido horário (CBV, 2016).

Para compreender melhor esse esporte, torna-se necessário resgatar um pouco de sua história, para verificarmos como desencadeou o seu desenvolvimento.

Segundo Bojikian e Bojikian (2008), o voleibol surgiu em 1895, na cidade de Holyoke em Massachusetts, Estados Unidos, pelo professor William George Morgan, diretor do departamento de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), com o nome de *Minonete*.

Bizzocchi (2008) acrescenta que alguns autores consideravam a invenção americana uma adaptação de um jogo chamado *Faust-Ball*⁵. Para o autor, mesmo que haja influências significativas de outros jogos, o voleibol tem uma dinâmica e estrutura diferenciada com características específicas que o separa de seus possíveis precedentes.

Bizzocchi (2008) expõe que o voleibol foi criado a partir de elementos embasados no basquetebol e no tênis, esportes já existentes nos Estados Unidos, na época. Complementa ainda, que o voleibol era chamado de *Minonete* e que foi bem aceito. Morgan, seu inventor, foi convidado em 1896 para apresentar o novo esporte na Conferência dos Diretores dos Departamentos de Educação Física da ACM da região de Springfield. “O Dr. A. T. Hustead, docente da escola de Springfield, sugeriu que o nome do jogo *Minonete* fosse substituído por *Volley-ball*, já que a bola permanecia em constante voleio (*volley* em inglês) sobre a rede” (BIZZOCCHI, 2008, p. 2).

Por decorrência dessas particularidades, Bizzocchi (2008), afirma que o voleibol foi rapidamente difundido no século XX com a criação de núcleos Internacionais da ACM, assim, proporcionou a abertura mundial para esse esporte.

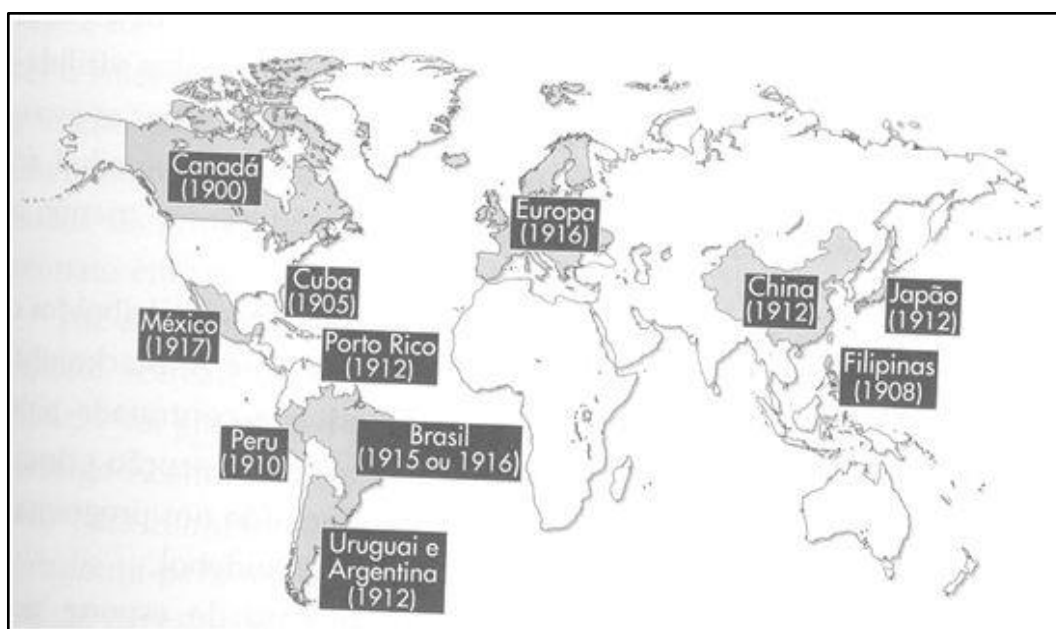


Figura 1 – Núcleos Internacionais da Associação Cristã de Moços
Fonte: BIZZOCCHI (2008)

⁵ *Faust-ball* é um jogo italiano difundido nos países latinos na Idade Média no (séculos V a XV) e levado à Alemanha em 1893 (BIZZOCCHI, 2008).

Como exposto na figura 1, o voleibol chegou no Canadá em 1900. Em 1905 foi a vez da China conhecer o novo esporte. O voleibol foi difundido em Cuba em 1906, Japão em 1908, Peru e Filipinas em 1910, Uruguai, Argentina e Porto Rico conheceram o esporte em 1912.

No contexto brasileiro, segundo Bizzocchi (2008), duas datas são colocadas por diferentes autores, como sendo a primeira exibição do esporte no país, 1915 e 1916. Sustenta ainda que na Europa, o voleibol chegou em 1916 por intermédio das Forças Armadas norte-americanas, juntamente com a primeira Guerra Mundial e em 1917, o México teve o privilégio de conhecer esse grande esporte.

Shondell e Reynaud (2005) explicam que as principais mudanças significativas no voleibol somente ocorreram a partir de 1912, onde ficaram estabelecidas as regras em relação ao número de seis jogadores para cada equipe e a exigência de um rodízio antes do saque. Após quatro anos, a Editora de Esportes Americanos decidiu publicar um livro sobre esse esporte, onde foi incluído e relatado minuciosamente quatro importantes revisões de regras. Essas alterações modificaram significativamente o modo de jogar. Segundo Shondell e Reynaud (2005, p. 20), as mudanças críticas e mais necessárias consistiam em:

- a) a bola não podia parar nas mãos;
- b) o jogador não podia tocar na bola uma segunda vez, a menos que outro jogador a tivesse tocado;
- c) o jogo duraria até a marcação de 15 pontos;
- d) a rede deveria estar a 2,43m do chão.

Os mesmos autores explicam que nas regras não havia ainda a diminuição da rede para a prática do voleibol feminino e que em 1920 foi implementada a regra que limitava cada equipe a tocar apenas três vezes na bola.

De acordo com Bizzocchi (2008), a Checoslováquia fundou, em 1922, a primeira Federação Nacional de Voleibol do mundo e, em 1946, esse mesmo país teve a ideia de fundar uma Federação Internacional de Voleibol. Nesse mesmo ano, foi fundada a Confederação Sul-americana de Voleibol e em 1947, foi fundada então, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), por 14 países, inclusive pelo Brasil.

Esse mesmo autor ressalta ainda que em 1948, Roma sediou o primeiro Campeonato Europeu. E em 1949, aconteceu o primeiro Campeonato Mundial Masculino em Praga, na Checoslováquia, sendo que apenas em 1952, a primeira

disputa feminina foi realizada em Moscou, ex-URSS. “O Comitê Olímpico Internacional incluiu o voleibol no programa oficial dos Jogos de 1964 a serem realizados em Tóquio. Pela primeira vez um esporte fazia a estreia olímpica nos torneios masculino e feminino, simultaneamente” (BIZZOCCHI, 2008 p.5).

Como já citado anteriormente, uma das características básicas do voleibol é ser um esporte inclusivo. O que ficou demonstrado de forma nítida, que na sua inserção como esporte olímpico, foi realizado para os dois gêneros, fato incomum no desenvolvimento dos esportes em geral.

Segundo Borsari (1996), o voleibol teve uma assimilação rápida, facilitando sua evolução de forma dinâmica. Para o autor, o voleibol se destacou no plano olímpico, devido, a ter sido idealizado dentro de princípios embasados na simplicidade, separação de equipes e participação equivalente entre os praticantes.

No levantamento das produções relativas ao histórico evolutivo do voleibol, Bizzocchi (2008) relata informações fundamentais em relação à popularidade do voleibol e da sua expansão mundial, afirmando que a partir do ano de 1964, com a entrada do mexicano Rubén Acosta na presidência da FIVB, o voleibol incorporou a característica de esporte espetacular, televisivo e de investimento para o *marketing* empresarial, proporcionando melhores condições técnicas e metodológicas para seu desenvolvimento.

Ainda sobre a história do voleibol, Bizzocchi (2008) relata que em 1990 foi disputada pela primeira vez a Liga Mundial de Voleibol exclusivamente masculina, e em 1993, o *Grand Prix*, torneio feminino equivalente a Liga Mundial. Também em 1993 foi realizado o Circuito Mundial de vôlei de praia. E em 1996, o vôlei de praia se expandiu e tornou-se olímpico, disputado pela primeira vez em Atlanta.

No Brasil, segundo Bizzocchi (2008), alguns autores explanam que o voleibol chegou em Recife em 1915 e outros dizem que foi em 1916 na ACM de São Paulo, inclusive, havendo registros fotográficos dessa apresentação na capital paulista, o que segundo o autor dão mais credibilidade, embora, não definitivamente, à essa segunda versão. O autor complementa em seus relatos que em 1938, alguns clubes amadores fundaram o que viria a ser no futuro a Federação de Voleibol do Rio de Janeiro, sendo que na década de 1940, vários estados inauguraram suas federações e a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), foi inaugurada em 1954. Porém, de acordo com Bizzocchi (2008), a Confederação Brasileira de desportos (CBD) organizou o primeiro Campeonato Brasileiro em 1944, e em 1951, o I Campeonato Sul-Americano

de Voleibol Masculino, do qual o Brasil foi sede e campeão.

O autor esclarece também que o primeiro campeonato nacional sob organização da CBV aconteceu em 1956, sendo nesse mesmo ano também, a estreia do Brasil em campeonato mundial, obtendo a décima primeira colocação. “O primeiro título fora da América do Sul, surpreendentemente, veio com a seleção feminina, que trouxe de Chicago a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de 1959” (BIZZOCCHI, 2008, p. 7).

É importante destacar que o voleibol foi ganhando o gosto popular brasileiro, onde a sua crescente expansão foi reconhecida na década de 1980 com a conquista da prata olímpica, pela equipe masculina, trazendo incentivo e mais credibilidade a modalidade, transformando o Brasil numa potência do voleibol mundial.

A contextualização histórica do esporte e o conhecimento do seu desenvolvimento, são fatores importantes e determinantes para que professores e alunos possam desenvolver o pensamento crítico e reflexivo, embasados nesses conhecimentos teóricos, que devem ser adquiridos com a finalidade de compreender a dinâmica e a importância do esporte na sociedade atual.

Para Darido e Rangel (2005), o voleibol como conteúdo didático é constituído de conceituações, fatos históricos, memórias, de vivência de suas fundamentações técnicas e táticas, assim, como de valores que foram gradativamente construídos e transformados desde sua criação e que, portanto, configuram-se como questões importantes a serem transmitidas e explanadas nas aulas de Educação Física escolar.

Sendo assim, o ensino do voleibol no contexto da Educação Física escolar, necessita que a ação do professor seja norteada por um plano de ensino comprometido com a qualidade e que se proponha a contribuir significativamente na formação integral de cidadãos atuantes e críticos. Por ser um esporte dinâmico, o ensino do voleibol acaba se tornando muito prático com seus fundamentos e ações de jogo. Portanto, cabe ao professor ter em mente a grande relevância do conhecimento teórico que, juntamente com a prática, contribuirá para uma aprendizagem significativa.

Com o propósito de caracterizar um princípio metodológico, Bizzocchi (2008) afirma que dentro do processo pedagógico, a metodologia ideal para o ensino do voleibol é o sintético-analítico-sintético, que possibilita ao aluno experimentar o fundamento básico, aprendê-lo de forma decomposta e posteriormente, realizá-lo de forma global. O autor ainda propõe em suas pesquisas uma estruturação do processo

pedagógico com a finalidade de facilitar a aprendizagem, dividindo em sete as estruturas do processo pedagógico, como mostrado no quadro 1.

Quadro 1 - Estruturação do Processo Pedagógico

1. Apresentação do Fundamento	Este será o momento onde o aluno registrará a fundamentação na memória. O professor pode utilizar: fotos ou vídeos para demonstrá-lo corretamente.
2. Importância do aprendizado correto e da utilização em jogo	Nesse momento o professor vai mostrar ao aluno que é fundamental aprender corretamente um determinado fundamento e como é possível aplicá-lo as regras no jogo de voleibol. Podendo ser através de fotos e vídeos.
3. Experimentação	A livre experimentação faz parte do processo dinâmico, atendendo e aguçando a curiosidade do aluno e permitindo que ele vivencie as dificuldades para realizar o fundamento.
4. Sequência Pedagógica	Visa facilitar a aprendizagem, caracterizando as habilidades em partes isoladas, do ponto de vista motor e trabalhadas com o objetivo de otimizar um aprendizado uniforme ao retomar a fundamentação como um todo. Esta etapa deve ser elaborada de forma lógica e gradativa, sem sobressaltos. Pode-se usar movimentos sem bola, bola mais leve, balão de ar.
5. Exercícios Educativos e Formativos	Os exercícios educativos são específicos para correção de um desvio motor. Os elementos dos exercícios formativos são utilizados para que o aluno melhore a capacidade e performance que limita seu desempenho.
6. Fixação	O processo de aprendizagem só é concluído quando ocorre a fixação do fundamento no nível neuromotor e a repetição é a principal ferramenta didática para que haja o aluno fixe o movimento.
7. Aplicação	A partir da fixação é preciso fazer a aplicação do fundamento na realidade e contexto do jogo.

Fonte: BIZZOCCHI (2008, p. 105-108)

Bizzocchi (2008) ressalta que o aspecto lúdico tem papel importante na motivação para o aprendizado dos fundamentos e do jogo de voleibol, devendo ser utilizado em todas as fases do processo e principalmente, na fase de aplicação. O autor complementa ainda, que durante todo o processo pedagógico, é relevante que o professor saiba dosar a intensidade e a duração, devendo aumentar gradativamente a dificuldade de execução de determinado movimento. E ainda afirma que o desenvolvimento do padrão de movimento de qualquer fundamento,

[...] segue três estágios: inicial, elementar e maduro. No estágio inicial, a criança ainda não é capaz de prever a trajetória da bola tampouco se posicionar adequadamente. No elementar padrão de movimento ainda está caracterizado e o aprendiz tem dificuldades em manter a bola sob domínio ou dar-lhe direção. No estágio maduro todo o padrão de movimento já está adquirido. É importante que o professor saiba identificar em qual estágio se encontra cada um de seus alunos para dirigir melhor o programa de ensino, respeitando as individualidades e fornecendo elementos pedagógicos que possibilitem ao aluno completar a aprendizagem (BIZZOCCHI, 2008, p. 108).

O professor de Educação Física deve ser perspicaz e estar sempre atento, com a finalidade de possibilitar ao educando uma vasta diversidade de experiências

motoras, intelectuais e inclusive emocionais, que proporcionarão um desenvolvimento integral, trazendo benefícios na aprendizagem do seu educando.

Em aulas teóricas ou mesmo durante as aulas práticas, o professor deve oportunizar uma aula dinâmica, onde os alunos possam questionar sobre as diversas situações vivenciadas no voleibol, onde o professor, com sua experiência, pode contribuir de forma direta para a reflexão, compreensão e desenvolvimento do educando, gerando dessa forma, uma aprendizagem significativa.

Ao adequar o tempo destinado as aulas de Educação Física e ao promover uma atitude reflexiva, crítica e de investigação, propõe-se que as aulas teóricas da modalidade de voleibol sejam efetuadas pelo *Facebook*. Com isso, objetiva-se criar a oportunidade de os alunos desenvolverem aprendizagem teórica grupal com uma rica e vasta troca de saberes, promovendo uma aula de Educação Física que agrega o conhecimento e a reflexão em seu processo ensino-aprendizagem.

3 A INFLUÊNCIA DAS TIC NA CONTEMPORANEIDADE

Atualmente experimenta-se um momento de grandes transformações, desafios e oportunidades na estrutura educacional. As TIC oportunizam aos professores a reinvenção de suas metodologias, promovendo uma transformação significativa na educação, pois, possibilitam a ampliação e produção das didáticas, e conseqüentemente, a distribuição do conhecimento de maneira eficiente.

Para Ferreira (2015, p. 198), a TIC “é um conjunto de recursos tecnológicos utilizados em sociedade que se constituem em diferentes formas como: computadores, *softwares*, *hardwares*, celulares, *tablets*, internet, entre outros”. Segundo o autor, as TIC são utilizadas em diferentes áreas do conhecimento e nos mais diversos segmentos. Por conta dessa demanda, a sociedade necessita de profissionais preparados para atuar nos segmentos tecnológicos requerendo também, na área da educação, modelos educacionais capazes de atender essas inovações tecnológicas e assim, utilizá-las de maneira adequada no processo de ensino-aprendizagem.

Com o uso das TIC, tornou-se mais fácil conduzir a educação por caminhos diferenciados e inovadores, tornando-se relevante indagar sobre a busca da atualização que deve ser dinâmica e transcender a instrução formal, pois devido a velocidade desta evolução, somente com o uso constante das TIC será possível estar atualizado. Como afirma Kenski (2003, p. 100): o conhecimento precisa ser frequentemente reconstruído, devido à constante transformação que as TIC exercem sobre ele. E ainda defende que o movimento é acelerado e que a atualização é permanente, pois,

[...] novas informações derrubam velhas certezas, implodem teorias, reformulam leis, transformam hábitos, alteram práticas, mudam as rotinas das pessoas. Informações que se deslocam velozmente por todo mundo. Todos precisam estar em “estado constante de aprendizagem” sobre tudo. Sobretudo.

A autora retrata e analisa a velocidade com que as coisas se movimentam nessa era digital e como as velozes transformações tecnológicas atuais configuram a maneira pela qual se aprende e se ensina. Por isso, enfatiza a constante reconstrução do conhecimento, pois comportamentos, práticas e informações se alteram com extrema velocidade (KENSKY, 2003).

Corroborando com Kenski (2003), verifica-se a grande transformação da sociedade onde os paradigmas precisam ser reconfigurados, já que não estão mais dando conta das relações, das necessidades e dos desafios sociais dessa nova sociedade. Como afirma Behar (2009), que enfatiza o rompimento da ideia de sociedade centrada no trabalho, para dar vez à uma sociedade centrada e pautada na educação, denominada pela autora como sociedade da informação ou sociedade em rede, que dá ênfase à cultura da aprendizagem.

Para Soares e Valentini (2012), a sociedade vive imersa no contexto digital, onde existe a influência direta das tecnologias, mudando as formas de comunicação e expressão a nível mundial. Para as autoras, é fundamental incorporar as tecnologias digitais na educação como elemento catalisador e também das exigências dessas mudanças nas práticas docentes e na cultura escolar vigente.

As autoras ressaltam que no atual contexto, as demandas da educação são caracterizadas pela necessidade do desenvolvimento do pensamento criativo, pela autonomia e pela capacidade de aprender a aprender, e que para que a inserção das tecnologias digitais aconteça numa perspectiva de transformação, esse novo cenário educacional precisa provocar mudanças. Destacam ainda, que as tecnologias digitais,

[...] podem ser utilizadas para configurar espaços de aprendizagem, permitindo o registro e a socialização de atividades de aprendizagem. Deste modo, apesar da distância física, espacial e mesmo temporal, podem acontecer diálogos e mediações que fomentem a co-construção, a coautoria e o registro dinâmico das interações ocorridas no referido espaço (SOARES; VALENTINI, 2012, p. 77).

Contudo, há um longo caminho a ser percorrido e incorporado, onde as TIC permitem a incorporação de práticas pedagógicas inovadoras nos espaços escolares.

Vale salientar, que as TIC são verdadeiras ferramentas de acesso à informação, que possibilitam comunicação e interação e acabam despertando interesse nos alunos em utilizá-las. Cabe destacar também, que no atual cenário da educação brasileira, há um grande desafio para os docentes, devido a utilização das tecnologias e da sua apropriação nas aulas, para torná-las mais atrativas, com o objetivo de facilitar o entendimento do conteúdo lecionado.

Ferreira e Duarte (2012) afirmam que a informática e a educação podem ser abordadas de forma significativa, desde as discussões sobre o uso das TIC, até a criação de outros espaços educacionais impulsionados pela cultura digital.

A aproximação do docente perante o universo tecnológico se torna cada vez mais necessária, pois as tecnologias utilizadas na educação potencializam e otimizam a aprendizagem dos alunos, onde no contexto atual a dicotomia está centrada em: Nativos Digitais e Imigrantes Digitais⁶, termo utilizado por Prensky (2001), está presente no cotidiano das escolas brasileiras também, sendo que a maioria dos professores, estão inseridos no segundo grupo, tornando-se necessário discutir e consolidar as apropriações das TIC de forma a despertar o interesse nos discentes que, normalmente, estão inseridos no primeiro grupo e que por ter um contato tão próximo com a tecnologia, estão acostumados a uma alta velocidade de informações.

Segundo Hilu e Torres (2014, p.173), além dos nativos digitais, também existe a Geração C, que independente de sua idade atendem pelas palavras chave: conectados, comunicativos, colaborativos, cocriativos, computadorizados, coletivos. Esta geração não é composta por um grupo que nasceu em determinada época, podendo ter idade variada, sendo que o que elas compartilham entre si é a importância da tecnologia, das mídias sociais e a grande participação que estas apresentam em suas vidas.

Torna-se importante ressaltar que o docente deve compreender e ensinar de forma diferente cada aluno, pois como afirma Ferreira (2015), diante das TIC, a prática pedagógica deve ser diversificada e revestida de capacidade tecnológica.

Para Silva e Pinto (2009), para trabalhar com os jovens da Geração C, é necessário desenvolver atividades diversificadas e dinâmicas, contextualizadas com objetivos bem definidos, para que eles possam se motivar e adquirir novas competências e habilidades nesse cenário. “Devido à esta mudança no perfil do aluno, se faz necessário modificar a abordagem feita em uma aula tradicional, pelo simples fato deles compreenderem o mundo sob uma ótica dinâmica, interativa e tecnológica” (SILVA; PINTO, 2009, p. 48).

Hilu e Torres (2014, p. 172), por meio de suas pesquisas, enfatizam que “[...] é imprescindível que, junto aos conhecimentos específicos que qualquer professor deva ter ao exercer sua profissão, seja desenvolvida uma capacidade pedagógica e tecnológica”. Afirmam que o professor deve de maneira autêntica atentar o seu olhar com uma percepção mais aguçada para o aluno atual (HILLU; TORRES, 2014).

⁶ Imigrantes Digitais são definidos por Prensky (2001), como aqueles que nasceram antes da era digital.

O professor deve, portanto, acompanhar essas mudanças e se preparar de forma consciente para atuar nesse novo cenário atual. Para Hilu e Torres (2014), educar na atualidade:

[...] é mais do que estar em consonância com o presente, é prospectar o futuro. Educam-se hoje os jovens e as crianças para uma realidade futura não conhecida, advinda de uma dinâmica que cada vez mais rapidamente a transforma e agrega diferentes formas de convivência social, de comportamento, de interesses, de conhecimento e de trabalho. As crianças e jovens que estão hoje nas escolas e salas de aula vivenciarão esta nova realidade ainda não pensada e não projetada. Sendo assim, é premente que o professor da atualidade esteja com os olhos no presente, porém com um olhar para o futuro, impulsionando os educandos para esta realidade fantástica que se apresenta ou se apresentará, em maior ou menor tempo (HILU; TORRES, 2014, p. 171).

Para Molin e Raabe (2012) as TIC estão promovendo profundas mudanças na sociedade, e os profissionais da educação devem acompanhar tais transformações por meio de cursos de formação continuada para utilizar de forma adequada as TIC na prática pedagógica.

A presença de dispositivos digitais, mídias entre outros recursos tecnológicos no ambiente educativo, não é o suficiente para que eles sejam integrados às práticas docentes e ao processo ensino e aprendizagem. Realmente se torna extremamente necessário que o professor incorpore e entenda que a utilização das TIC poderá potencializar a construção do conhecimento, atuando como coadjuvante na educação. Nesta perspectiva, Ferreira (2015) argumenta que as tecnologias da informação e comunicação devem estar a favor da educação, do processo de ensino e de aprendizagem, como instrumentos que possibilitam o acesso a informação e facilitam a construção do conhecimento.

Para Ferreira (2015), as mudanças sociais e o progresso tecnológico afetam a vida em sociedade e por consequência acabam influenciando a educação, o aluno, o professor, as instituições de ensino, a forma de ensinar e aprender e a formação docente. O autor ainda corrobora dizendo que as TIC correspondem a todas as tecnologias que interferem e mediam os processos de informação e comunicação.

Para Sancho (2006), existem dois argumentos referentes às TIC, são eles:

- As tecnologias da informação e comunicação estão aí e ficarão por muito tempo, estão transformando o mundo e deve-se considerá-las no terreno da educação. - As tecnologias da informação e comunicação não são neutras. Estão sendo desenvolvidas e utilizadas em um mundo cheio de valores e

interesses que não favorecem toda a população. Além de considerar que um grande número de pessoas seguirá sem acesso às aplicações das TIC em um futuro próximo, deve-se lembrar que os processos gerados pela combinação dessas tecnologias e das práticas políticas e econômicas dominantes nem sempre é positivo para os indivíduos e a sociedade (SANCHO, 2006, p. 18).

De acordo com Sancho (2006), não se pode negar a influência das TIC na atualidade e que vários pesquisadores já demonstraram através de suas produções que elas motivam o desenvolvimento nas várias formas de aprender, de se relacionar e de construir significados e valores.

Estamos vivendo a era da globalização, aonde informações chegam dos quatros cantos do mundo levando-nos a refletir sobre a atuação do professor neste processo. Pois, por um lado, a utilização das TIC no ensino se torna quase que obrigatória e, por outro, como utilizar essas tecnologias de tal forma que desperte no aluno o interesse pelo tema a ser estudado. Segundo Silva e Pinto (2009), com o crescimento das TIC no processo de ensino e aprendizagem houve a transformação das relações com o saber. Para os referidos autores:

[...] independentemente da utilização em sala de aula dos recursos midiáticos, é fato comum que tanto o aluno quanto o professor tem contato diário com as mais diversas mídias, ficando armazenadas em suas memórias informações decorrentes de seu cotidiano como: filmes, programas de rádio e TV, atividades no computador e na internet, além de jogos interativos, tornando-se referências para novas descobertas e aprendizagens, transformando-se em fontes de informações para auxiliar na compreensão de conteúdos e realização de tarefas (SILVA; PINTO, 2009, p 48).

Não basta apenas a disponibilidade e acesso as TIC, é necessária uma mudança de postura, principalmente, dos docentes que devem se adequar metodologicamente ao novo modelo proposto, devem buscar a atualização, renovando suas abordagens de maneira a aperfeiçoar a comunicação com os discentes. Somente investigando as formas de uso das TIC e avaliando sua influência direta no discente, poderemos dimensionar e direcionar seu emprego e utilização para possibilitar uma melhoria na qualidade da educação brasileira.

3.1 A REDE SOCIAL *FACEBOOK*

O *Facebook* é uma rede social que visa o relacionamento virtual entre pessoas e é considerada uma das redes sociais mais conhecidas e acessadas a nível mundial

na atualidade. Foi criado nos corredores de Harvard, em 2004, pelos estudantes na época, Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin que tiveram a ideia inicial de criar na rede um espaço de relacionamento *online*, onde a experiência social dos alunos, pudesse ser compartilhada em tempo real, permitindo a postagem de fotos, vídeos, *links* (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012).

Com o nome de *TheFacebook.com* no momento de sua abertura teve mais de vinte mil acessos nas primeiras duas horas de existência. A sua trajetória foi de Harvard direto para universidades americanas, chegando em escolas de ensino médio, empresas e, por fim, a qualquer pessoa interessada em criar um perfil na rede e ter acesso aos serviços oferecidos.

O objetivo original do *Facebook* até a conjuntura atual foi mantido, apesar da amplitude de acesso ao público, a sua principal função de permitir o compartilhamento de informações e imagens entre pessoas de uma maneira simples e eficiente ainda, persiste. O *Facebook* é uma rede social de fácil acesso e simples manuseio que contribuem para a popularização desta rede. A troca de informações *online* é interativa e o usuário pode contribuir de maneira ativa e receptiva.

Diariamente uma enxurrada de informações e discussões fazem parte do cotidiano dos usuários do *Facebook*, que por sua vez intensifica a partilha dessas informações de maneira rápida e eficaz, construindo o conhecimento de maneira colaborativa.

Ao criar uma conta no *Facebook* o usuário deve concordar com os termos e ler a política e dados. No *Facebook*, a idade mínima para criar uma conta é de 13 anos, conforme destaca Teixeira (2015, p. 86): “no dia 26 de setembro de 2006, o Facebook permitiu que qualquer pessoa com idade acima de 13 anos pudesse criar sua conta, o que levou a rede social a alcançar 12 milhões de usuários”. Phillips, Baird e Fogg (2012, p. 05) ainda complementam esta informação quando afirmam que:

Em primeiro lugar, para se qualificar para uma conta no Facebook, as pessoas devem ter 13 anos de idade ou mais. Como se pode esperar, como o Facebook é uma empresa situada nos Estados Unidos, obedecemos às leis de privacidade do país, incluindo a Lei de Proteção da Privacidade *on-line* das Crianças (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2012, p. 5).

Segundo Teixeira (2015), a política do *Facebook*, estabelece que as pessoas ao se registrarem utilizem seus nomes verdadeiros, contribuindo para a propensão de se tornar uma comunidade de amigos, familiares, colegas de trabalho e de classe.

O autor explica que existem diversas maneiras de comunicação na rede social *Facebook* que podem assumir a forma de:

[...] mensagens privadas, ou públicas, por meio do mural, onde além de texto pode anexar fotos, vídeos, músicas, notícias de algum site ou outra rede social digital. Esses conteúdos conhecidos como as postagens ou posts, podem ser comentados ou curtidos (ícone representado por uma mão como sinal de positivo) por amigos (TEIXEIRA, 2015, p. 93).

Nas páginas do *Facebook*, em sua formatação existe um ícone denominado “Denunciar abuso” e está localizado em quase todas as páginas, devendo ser utilizado para denunciar conteúdos abusivos e ofensivos.

Ao criar uma conta no *Facebook* pela primeira vez, há a obtenção de configurações de privacidade padrão que diferem para usuários maiores ou menores de 18 anos. Segundo Teixeira (2015), uma das prioridades da rede social *Facebook* é conceder a todos o controle de privacidade. O usuário deve se manter atualizado com as configurações de segurança e privacidade no *Facebook*, ajudando a criar um ambiente *online* seguro.

Para Llorens e Capdeferro (2011) o *Facebook*, apesar de ser criado para conectar pessoas, obteve um grande êxito como rede social, devido, a potente plataforma que proporciona experiências completas e contínuas de interação. Com este viés, Mattar (2012) aponta que neste milênio,

[...] o cenário é completamente diferente com o desenvolvimento da Internet, das ferramentas da *Web 2.0* e das redes sociais, que passaram a ser naturalmente incorporadas à educação. Hoje é possível construir redes sociais a distância em que várias pessoas interagem, síncrona e assincronamente. As novas gerações crescem, convivem, comunicam-se, estudam e trabalham em rede (MATTAR, 2012, p. 82).

Nessa direção é oportuno destacar que atualmente há uma grande demanda para a interação das pessoas nas áreas educacionais e profissionais, onde o sucesso das instituições não se faz pelo gênio criativo individual, mas, sim pela capacidade de organização e participação grupal e pela produção de conhecimento compartilhado, sendo a colaboração uma das características principais da *Web 2.0*⁷.

Para Santos (2011), atualmente a “cibercultura” vem se caracterizando pela

⁷ *Web 2.0* é um termo utilizado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos pela internet.

emergência da *Web 2.0* com seus *softwares* e redes sociais mediadas pelas interfaces digitais em rede, fundamentalmente pela mobilidade e convergência de mídias, dos computadores e dispositivos portáteis e telefonia móvel.

Em se tratando da rede social *Facebook* são inúmeras as formas de sua utilização sendo que, neste caso, verificaremos a sua utilização no processo de ensino aprendizagem, como possibilidade de utilizá-la como ambiente virtual de aprendizagem.

Tsukamoto, Fialho e Torres (2014, p. 351), corroboram com este estudo quando afirmam que a utilização das redes sociais “pode refletir significativamente na prática pedagógica do professor, pois além de despertar nos alunos a prática da cultura colaborativa e compartilhada revela a eles a face educacional da rede social *Facebook*”.

Sendo assim, as redes sociais, e em especial, o *Facebook*, ao ser utilizado na educação acaba por envolver os alunos em atividades de aprendizagem mais criativas exigindo uma maior colaboração por parte de todos os envolvidos nesse processo.

3.2 A REDE SOCIAL *FACEBOOK* COMO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Segundo Santos (2011), um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), é composto por um conjunto de interfaces digitais, que hospeda conteúdos e possibilita a comunicação, propiciando a expressão e a autoria dos participantes que interagem e habitam tais interfaces. São mídias que utilizam o ciberespaço para postar conteúdos e promover a interação inclusive nos processos educativos.

De acordo com Soares e Valentini (2012), os processos educativos precisam de redimensionamentos com a finalidade de inserir as escolas na cultura digital. Há uma generalização das redes na sociedade, transformando as formas de comunicação interpessoais, onde o fluxo de informação é instantâneo. Soares e Valentini (2012, p. 75) destacam que no caso da Educação Física,

[...] isso pode propiciar inovações relevantes no planejamento da prática educativa, em especial no diálogo pedagógico, que por sua vez pode refletir na concepção da aprendizagem e do papel do professor. Nesse caso, o professor poderia redimensionar sua prática, criando ambientes de aprendizagem que possibilitem aos estudantes e a si mesmo interagirem e trabalharem juntos em problemas e projetos significativos.

Os mesmos autores ainda afirmam que a criação de um ambiente virtual de aprendizagem contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades técnicas necessárias à formação do sujeito, tornando-o capaz de se relacionar com o contexto social contemporâneo. Partem de um pressuposto básico de que a sala de aula é um espaço que deveria reverberar o contexto vivenciado pelos estudantes em seu cotidiano.

Sendo assim, é natural visualizar o *Facebook* como uma potente ferramenta pedagógica, pois, no atual cenário é uma das redes sociais mais acessadas pelos brasileiros, sendo um excelente espaço de interação, podendo ser facilmente transformado em um ambiente virtual de aprendizagem.

Para Vilaça (2013), os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) são sistemas baseados na internet e desenvolvidos para fins educacionais. Fettermann (2012, p. 55) enfatiza que:

[...] utilizar esses meios também para fins educacionais e pedagógicos se constitui uma excelente ideia, uma vez que pode ter um alcance amplo, sem falar na linguagem tecnológica veiculada nesses ambientes, que pode auxiliar a educação de forma mais descontraída, ocasionando um processo de ensino e aprendizagem menos formal e atrair a atenção de alunos em geral, já que navegar na Internet e estar conectado em redes sociais virtuais é algo que faz parte de sua rotina.

Nessa perspectiva, Ribeiro *et al.* (2015) evidenciam que o *Facebook* é o espaço virtual de exposição real, onde a linha que separa um do outro é invisível, justificando a atração dos jovens por essa rede social, que pode ser vista como uma oportunidade real de aprendizagem informal, fora do espaço educativo formal.

O *Facebook* como ferramenta de apoio e suporte pedagógico deve ser utilizado de forma adequada, ou seja, almejando uma educação inovadora e de boa qualidade que atenda às necessidades reais de seus educandos, de maneira a buscar em suas ações educativas, um formato que estabeleça uma comunicação eficiente, interativa e potencializadora. Segundo Phillips, Baird e Fogg (2012, p. 03), os educadores do mundo todo estão percebendo:

[...] os benefícios positivos da rede social na aprendizagem dos alunos e estão elaborando maneiras de integrá-la em seu currículo nacional. Por exemplo, no Plano de Educação em Tecnologia Nacional de 2010 dos Estados Unidos, Transformando a Educação Americana: Aprendizagem Promovida pela Tecnologia, o Ministério da Educação dos Estados Unidos aconselha “aplicar as tecnologias avançadas usadas em nossas vidas pessoal e profissional diariamente a todo o nosso sistema educacional para melhorar a aprendizagem dos alunos”.

Essa rede social vem se destacando por sua potencialidade pedagógica em diversas pesquisas de autores como: Patrício e Gonçalves (2010), Llorens e Capdeferro (2011), Ferreira, Côrrea e Torres (2012), Ferreira, Machado e Romanosviski (2013), Alencar, Moura e Bitencourt (2013), Peeters (2015) e Teixeira (2015), onde mostram a potencialidade do *Facebook* como Ambiente Virtual de Aprendizagem na educação.

Em um estudo de caso realizado em 2010 por Patrício e Gonçalves, na disciplina de Comunicação em Educação, de uma turma do primeiro ano de Licenciatura em Educação Básica do Instituto Politécnico de Bragança (Portugal), que incluía em sua didática a exploração das aplicações e funcionalidades do *Facebook*, buscou identificar a sua utilidade educativa e a experimentação por meio de recursos e atividades. Essa análise possibilitou aos autores verificar que as redes sociais permitem criar um ambiente de aprendizagem cooperativo e colaborativo. No caso do *Facebook*, o ambiente informal foi se organizando gradualmente como um espaço de integração, comunicação, partilha e colaboração entre os alunos e a professora, tornando-se um ambiente de aprendizagem eficaz e envolvente.

Outro estudo interessante foi publicado em 2011 por Llorens e Capdeferro, baseado em uma dissertação de Mestrado em Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação da Universidade Aberta da Catalunha (Espanha). O estudo desenvolveu um projeto teórico, especificando objetivos e atividades necessárias, e depois, implementou-o por meio de um grupo fechado no *Facebook*. Na opinião dos autores, um dos melhores aspectos do *Facebook* é a simplicidade inicial para os novos usuários, onde os pontos tecnológicos mais fortes da plataforma consistem no trabalho colaborativo que são:

- a) simplicidade e rapidez para criar e administrar um grupo de trabalho/estudo;
- b) simplicidade para o uso das ferramentas nativas;
- c) recursos de bate-papo (*chat*), mensagens e marcação de imagens;
- d) alto grau de conectividade externa;
- e) capacidade de expansão interna;
- f) recursos de micro blog e fluxo de discussão;
- g) suporte para a aprendizagem por meio de dispositivos móveis.

No entanto, os mesmos autores apresentam alguns elementos que podem criar obstáculos para o uso do *Facebook* em aplicações de aprendizagem, seja pela falta

de algumas ferramentas importantes, seja porque as ferramentas nativas não estão bem desenvolvidas, chegando à conclusão de que o *Facebook* é capaz de construir uma socialidade por meio de uma estratégia eficaz que conecta os usuários não somente entre eles, mas também com inúmeros círculos de sub-redes, eventos e grupos.

A produção de experiências criativas é um evento social importante, sendo baseado em uma gama de recursos e conteúdos que são fornecidos pelas pessoas e processadas por meio de ferramentas adequadas de uso compartilhado. Apesar de não oferecer alguns recursos, o *Facebook* proporciona aos grupos de usuários um bom suporte para suas interações grupais ou individuais, especialmente aquelas baseadas em discussões e compartilhamento de recursos.

A pesquisa qualitativa do tipo descritiva, conduzida em 2012 por Ferreira, Corrêa e Torres, foi desenvolvida com a observação ativa do professor na disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica. Contou com a participação de 25 alunos do curso de especialização de Formação Pedagógica do Professor Universitário da PUCPR onde no início do módulo foi entregue aos alunos um contrato didático da disciplina, contendo uma descrição dos encontros, a metodologia utilizada nas aulas e as avaliações que seriam realizadas. Uma das avaliações requeria a participação dos alunos em uma atividade por meio do *Facebook*.

A atividade foi desenvolvida em um grupo fechado, com a participação de todos. Por meio dos comentários dos alunos, os autores puderam observar e relatar aspectos voltados à interatividade proporcionada pelo *Facebook*, onde visualizaram o seu uso como estratégia útil, eficaz e inovadora na prática da sala de aula. Constataram com essa pesquisa, que o *Facebook* é uma ferramenta que pode ser utilizada como um ambiente virtual de aprendizagem formal, que agrega diversos tipos de mídias em um único ambiente, possibilitando e oportunizando a aprendizagem colaborativa, a interatividade e as diversas possibilidades pedagógicas nesse cenário digital.

Alencar, Moura e Bitencourt (2013) em seus estudos de abordagem quantiquantitativa, realizados com professores e alunos no Instituto do Sertão Pernambucano - Campus Petrolina, concluíram que a mídia social *Facebook* na opinião dos alunos e professores, pode ser uma aliada no desenvolvimento do fazer pedagógico. Para os autores, inserir mídias sociais como o *Facebook* no contexto estudantil se torna fácil e propício, uma vez que os nativos digitais estão habituados a

utilizá-las, contribuindo assim, para uma maior interação entre alunos e professores.

Em um projeto implantado por Peeters (2015), com o objetivo de determinar a eficácia do fórum como ferramenta educacional, foi criado um grupo na rede social *Facebook* com o objetivo de ampliar a aprendizagem colaborativa fora da sala de aula e sem a presença de um tutor *online*, em um curso de Redação Acadêmica em Inglês, na Universidade de Antuérpia (Bélgica). Peeters (2015) descreve que houve mais de quatro mil contribuições dos estudantes no grupo durante o projeto, que foram analisadas e identificadas como social ou educacional, dependendo do teor das conversações.

Na primeira fase do curso, as contribuições eram essencialmente “educacionais” (84%); na segunda fase, esta proporção mudou para 58% “educacionais” e 42% “sociais”; na terceira fase a proporção se inverteu para 61% “sociais” e 39% “educacionais”; e após a conclusão do curso esta proporção praticamente se manteve (66% “sociais” e 34% “educacionais”). Para Peeters (2015), a mudança de uso do fórum pelos estudantes, de caráter essencialmente “educacional” para outro de predominância “social”, aconteceu porque ao chegarem ao final da atividade, com os objetivos já alcançados, os estudantes não precisavam mais tratar das tarefas e passaram a se comunicar de maneira informal.

Dentre as conclusões obtidas em seu projeto, Peeters (2015) destaca que grande parte dos estudantes (85%) considerou que o objetivo do grupo na rede era educacional, sendo que 82% destes consideraram o propósito social do grupo, subordinado ao objetivo educacional. Quanto à aprendizagem, a conclusão é que o *Facebook* pode proporcionar um ambiente favorável e eficaz para os participantes compartilharem informações, apresentarem questões adicionais sobre seu processo de aprendizagem e, além disto, se motivarem para participar de um grupo colaborativo. Mais ainda, os estudantes gostaram de fazer parte de um grupo do *Facebook*, considerando-o um ambiente divertido e seguro.

O *Facebook* como AVA proporciona conhecimento por meio da construção e colaboração dos alunos e professores, promovendo uma diversidade de formatos de comunicação e de experiências de aprendizagem. Moreira e Januário (2014, p.74), em seus escritos, explicitam que se aceitarmos que os ambientes virtuais de aprendizagem são ferramentas inovadoras para a criação de comunidades de aprendizagem é crucial reconhecermos também,

[...] a necessidade de uma nova perspectiva na criação de contextos de aprendizagem. Assim, perceber como se pode ensinar e aprender, formal ou informalmente, em espaços abertos e de aprendizagem colaborativa, em redes sociais na internet (RSI), como o *Facebook*, é um dos grandes desafios que se colocam a todos os educadores (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p.74).

Portanto, o *Facebook* torna-se uma estratégia didática favorável para a aprendizagem do aluno, sendo um instrumento que permite elaborar uma sequência de aulas embasadas em uma proposta pedagógica que favoreça a abordagem de determinado assunto, de maneira clara e eficiente.

Para Ferreira, Machado e Romanowski (2013), a plataforma do *Facebook* reúne recursos que possibilitam ações interativas na internet, permitindo não só a criação de grupos e o compartilhamento de documentos, imagens e vídeos, mas, também possibilitando a construção de textos coletivos, o agendamento de atividades dentro e fora da plataforma, a realização de enquetes como recurso para pesquisas, bate-papo, etc. Destacam ainda, as ferramentas de comunicação - síncronas e assíncronas - que permitem transformar o *Facebook* em um espaço inovador que contribui significativamente para que aconteçam interações, socializações e aprendizagem colaborativa, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes entre os sujeitos (FERREIRA; MACHADO; ROMANOWSKI, 2013).

O *Facebook* oferece uma plataforma gratuita de interação dinâmica e com recursos simples e funcionais. A facilidade com que os educandos interagem nesta rede social é uma vantagem que pode e deve ser usada pelo docente utilizando-o para disseminar informações, buscando aprofundamento em temáticas discutidas em aula, onde o professor pode dirimir dúvidas a qualquer hora, de qualquer lugar.

Ao inserir o *Facebook* no processo educacional, acaba-se por potencializar a educação, desencadeando um movimento de repensar e redirecionar as práticas pedagógicas, criando cenários com dinâmicas inovadoras que correspondem a linguagem atual dos alunos e desta forma, contribuir de maneira eficiente para o desenvolvimento do mesmo. Portanto, utilizar os recursos do *Facebook* como apoio didático na disciplina de Educação Física, torna-se cada vez mais eficaz e viável na atualidade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa diante do objeto de estudo que visa à rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Educação Física no ensino médio.

4.1 ABORDAGEM DE PESQUISA

Para atingir aos objetivos propostos na dissertação, optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa do tipo exploratória, para compreender e interpretar o fenômeno pesquisado. Para Chizzotti (2006, p. 28), a pesquisa qualitativa:

[...] recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

O estudo qualitativo é interpretativo, experimental, situacional, personalístico e quando bem conduzido metodologicamente, tem opções e estratégias eficazes que podem facilitar a triangulação dos dados (STAKE, 2011). Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.41) a pesquisa de abordagem qualitativa proporciona:

[...] profundidade aos dados, dispersão, riqueza interpretativa, contextualização do ambiente ou entorno, detalhes e experiências únicas. Também traz um ponto de vista “novo, natural e holístico” dos fenômenos, assim como flexibilidade. [...] O método qualitativo foi empregado mais em disciplinas humanísticas como a antropologia, a etnografia e a psicologia social.

A pesquisa qualitativa na atualidade apresenta muitas definições diferenciadas, sendo muito utilizadas nos estudos sociais, psicológicos, antropológicos e educacionais. Na área da educação, a pesquisa qualitativa permite a interpretação dos fenômenos educativos na sua complexidade e no entorno do ambiente educacional.

Para os pesquisadores da abordagem qualitativa, a descrição dos fatos e dos

fenômenos contribui significativamente para interpretar a realidade da população estudada. Para Flick (2009), a pesquisa qualitativa apresenta aspectos relevantes que o pesquisador precisa conhecer para desenvolver essa abordagem, sendo eles:

- a) a propriabilidade de métodos e teorias;
- b) perspectivas dos participantes e sua diversidade;
- c) reflexividade do pesquisador e da pesquisa;
- d) variedade de abordagens e de métodos na pesquisa qualitativa.

Nesta abordagem de pesquisa “[...] o enfoque qualitativo utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 33).

Para Ferreira (2015), a pesquisa de abordagem qualitativa apresenta dimensões amplas que possibilitam ao pesquisador estabelecer uma interpretação real do ambiente da pesquisa, uma descrição de forma detalhada do fenômeno estudado, sendo capaz de trabalhar com dilemas: éticos, incerteza, paradoxos e a ambiguidade.

Já a pesquisa exploratória segundo Gil (2002), é enfocada como o início de todo o trabalho científico. Este tipo de método tem por objetivo complementar a pesquisa bibliográfica, fornecendo maiores informações sobre determinada temática, definindo os objetivos ou formulando as hipóteses de uma pesquisa ou, ainda, podendo descobrir novas perspectivas teóricas para o estudo que se pretende realizar. Para este autor, este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve levantamento bibliográfico, ou entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, ou ainda análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

Severino (2007) coloca que a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando, assim, um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.

4.2 OS SUJEITOS PESQUISADOS E O PROCESSO ÉTICO DA PESQUISA

Esta pesquisa é compreendida como uma investigação de abordagem

qualitativa do tipo exploratória de natureza interpretativa que teve como universo de pesquisa 72 professores que atuam em escolas estaduais e particulares de Curitiba, que lecionam a disciplina de Educação Física.

O universo delimitado para a estudo exploratório foram os professores do ensino médio que lecionam a disciplina de Educação Física e que participaram de um evento esportivo em uma grande universidade privada de Curitiba. Para a realização da pesquisa foi aplicado um questionário (Apêndice 1), como instrumento de coleta de dados que foi entregue a todos os participantes. Os critérios para a seleção dos sujeitos da pesquisa foram os seguintes:

- a) responder ao questionário;
- b) ser professor da disciplina de Educação Física;
- c) estar lecionando no Ensino Médio.

A partir do questionário foi possível identificar alguns dados correspondentes aos sujeitos da pesquisa. Foram entregues 120 questionários durante o evento realizado na Universidade em questão. Foram devolvidos 91 questionários respondidos. Após a leitura cuidadosa do instrumento de coleta de dados, foram selecionados 72 docentes que atendiam os critérios de seleção da investigação.

A idade dos professores foi quantificada e foi possível identificar os seguintes dados: 20% dos professores tem de 20 a 30 anos, 50% dos professores tem de 31 a 40 anos; 20% dos professores tem de 41 a 50 anos; 10% dos professores estão acima dos 51 anos. Em relação ao tempo em que os docentes exercem a profissão como professores de Educação Física no Ensino Médio foi a seguinte: 20% tem menos de 1 ano, 25% tem de 1 a 3 anos, 20% tem de 4 a 6 anos, 35% tem de 7 a 10 anos, sendo que 51% dos professores que participaram da pesquisa são do sexo feminino e 49% do sexo masculino.

O anonimato dos sujeitos desta pesquisa ocorreu durante todas as fases da coleta de dados e posteriormente à sua análise. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi disponibilizado junto com o questionário que foi entregue pessoalmente no evento. O questionário foi recolhido no final do evento juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os 72 participantes selecionados da pesquisa aceitaram participar da investigação e o referido termo de consentimento livre esclarecido se encontra na íntegra no Apêndice 2. A pesquisa desenvolvida nesta dissertação faz parte do projeto de investigação do Prof. Dr. Jacques de Lima Ferreira

que foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Internacional - UNINTER, sob o parecer 1.801.624, Anexo 1.

4.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados são todos os recursos utilizados pelo pesquisador que possibilitam a ele a coleta de informações que serão essenciais para a análise dos dados e sua discussão.

O instrumento utilizado para a coleta de dados durante a realização desta pesquisa foi um questionário (Apêndice 1), com perguntas abertas e fechadas. Esse instrumento teve o objetivo de coletar informações sobre a percepção dos professores relativa à rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem para a disciplina de Educação Física no Ensino Médio. O questionário apresentou cinco perguntas abertas e quatro fechadas, sendo entregue aos professores no dia 24/09/2016 e recebido na mesma data.

Segundo Ferreira (2015), o questionário, quando bem estruturado, possibilita ao pesquisador coletar uma série de informações que são relevantes para a abordagem qualitativa, em especial para a análise de dados. Os questionários recebidos foram codificados para realizar a análise de conteúdo e para manter uma postura ética da pesquisa da seguinte forma:

- a) a sigla QPEM significa questionário do professor do Ensino Médio;
- b) a expressão numérica 01 corresponde ao professor que respondeu o questionário, sua identificação.

Todas essas informações unidas formaram um código QPEM01 que apresenta o seguinte significado: questionário do professor do ensino médio, professor 01. Para cada participante do curso que respondeu o questionário foi criado um código com essas informações. Após todos os questionários possuírem seu respectivo código, a análise de conteúdo foi realizada.

4.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A análise de dados é uma fase importante para a pesquisa qualitativa, essa fase busca organizar, interpretar e analisar o que foi coletado pelo instrumento de

coleta de dados. Neste momento, o pesquisador pode utilizar diferentes técnicas de análise de dados qualitativos. De acordo com Creswell (2014, p. 147) a análise de dados:

[...] em pesquisa qualitativa consiste da preparação e organização dos dados (isto é, dados em texto como transcrições, ou dados em imagens como em fotografias) para análise, depois a redução dos dados em temas por meio de um processo de criação e condensação dos códigos e, finalmente, da representação dos dados em figuras, tabelas ou uma discussão.

A natureza da análise de dados na abordagem qualitativa é diversa, o pesquisador tem a liberdade de escolher o tipo de análise que deseja realizar de acordo com o objetivo do estudo, levando em conta as dimensões, os enfoques e os limites de cada técnica utilizada na pesquisa qualitativa. Contudo, existem diferentes técnicas para organizar e analisar os dados da pesquisa qualitativa, sendo a Análise de Conteúdo uma das possibilidades. Para este estudo, optou-se por realizar a análise do conteúdo do questionário que foi recebido pelos professores de Educação Física.

4.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO REALIZADA NOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

A análise de conteúdo é um método de análise utilizado em diferentes áreas do conhecimento, principalmente nas ciências sociais, psicologia e educação. De acordo com Oliveira *et al.* (2003, p. 2) a análise de conteúdo é um:

[...] instrumento de análise interpretativa, é uma das técnicas de pesquisa mais antigas - os primórdios de sua utilização remontam a 1787 nos Estados Unidos, e sua emergência como método de estudo aconteceu nas décadas de 20 e 30 do século passado com o desenvolvimento das Ciências Sociais, quando a ciência clássica entrava em crise. Como se sabe, a atitude interpretativa faz parte do ser humano que deseja atingir o conhecimento. Desde a hermenêutica, arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos, o homem praticava a interpretação como forma de colocar a sua observação sobre um dado fenômeno.

Enquanto método, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. É um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto (BARDIN, 2011).

A condução da análise de conteúdo abrange diferentes etapas, não existe um método próprio preestabelecido, uma regra a ser seguida. A abordagem de pesquisa qualitativa que faz uso da análise de conteúdo permite ao pesquisador diferentes possibilidades, sendo que cada pesquisador tem uma percepção para realizar a análise do fenômeno pesquisado.

Tendo em vista que a análise de conteúdo pode ser realizada de diferentes formas, para a pesquisa desta dissertação optou-se em realizar a análise tendo como premissa as etapas da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Essas etapas são organizadas em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Segundo Bardin (2011) a primeira etapa de pré-análise corresponde à organização do material coletado, operacionalização das ideias iniciais e do esquema de trabalho, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise, onde pode-se ou não fazer uso do computador.

A pré-análise tem por objetivo a organização, esta fase apresenta a leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos, a referenciação dos índices e elaboração de indicadores e a preparação do material. De acordo com Bardin (2011), a leitura flutuante corresponde ao primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise.

Para a pesquisa desta dissertação, o *corpus* (conjunto de documentos utilizados) para a análise de conteúdo, foram todos os 72 questionários respondidos pelos participantes, que atenderam aos critérios de seleção definidos anteriormente.

Na preparação do *corpus*, os questionários recebidos receberam um código para preservar a identidade do participante. Esta organização inicial foi realizada no próprio questionário. A fase de exploração do material, segundo Bardin (2011), compreende a fase de análise, que nada mais é do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas por computador. Consiste na realização da codificação que corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto.

A codificação é a organização sistemática que se realiza para posteriormente classificar e categorizar. Depois da codificação o passo seguinte é a categorização

que, segundo Bardin (2011, p. 147), é:

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamentos segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.

A categorização é um processo que permite que os códigos sejam agrupados, segregados ou reagrupados com o objetivo de consolidar um significado. Na visão de Bardin (2011), uma boa categorização apresenta qualidades como: a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade, a fidelidade e a produtividade.

Na fase de tratamento dos resultados, os resultados brutos foram tratados de maneira a serem significativos e válidos”, e o pesquisador, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 2011). Para ilustrar as etapas da Análise de Conteúdo realizada no questionário é apresentada a figura 2, com as etapas do processo de análise realizada na dissertação.



Figura 2- Etapas da análise de conteúdo
Fonte: Adaptado de FERREIRA (2015)

Etapa 1 - Coleta de Dados: Os questionários foram entregues e recebidos no mesmo dia, a entrega do instrumento de coleta de dados aconteceu no período da manhã e no período da tarde os mesmos foram recolhidos. O questionário foi criado no *Microsoft Word*.

Etapa 2 - Preparação dos Dados: Foram utilizados os questionários na análise de conteúdo (72 questionários). Esse instrumento de coleta de dados foi codificado com um código para cada questionário respondido. O questionário recebeu o código QPEM (Questionário do Professor do Ensino Médio). Junto com esse código foi inserido uma identificação numérica que corresponde ao participante que respondeu o questionário. Exemplo: QPEM32 esse código significa - questionário do professor do ensino médio, participante 32.

Etapa 3 - Codificação: A etapa da codificação foi realizada com a criação dos códigos para realizar a categorização. Os códigos representam um sistema de símbolos que permite a representação de uma informação. Para cada resposta foi criado um código e as respostas iguais ou semelhantes recebiam um código já criado anteriormente. Os códigos foram agrupados por semelhança ou incidência e deram origem às categorias de análise.

Etapa 4 - Categorização: A etapa da categorização foi realizada a partir da criação dos códigos. Os códigos foram agrupados por semelhança ou incidência e deram origem as categorias de análise. Todas as respostas de um código com maior incidência foram analisadas. Para isso, procurou-se o significado e do sentido das respostas dos participantes, e na medida em que estavam interessados também em saber a intensidade do aparecimento dos significados lógicos semânticos, foram quantificadas as frequências absolutas e relativas das respostas. Conhecidas as respostas dos participantes, estas passaram a constituir-se como indicadores para a criação das categorias. A análise das respostas foi realizada da seguinte maneira:

- a) leitura cuidadosa das respostas dos participantes;
- b) reflexão da pesquisadora sobre cada resposta;
- c) identificação e criação de grupos com pontos de convergência entre as respostas para consolidar um significado;
- d) criação das categorias a partir das respostas dos participantes.

Etapa 5 - Análise de Conteúdo: Na análise do questionário, foram elaborados quadros que apresentam as categorias criadas e alguns de seus indicadores (respostas). Os quadros apresentados a seguir irão apresentar três respostas que foram utilizadas como exemplos para a criação das categorias e o total de respostas de cada categoria. A soma total de respostas de cada categoria criada corresponde a quantidade de incidência que o código teve. A análise de conteúdo foi realizada

somente em três perguntas do questionário que ajudaram a responder o objetivo geral da pesquisa.

A pergunta número sete do questionário: Você usaria a Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensino nas aulas teóricas de Educação Física? Justifique a sua resposta.

A resposta que apresentou maior incidência para esta pergunta foi: sim, usaria a Rede Social Facebook como ambiente virtual de aprendizagem nas aulas teóricas de Educação Física com 64 incidências. A pergunta teve o objetivo de verificar a aceitação da Rede Social *Facebook* no processo de ensino. Conforme o quadro 2, apresentamos as categorias que foram criadas a partir da resposta dos participantes de acordo com os motivos explicitados pelos mesmos para justificar o uso da rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensino nas aulas teóricas de Educação Física.

Quadro 2 - Motivos para utilização da rede social *Facebook*

Motivos Explicitados - CATEGORIAS	Participantes
-Porque é uma rede social em que me comunico com os meus alunos	Total de respostas: 08
“O <i>facebook</i> é muito utilizado pelos meus alunos, usaria sim, pois me comunico com eles nesta rede”.	QPEM13
“Usaria sim, é uma rede social que tem uma interface muito interativa, já me comunico com os meus alunos no <i>face</i> , mais é uma comunicação informal”.	QPEM28
“Usaria com certeza, utilizo muito essa rede social para me comunicar, principalmente, com os meus alunos. No <i>facebook</i> , eu acompanho a participação deles em campeonatos”.	QPEM59
-Porque é uma rede social muito utilizada pelos jovens	Total de respostas: 05
“Usaria com certeza, tenho muitos alunos meus no meu <i>face</i> , é uma rede social muito utilizada por eles”.	QPEM06
“Sim, eu usaria, é uma rede social em que muitos adolescentes utilizam, eles são criativos e utilizam esta rede social até para estudar, escutei o meu aluno falar que eles têm um grupo fechado no <i>face</i> para estudar química”.	QPEM33
“É uma rede social utilizada no mundo inteiro, muitos jovens utilizam o <i>facebook</i> para comentar, divulgar seus pensamentos e curtir as atividades dos seus colegas da escola.	QPEM61
-Usaria, mas não sabe como utilizar no processo de ensino nas aulas teóricas de Educação Física	Total de respostas: 51
“Eu usaria o <i>facebook</i> como AVA, os meus alunos interagem muito nesta rede social, sou professora de escola pública e a minha escola não tem ambiente virtual de aprendizagem, seria muito bom	QPEM23

utilizar essa rede que os meus alunos utilizam, o único problema é que não sei como utilizar”.	
“Usaria sim o <i>face</i> , acho uma rede social que tem uma grande potencialidade educativa, o problema é que não sei como utilizar esta rede como ambiente virtual de aprendizagem, principalmente para trabalhar conteúdos teóricos da Educação Física”.	QPEM44
“Usaria sim, com certeza, acho que teria uma participação em peso dos meus alunos, pois todos vivem conectados no <i>facebook</i> . A sua possibilidade como um ambiente virtual de aprendizagem me deixou curiosa, não saberia como utilizar esta rede como um ambiente virtual de aprendizagem”.	QPEM70

Fonte: A autora

Como podemos observar no quadro 2, 51 respostas (71%) estão relacionadas à intenção de utilizar a Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem, mas os participantes relataram não saber como utilizar esta ferramenta como parte do processo de ensino. Esta hesitação por parte dos participantes torna-se pertinente, uma vez que esta rede social não foi criada com um objetivo pedagógico, entretanto, pesquisas realizadas por Ferreira, Correia e Torres (2012), Moreira e Januário (2014) e Llorens e Capdeferro (2011) mostram que a rede social *Facebook* pode ser amplamente utilizada no processo de ensino.

Para Moreira e Januário (2014 p. 68), atualmente os profissionais da educação discutem muito:

[...] a utilização das tecnologias da *Web 2.0* e os serviços de *software* social (*blogs, wikis, mundos virtuais, social bookmarking...*) em contexto educativo, no entanto a utilização das redes sociais nestes contextos ainda encontra bastante resistências, talvez por ser uma tecnologia recente e ainda incompreendida como ambiente de aprendizagem (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p. 68).

O *Facebook* é um espaço gratuito, coletivo e colaborativo que proporciona a troca de informações e o aprofundamento de temas, ele potencializa o processo de criação de materiais pedagógicos por parte do professor favorecendo o conhecimento e inovando o processo educacional.

A rede social *Facebook* possui uma espécie de tutorial que descreve passo a passo como utilizá-lo. Explica exatamente como criar um grupo, como elaborar uma página, uma publicação e muito mais. Enfim, basta um pouco de coragem, tempo e boa vontade para o professor se aventurar nesse mundo virtual, mesmo que em um primeiro momento tudo pareça difícil, é possível utilizá-lo para fins pedagógicos.

Dando sequência à esta análise, a pergunta oito do questionário indagou a seguinte questão: Se usaria, quais seriam as contribuições da Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Educação Física?

A resposta que apresentou maior incidência foi que a Rede Social *Facebook* poderia contribuir na exemplificação das regras, técnicas e práticas dos esportes na Educação Física, com 52 incidências. A pergunta tinha o objetivo de identificar quais seriam as contribuições da rede social *Facebook* como AVA na disciplina de Educação Física. Conforme o quadro 3, apresentamos as categorias que foram criadas a partir da resposta dos participantes para justificar as contribuições diante da exemplificação das regras, técnicas e práticas dos esportes na Educação Física.

Quadro 3 - Contribuições da rede social *Facebook* como AVA

Motivos Explicitados - CATEGORIAS	Participantes
-Facilitar a visualização e demonstração	Total de respostas:41
“A rede social <i>facebook</i> como ambiente virtual de aprendizagem iria contribuir para exemplificar as técnicas e regras dos jogos, principalmente, na visualização, pois o aluno poderia ver um vídeo que mostrasse a técnica para a realização de uma prática esportiva”.	QPEM03
“[...] Pelo <i>face</i> o aluno poderia ver a técnica e a prática de várias atividades esportivas, isso iria contribuir muito nas aulas teóricas da educação física”.	QPEM35
“[...] no <i>face</i> a gente interage, compartilha, vê vídeos, a contribuição seria muito significativa, pois o aluno poderia visualizar vários vídeos, ver vídeos de outros colegas que participaram. Eu como professora poderia gravar um pequeno vídeo no celular e postar para a visualização de uma técnica, uma prática, diferentes regras, etc.”.	QPEM42
-Na relação teoria diante da prática	Total de respostas: 11
“Não sei se é possível, mas pela rede social <i>facebook</i> o aluno poderá ler textos, ver imagens, compartilhar documentos e interagir com os demais alunos quando tiver dúvidas”.	QPEM39
“Acredito que o <i>face</i> poderá fazer a interação e a comunicação que um ambiente virtual de aprendizagem faz, trabalhar de forma teórica com textos de leitura básica e complementar”.	QPEM55
“Esta rede social contribui de forma significativa quando bem organizada, já utilizei com alunos da especialização, criei um grupo fechado no <i>facebook</i> e interagia com meus alunos lá. Postava, texto, materiais explicativos, figuras e imagens ilustrativas de práticas da educação física. Consegui trabalhar com muitos conceitos teóricos de diferentes autores”.	QPEM68

Fonte: A autora

Pode-se observar no quadro 3 que um total de 41 participantes (57%) responderam que a rede social *Facebook* contribui na exemplificação das regras, técnicas e práticas dos esportes na Educação Física, pois permite a visualização e demonstração de atividades, onde o aluno pode ver e entender melhor o que ele aprendeu com o professor. Inúmeros autores já citados concordam com esta opinião, visto que o *Facebook* realmente é um grande aliado no processo pedagógico e pode fazer a diferença, pois é um ambiente envolvente onde os principais atores da educação, os alunos, estão completamente inseridos no contexto.

De acordo com Tsukamoto, Fialho e Torres (2014, p.359), com as novas exigências do mundo contemporâneo, advindas da evolução tecnológica,

[...] o professor precisa buscar novas maneiras de fazer educação e de inovar suas aulas. As redes sociais podem ampliar as possibilidades de inovação no setor educacional, promovendo a propagação do conhecimento e flexibilizando o ritmo de estudo dos alunos (TSUKAMOTO; FIALHO; TORRES, 2014, p. 359).

Para Okada (2011), as redes sociais favorecem o uso de recursos colaborativos e o compartilhamento de informações proporcionando maior participação e autonomia na construção de conteúdos, pesquisas e práticas educacionais *online*. O autor ressalta ainda que docentes e usuários da *web* podem utilizar aplicativos gratuitos para criar, remixar e socializar materiais pedagógicos ampliando suas redes de colaboração através de *feedbacks* sobre práticas educacionais, pesquisas e eventos de interesse.

As aulas teóricas de Educação Física apresentam regras, exemplificam fundamentos e suas técnicas e mostram os sistemas de jogos que podem ser exibidos através de vídeos, *links* e afins por meio da rede social *Facebook*. Esta experiência pode tornar a aula mais atraente por se tratar de uma rede social muito utilizada pelos jovens, e se mostra como um ótimo recurso didático, pois o professor tem a chance de centralizar todos os conteúdos em um só lugar e proporcionar aos discentes uma aula diferente e dinâmica.

A pergunta número nove do questionário questionou: se não usaria, quais seriam as implicações da Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Educação Física?

A resposta que apresentou maior incidência foi que a Rede Social *Facebook* poderia ter como implicação a falta de organização para trabalhar a disciplina de

Educação Física com os alunos, com 39 incidências. A pergunta teve o objetivo de identificar quais seriam as dificuldades que a rede social *Facebook* poderia oferecer sendo utilizada como AVA na disciplina de Educação Física. Conforme o quadro 4, apresentamos as categorias que foram criadas a partir da resposta dos participantes:

Quadro 4 – Dificuldades relacionadas à rede social *Facebook* no AVA

Motivos Explicitados - CATEGORIAS	Participantes
-Nos conteúdos	Total de respostas: 27
“Eu particularmente acredito que esta rede social não serve na educação, a implicação que eu vejo é a falta de organização para trabalhar os conteúdos a serem desenvolvidos nos bimestres”.	QPEM47
“Não vejo utilidade educacional nesta rede social. Vejo dificuldades para organizar o que eu faço na prática com os meus alunos, como colocar isso no face em forma de texto, de vídeo?”.	QPEM50
“[...] organizar de maneira didática os conteúdos ensinados tanto na aula teórica como na prática, seria uma dificuldade”.	QPEM66
- No tempo	Total de respostas: 12
“Sentiria muita dificuldade de organizar a disciplina nesta rede social, pois tenho pouco tempo durante a semana, dou aula em três instituições de ensino”.	QPEM39
“Não vejo utilidade no <i>face</i> , e sim para os alunos passarem o tempo e verificarem o que os outros estão postando, se o professor utilizasse esta rede social como AVA eu acredito que seria muito difícil organizar e montar esse AVA e conciliar com o tempo que o professor tem para isso, não tenho muitas horas atividades”.	QPEM55
“Organizar a transposição dos conteúdos para este ambiente seria uma implicação, de que forma isso acontece, é possível? Ter tempo para responder e interagir com os alunos no <i>face</i> , vejo isso como problema para mim, tenho pouco tempo para isso”.	QPEM68

Fonte: A autora

Pode-se observar no quadro 4 que 27 participantes (38%) responderam que não usariam esta rede social por enxergar nela a dificuldade de organizar os conteúdos que são trabalhados na disciplina de Educação Física. Algumas pesquisas realizadas por Patrício e Gonçalves (2010), Ferreira, Machado e Romanoswki (2013) e Teixeira (2015), mostram que existe possibilidade de se organizar os conteúdos de uma disciplina para serem estudados nesta rede social.

O *Facebook* oferece explicações simples, com passo a passo para criação de grupos, postagens, enquetes e outras várias possibilidades. Como dito anteriormente,

basta o professor ter interesse, tempo e coragem para se aventurar na *Web 2.0* e proporcionar aos seus discentes uma atividade de aprendizagem diferenciada.

Apesar dessa rede social em questão não ter sido elaborada com propósitos educacionais, o professor ao propiciar um espaço de interação, que pode aqui ser considerado um AVA, desde que, como explica Ferreira, Machado e Romanowski (2013), exista atrelado a ele, uma proposta pedagógica mediada por ações colaborativas e reflexivas. Os autores ressaltam que:

[...] as resistências iniciais dos participantes vão além do domínio do uso das ferramentas, pois a manifestação em espaços abertos de redes sociais envolve a superação do individualismo; maior transparência e ocorre rompimento do “fechar a porta da sala de aula” onde o professor se sentia seguro entre seus alunos. Para tanto, faz-se necessário os professores despirem-se de preconceito em relação às redes sociais e reconhecer essa interface ou outra qualquer, como uma possibilidade para construir e fomentar práticas inovadoras de ensino e aprendizagem. Além disso, é fundamental reconhecer as implicações dessas mudanças no modo de expressão e reflexão do saber docente. Nós professores ampliamos o envolvimento com maior número de pessoas aumentando o nosso compromisso educativo, político, social e ético (FERREIRA; MACHADO; ROMANOWKI, 2013, p. 565).

Romper barreiras, mudar paradigmas e evoluir são pressupostos básicos que devem acompanhar a vida de um professor. Para Weber e Behrens (2010, p. 247) “ser educador nos dias de hoje exige uma postura ampla e uma visão aberta de todo o mundo e de todas as modificações que vêm ocorrendo”.

O professor deve ir aos poucos mudando sua atitude, assim como o *Facebook*, que segundo Patrício e Gonçalves (2010), foi aos poucos organizando-se como um espaço de integração, comunicação, partilha e colaboração, tornando-se um ambiente de aprendizagem eficaz e envolvente.

4.6 CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS AULAS TEÓRICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

Com o desejo de contribuir para o crescimento da disciplina de Educação Física, apresenta-se uma proposta de trabalho para as aulas teóricas no Ensino Médio na modalidade específica de voleibol. Com a finalidade de promover uma mudança significativa na ação pedagógica, foi utilizado o *Facebook* como Ambiente Virtual de Aprendizagem.

A aula teórica sobre voleibol no ensino médio inserida no *Facebook* como um

ambiente virtual de aprendizagem é um recurso didático a favor do processo de ensino e aprendizagem. Tal recurso caracteriza-se como uma tecnologia educacional pois favorece o aluno para que este possa estudar o conteúdo para depois vivenciá-lo na prática. O objetivo geral desta pesquisa foi propor o *Facebook* como AVA. Para que isso se tornasse possível, foi organizado o conteúdo de voleibol e o mesmo foi inserido na rede social para que os alunos pudessem estudar, interagir e compartilhar o conhecimento.

A seguir, são apresentados detalhes do desencadeamento da construção do grupo de estudos na rede social *Facebook*, utilizando-a como ambiente virtual de aprendizagem para a disciplina de Educação Física na modalidade de voleibol.

Primeiramente foi criado o grupo de estudos no *Facebook* por meio do perfil já existente da professora responsável pelas aulas.

Utilizou-se a rede social como um ambiente virtual de aprendizagem para que os alunos estudem o conteúdo concomitantemente com as aulas presenciais teóricas e práticas.

As avaliações durante as aulas foram somativas ou processuais, que segundo Both (2012), ocorrem ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem. Para que haja uma aprendizagem significativa deve haver uma interação entre os atos de ensinar e avaliar. Para o autor, ao avaliar o aluno é importante verificar se o mesmo adquiriu as competências, as capacidades e as habilidades essenciais para sua participação efetiva na sociedade, podendo ser através da construção do seu conhecimento devido a informações transmitidas pelo docente ou buscadas por ele próprio (BOTH, 2012).

A avaliação dos alunos perante a utilização, interação e desenvolvimento das atividades foi feita por meio de atividades solicitadas pela professora regente da disciplina, da seguinte maneira: 50% da nota relacionada à participação do aluno e 50% da nota relacionada às entregas das atividades solicitadas.

O processo avaliativo irá ocorrer de forma processual e contínua diante da utilização da Rede Social *Facebook* como uma sala de aula virtual para complementar o processo de ensino e aprendizagem. No próximo subitem foi explicitada a construção e o desenvolvimento da Rede Social *Facebook* como um ambiente virtual de aprendizagem.

O grupo de estudo na rede social *Facebook* foi criado em janeiro de 2017 pela professora responsável por esta pesquisa. Nesta rede social, foi criado um ambiente

virtual de aprendizagem para as aulas de Educação Física do Ensino Médio na modalidade de voleibol.

Durante a construção das aulas foram postados vídeos e materiais para tornar as aulas mais interessantes, descontraídas, divertidas e interativas procurando tornar a plataforma um canal acessível de fácil disseminação de informação, mas conservando a responsabilidade ética.

Tem como propósito discutir e aprofundar os conteúdos de voleibol, proporcionando o acesso a uma bibliografia alternativa, referente aos temas desta modalidade esportiva, de modo que as aulas postadas possam acrescentar outras perspectivas ao aprendizado. Proporciona também a participação em atividades de estudo distintas do cotidiano da sala de aula fomentando o estudo e o debate das temáticas propostas.

A página da rede social *Facebook* pode ser acessada através do endereço: <https://www.Facebook.com>, como podemos verificar na figura 3, que corresponde a página inicial da rede social *Facebook*.



Figura 3: Página inicial do Facebook
Fonte: A autora

A figura 3 demonstra a página inicial da rede social *Facebook*. Após a criação da conta nesta rede social o usuário terá um perfil no qual poderá preencher diferentes campos com suas informações pessoais e assim personalizar sua página.

Ao iniciar seu perfil, o usuário poderá criar uma lista de amigos enviando e aceitando convites para compor uma rede de amizades. Ao aceitar um pedido de amizade ou ser aceito como amigo, ambos os usuários terão acesso aos respectivos perfis.

Nesta rede social, foi criado um ambiente virtual de aprendizagem para aulas de Educação Física do Ensino Médio na modalidade de voleibol.

A pesquisadora utilizou seu perfil do *Facebook* para iniciar o processo de criação do grupo de estudos e utilizar essa rede social como um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Essas aulas foram criadas e desenvolvidas com a intenção de proporcionar, em um espaço de construção de conhecimento e de aprendizagem, aulas teóricas de Educação Física durante todo o semestre, como exposto na figura 4.



Figura 4: Criação do grupo de estudos no *Facebook*
Fonte: A autora

A figura 4 demonstra que no dia 24 de janeiro de 2017 foi criado o grupo de estudo no *Facebook*. Neste grupo de estudos foram postadas aulas teóricas de Educação Física destinadas aos alunos do ensino médio que escolheram no início do ano letivo a modalidade de voleibol.

O perfil criado teve como ideia principal manter o ambiente educativo informal e descontraído, como é demonstrado na figura 5.



Figura 05: Foto de capa
Fonte: A autora

A figura 5 mostra o grupo fechado criado para as aulas de Educação Física do Ensino Médio intitulado Educação Física - Voleibol. Ao entrar neste perfil educativo no *Facebook*, os alunos terão acesso a informações sobre o esporte Voleibol, além de vídeos, fotos e *links* interessantes ao processo de aprendizagem.

Com o intuito de receber os alunos e deixar claro o objetivo do grupo foi criado um aviso de Boas-vindas conforme exposto na figura 6.

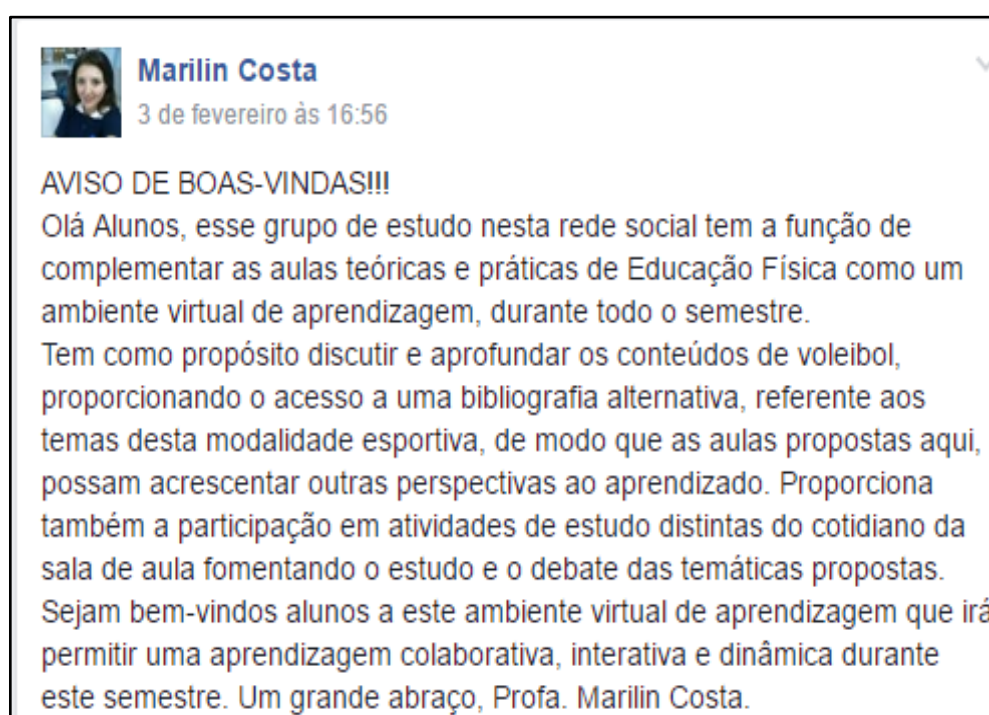
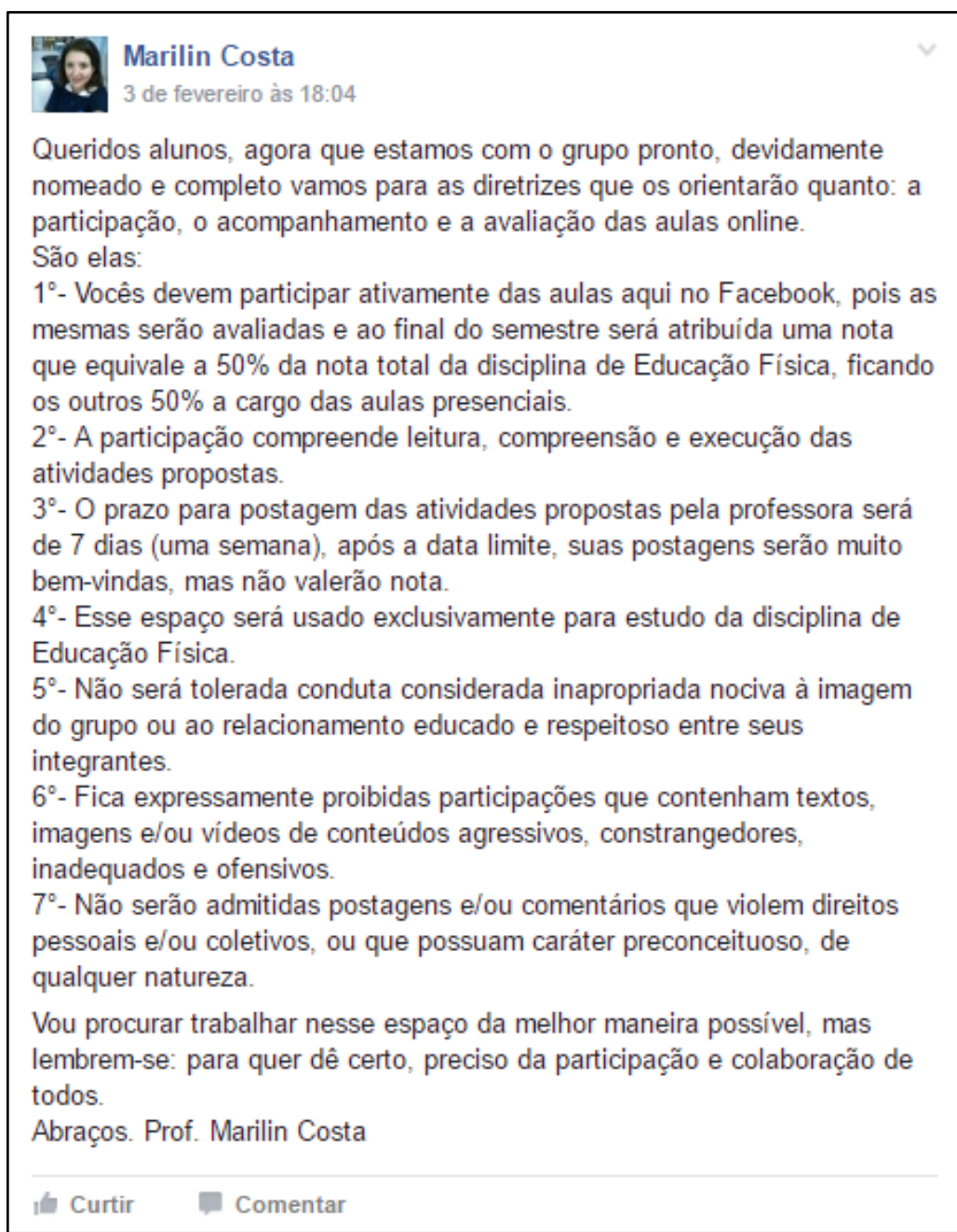


Figura 6: Aviso de boas-vindas
Fonte: A autora

Na figura 6 pode-se observar que no texto de abertura, além das boas-vindas, a professora explicou aos alunos sobre o funcionamento do AVA, a sua função e o seu objetivo enquanto grupo de estudos.

As diretrizes das aulas *online* foram criadas com o objetivo de orientar os alunos quanto à participação, o acompanhamento, a avaliação, a conduta, o tempo para a realização das atividades propostas e demais informações pertinentes ao grupo. Conforme a figura 7, foram apresentadas as Diretrizes das aulas *online*.



Marilin Costa
3 de fevereiro às 18:04

Queridos alunos, agora que estamos com o grupo pronto, devidamente nomeado e completo vamos para as diretrizes que os orientarão quanto: a participação, o acompanhamento e a avaliação das aulas online.
São elas:

- 1°- Vocês devem participar ativamente das aulas aqui no Facebook, pois as mesmas serão avaliadas e ao final do semestre será atribuída uma nota que equivale a 50% da nota total da disciplina de Educação Física, ficando os outros 50% a cargo das aulas presenciais.
- 2°- A participação compreende leitura, compreensão e execução das atividades propostas.
- 3°- O prazo para postagem das atividades propostas pela professora será de 7 dias (uma semana), após a data limite, suas postagens serão muito bem-vindas, mas não valerão nota.
- 4°- Esse espaço será usado exclusivamente para estudo da disciplina de Educação Física.
- 5°- Não será tolerada conduta considerada inapropriada nociva à imagem do grupo ou ao relacionamento educado e respeitoso entre seus integrantes.
- 6°- Fica expressamente proibidas participações que contenham textos, imagens e/ou vídeos de conteúdos agressivos, constrangedores, inadequados e ofensivos.
- 7°- Não serão admitidas postagens e/ou comentários que violem direitos pessoais e/ou coletivos, ou que possuam caráter preconceituoso, de qualquer natureza.

Vou procurar trabalhar nesse espaço da melhor maneira possível, mas lembrem-se: para quer dê certo, preciso da participação e colaboração de todos.

Abraços. Prof. Marilin Costa

👍 Curtir 💬 Comentar

Figura 07: Diretrizes das aulas *online*
Fonte: A autora

Na figura 7, as diretrizes das aulas *online* possuem sete itens que direcionam os alunos quanto à participação, avaliação e condutas no Ambiente Virtual de Aprendizagem proposto.

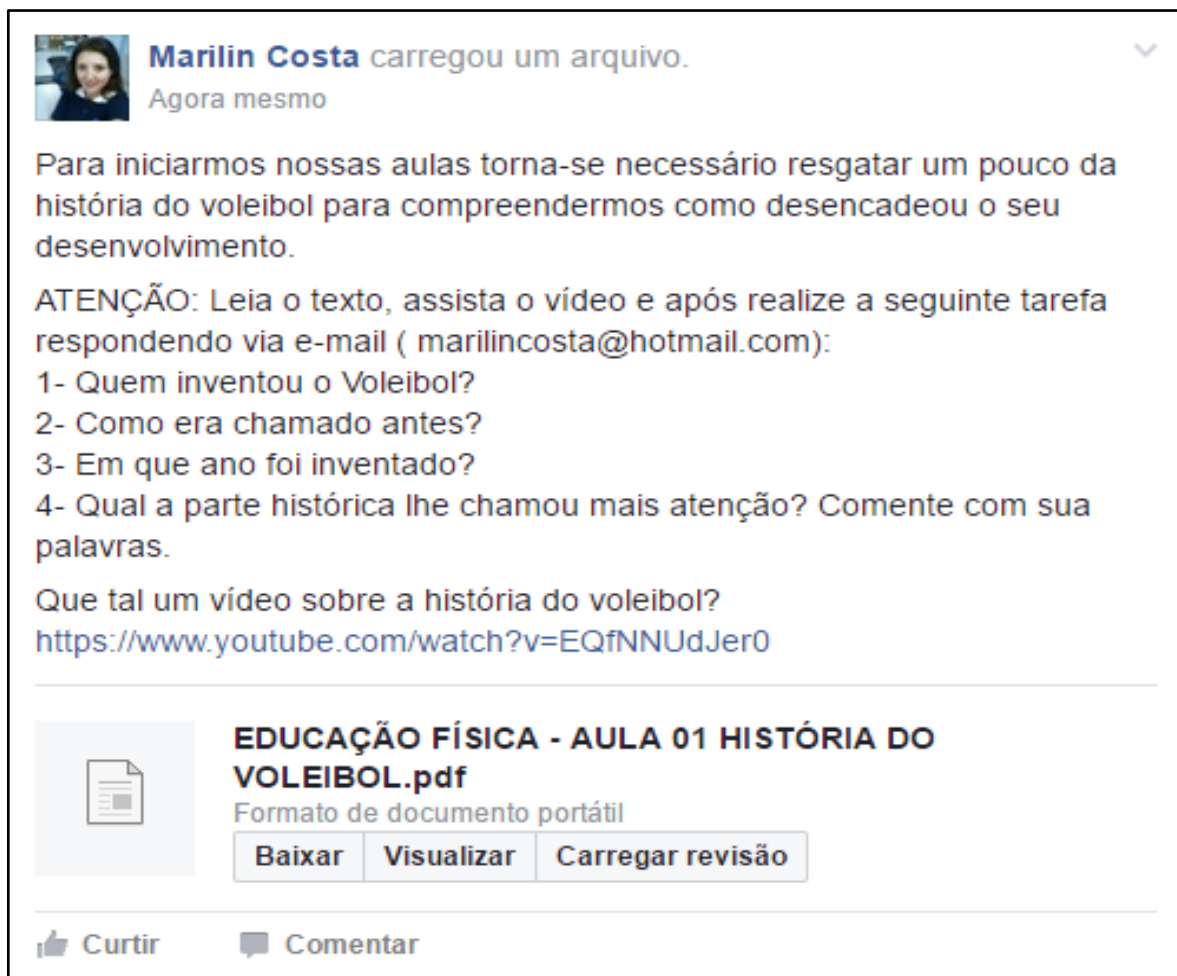
Para estimular o aluno a participar das aulas *online*, procurou-se dar um ar descontraído de boas-vindas, conforme a figura 8.



Figura 8: Foto de boas-vindas
Fonte: A autora

Na figura 8, de forma amena, pode-se verificar a questão da participação das atividades propostas e a realização da avaliação da disciplina de Educação Física. Sendo importante destacar essas questões de forma descontraída para que o aluno perceba que essa proposta de aulas teóricas complementares nesse ambiente virtual poderá estimular e contribuir com seu aprendizado.

Dando início às aulas no *Facebook* como Ambiente Virtual de Aprendizagem tornou-se necessário resgatar um pouco da história do Voleibol para melhor compreensão do seu desenvolvimento como esporte. Conforme a figura 9, pode-se visualizar a aula 1 intitulada “História do voleibol”.




Marilin Costa carregou um arquivo.
Agora mesmo

Para iniciarmos nossas aulas torna-se necessário resgatar um pouco da história do voleibol para compreendermos como desencadeou o seu desenvolvimento.

ATENÇÃO: Leia o texto, assista o vídeo e após realize a seguinte tarefa respondendo via e-mail (marilincosta@hotmail.com):

- 1- Quem inventou o Voleibol?
- 2- Como era chamado antes?
- 3- Em que ano foi inventado?
- 4- Qual a parte histórica lhe chamou mais atenção? Comente com sua palavras.

Que tal um vídeo sobre a história do voleibol?
<https://www.youtube.com/watch?v=EQfNNUdJer0>

 **EDUCAÇÃO FÍSICA - AULA 01 HISTÓRIA DO VOLEIBOL.pdf**
Formato de documento portátil

[Baixar](#) [Visualizar](#) [Carregar revisão](#)



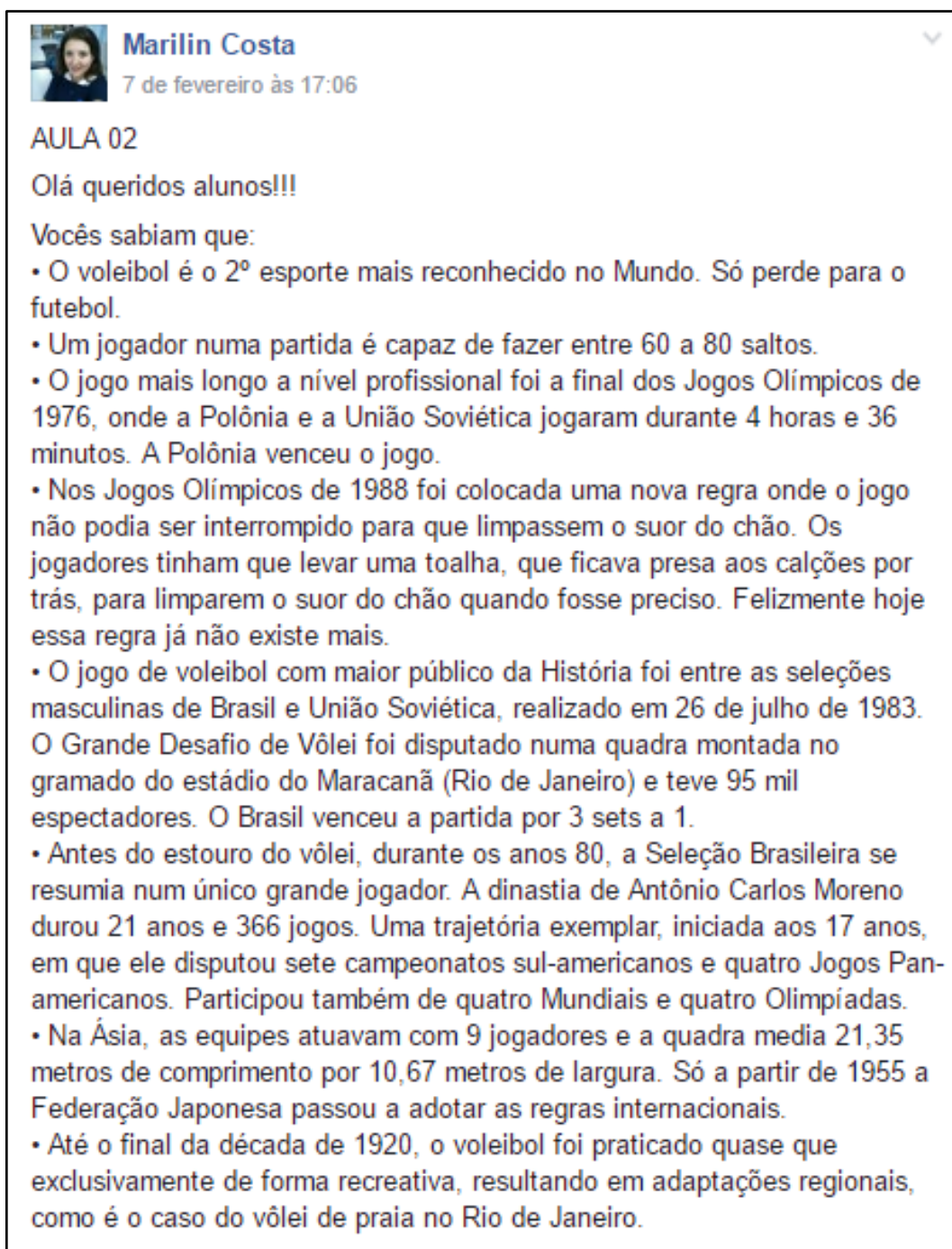
 Curtir  Comentar

Figura 9: Aula 1: História do voleibol - Parte 1
Fonte: A autora

Como representado na figura 9, esta unidade apresentou três atividades distintas sobre o histórico do voleibol: um texto, um vídeo e uma atividade de avaliação que propôs a resposta de quatro questões que deveria ser diretamente enviada para o *e-mail* da professora. A utilização do *e-mail* teve o intuito de evitar que os alunos apenas copiassem a resposta dos colegas.

Na aula 2, com o objetivo de complementar o conteúdo da aula 1, foram postadas curiosidades sobre o voleibol, visando ampliar o conhecimento cultural a respeito deste esporte (Figura 10).



Marilyn Costa
7 de fevereiro às 17:06

AULA 02

Olá queridos alunos!!!

Vocês sabiam que:

- O voleibol é o 2º esporte mais reconhecido no Mundo. Só perde para o futebol.
- Um jogador numa partida é capaz de fazer entre 60 a 80 saltos.
- O jogo mais longo a nível profissional foi a final dos Jogos Olímpicos de 1976, onde a Polónia e a União Soviética jogaram durante 4 horas e 36 minutos. A Polónia venceu o jogo.
- Nos Jogos Olímpicos de 1988 foi colocada uma nova regra onde o jogo não podia ser interrompido para que limpassem o suor do chão. Os jogadores tinham que levar uma toalha, que ficava presa aos calções por trás, para limparem o suor do chão quando fosse preciso. Felizmente hoje essa regra já não existe mais.
- O jogo de voleibol com maior público da História foi entre as seleções masculinas de Brasil e União Soviética, realizado em 26 de julho de 1983. O Grande Desafio de Vôlei foi disputado numa quadra montada no gramado do estádio do Maracanã (Rio de Janeiro) e teve 95 mil espectadores. O Brasil venceu a partida por 3 sets a 1.
- Antes do estouro do vôlei, durante os anos 80, a Seleção Brasileira se resumia num único grande jogador. A dinastia de Antônio Carlos Moreno durou 21 anos e 366 jogos. Uma trajetória exemplar, iniciada aos 17 anos, em que ele disputou sete campeonatos sul-americanos e quatro Jogos Pan-americanos. Participou também de quatro Mundiais e quatro Olimpíadas.
- Na Ásia, as equipes atuavam com 9 jogadores e a quadra media 21,35 metros de comprimento por 10,67 metros de largura. Só a partir de 1955 a Federação Japonesa passou a adotar as regras internacionais.
- Até o final da década de 1920, o voleibol foi praticado quase que exclusivamente de forma recreativa, resultando em adaptações regionais, como é o caso do vôlei de praia no Rio de Janeiro.

Figura 10: Aula 2: História do voleibol - Parte 2
Fonte: A autora

A figura 10 foi destinada à complementar a aula 2, que ainda tratava do histórico do voleibol. Nesta abordagem, optou-se pelo formato de curiosidades para instigar o leitor e desenvolver o conhecimento cultural acerca do referido esporte.

Na mesma linha de raciocínio, foi realizada nova postagem (Figura 11), tratando-se de um infográfico sobre a evolução do voleibol, criado pela autora, com o objetivo de tornar mais dinâmica e atraente a fixação de informações.

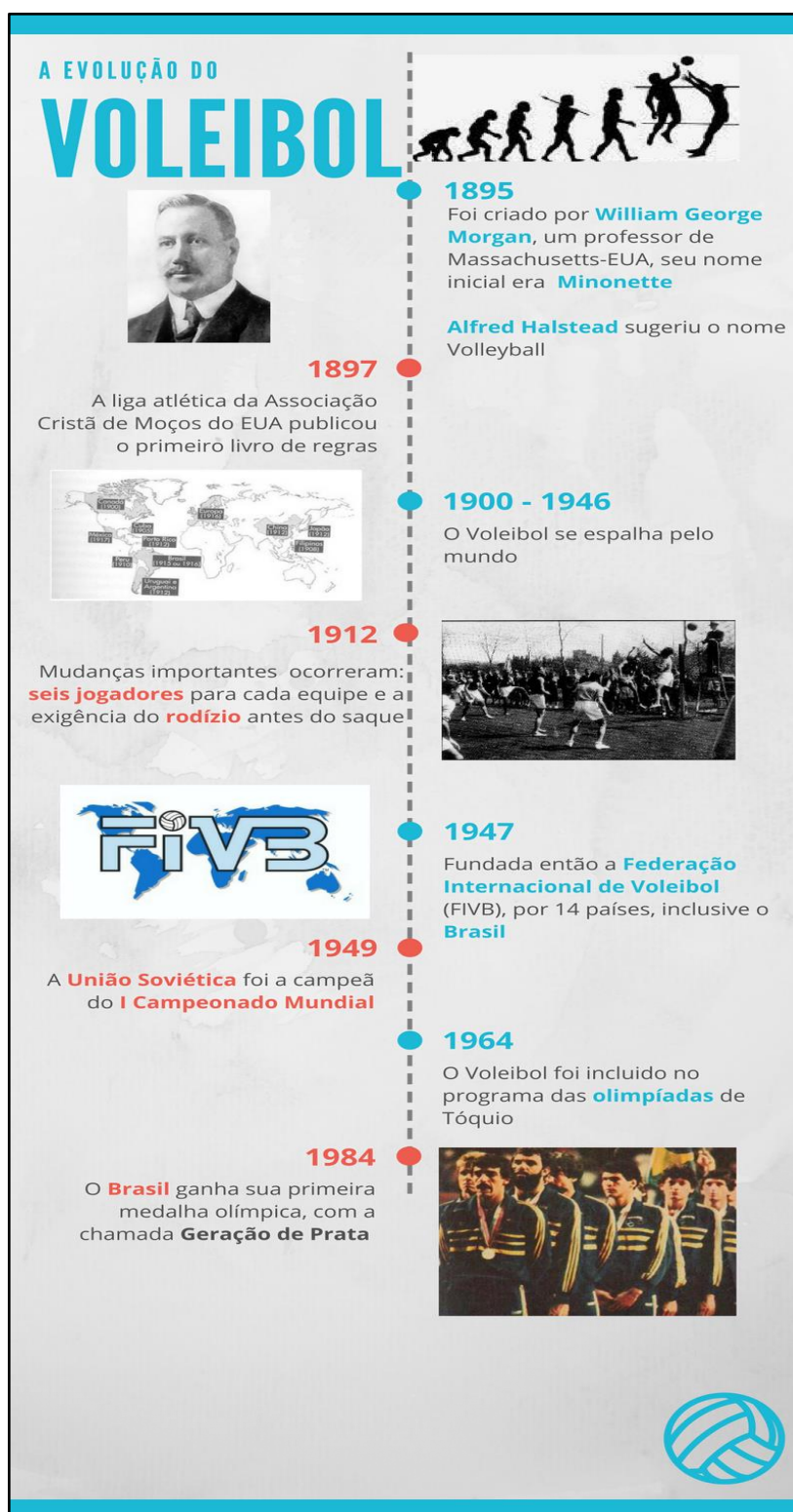
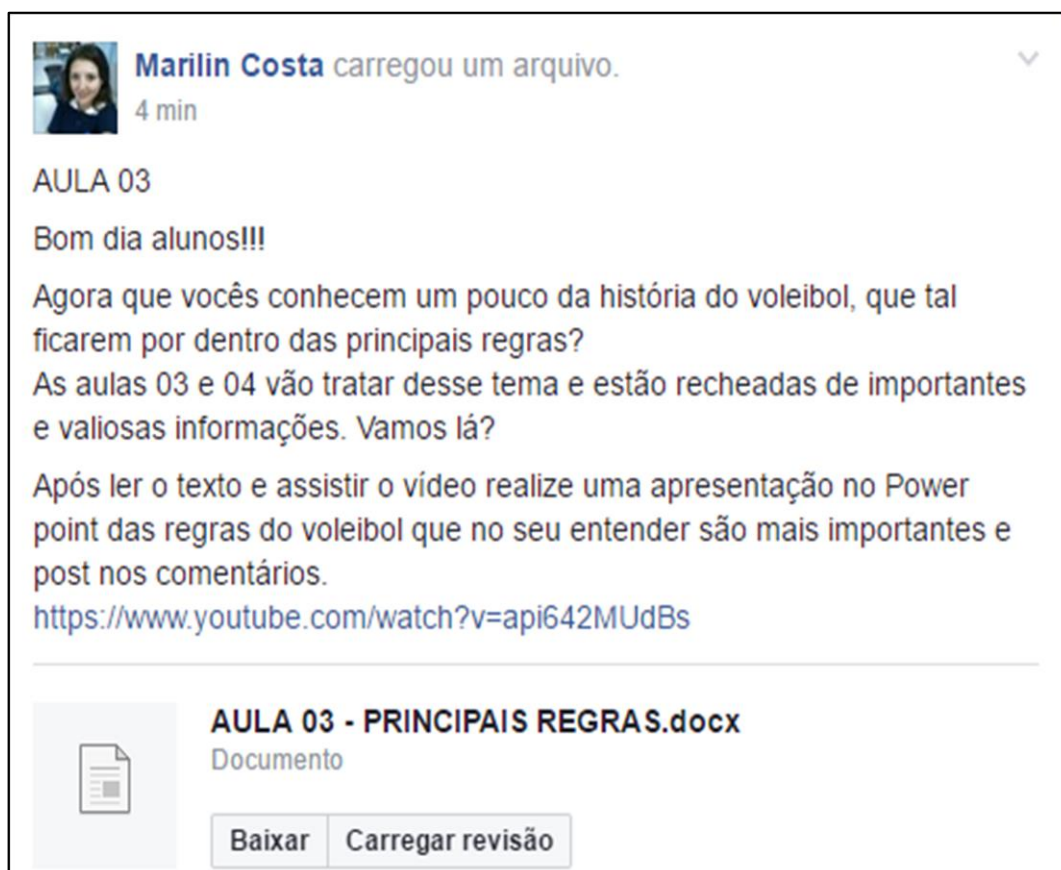


Figura 11: Infográfico da evolução do voleibol - Continuação da aula 2
Fonte: A autora

De maneira descontraída foi exposta a evolução do voleibol fazendo uma alusão às datas mais importantes da história deste esporte.

Ao se estudar um esporte é de extrema importância o conhecimento de suas

principais regras para que se possa entender de forma facilitada o seu desenvolvimento quanto ao jogo. A aula 3 foi destinada a trabalhar as principais regras do voleibol (Figura 12).



The image shows a social media post from Marilyn Costa. The post includes a profile picture, the name 'Marilyn Costa', and the text 'carregou um arquivo.' followed by '4 min'. The main text of the post reads: 'AULA 03 Bom dia alunos!!! Agora que vocês conhecem um pouco da história do voleibol, que tal ficarem por dentro das principais regras? As aulas 03 e 04 vão tratar desse tema e estão recheadas de importantes e valiosas informações. Vamos lá? Após ler o texto e assistir o vídeo realize uma apresentação no Power point das regras do voleibol que no seu entender são mais importantes e post nos comentários.' Below the text is a URL: 'https://www.youtube.com/watch?v=api642MUdBs'. At the bottom, there is a file upload section for 'AULA 03 - PRINCIPAIS REGRAS.docx' (Documento) with 'Baixar' and 'Carregar revisão' buttons.

Figura 12: Aula 3: Principais regras do voleibol - Parte 1
Fonte: A autora

Na aula 3, demonstrada na figura 12, as principais regras foram expostas por meio de um texto didático desenvolvido especialmente para a aula, e um vídeo complementar ainda foi postado com o objetivo de demonstrar de maneira mais clara como é feito o rodízio em uma partida de voleibol. Após a leitura das principais regras e a visualização do vídeo foi proposto aos alunos a construção de uma apresentação em mídia abordando de forma pessoal a regra que cada aluno julgou ser a mais importante. Posteriormente, os alunos deveriam postá-la nos comentários, facilitando o raciocínio por meio de conteúdos trabalhados em outras áreas do conhecimento.

Com o objetivo de oportunizar o acesso ao *site* da Confederação Brasileira de Voleibol e proporcionar o acesso dos alunos às regras oficiais do voleibol, a aula 4

complementa a aula anterior (Figura 13).

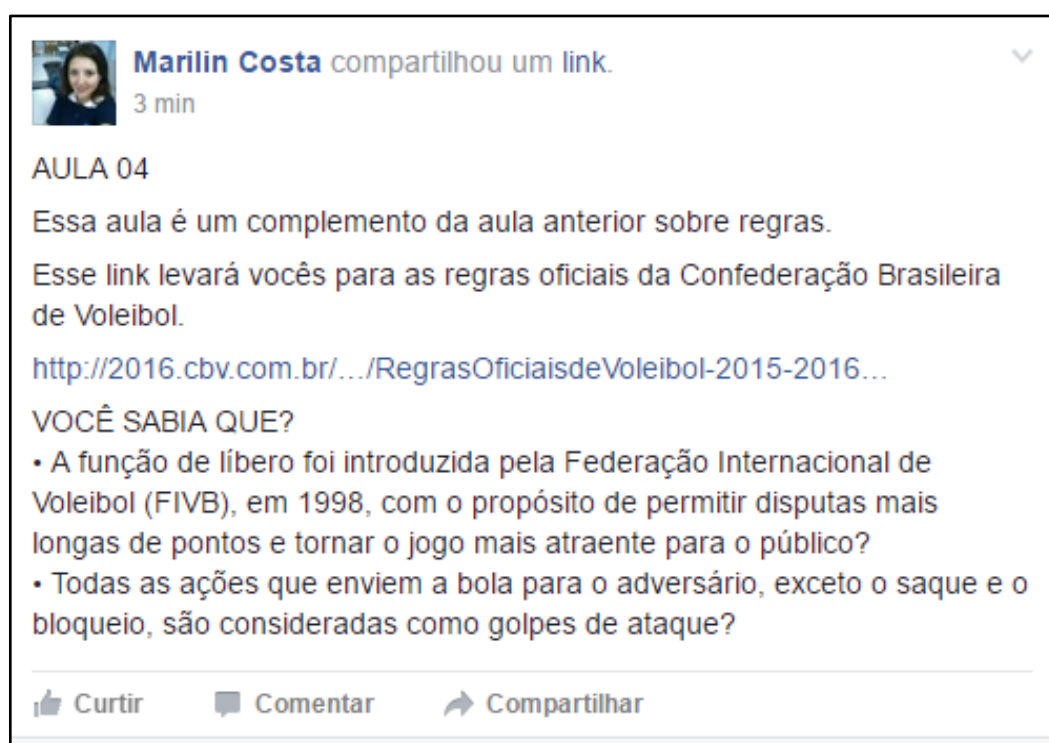


Figura 13: Aula 4: Principais regras do voleibol - Parte 2
Fonte: A autora

A figura 13 encerra o assunto referente às regras do voleibol, utilizando um *link* para levar o aluno ao *site* da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), que é a principal entidade reguladora deste esporte no Brasil. Ainda buscando tornar o conteúdo interessante, foi postado em forma de curiosidades, alguns detalhes sobre a posição específica de “líbero” e esclarecimento sobre a abrangência do ataque. Tudo isso, com a finalidade de tornar o conteúdo instigante.

Após a aula 4, foi postado um vídeo emocionante de um verdadeiro *rally* no voleibol, com o intuito de estimular o gosto pelo esporte e conseqüentemente, pelas aulas teóricas no *Facebook*, como podemos ver a seguir na figura 14.



Figura 14: Entretenimento
Fonte: VOLEIBOL NEILY

O vídeo exposto na figura 14, foi postado para mostrar aos discentes de maneira intensa um *rally* do voleibol feminino onde as duas equipes se esmeram em grandes recuperações da bola.

Para facilitar a comunicação entre a professora e os alunos, explicar o que são fundamentos no voleibol, elencá-los segundo a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e expor o que ainda seria trabalhado nas próximas aulas, foi postado um assunto intitulado “Fique por dentro” (Figura 15).

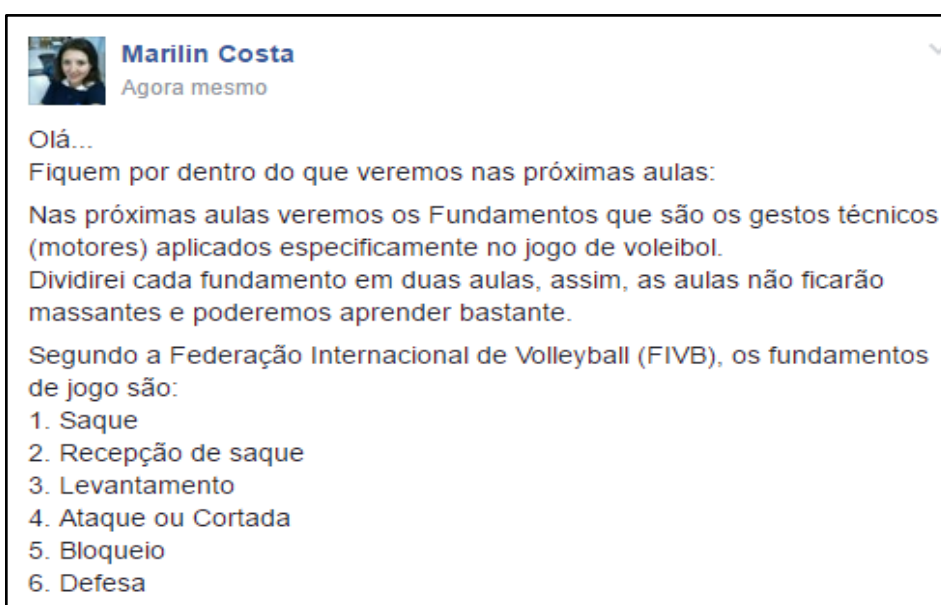
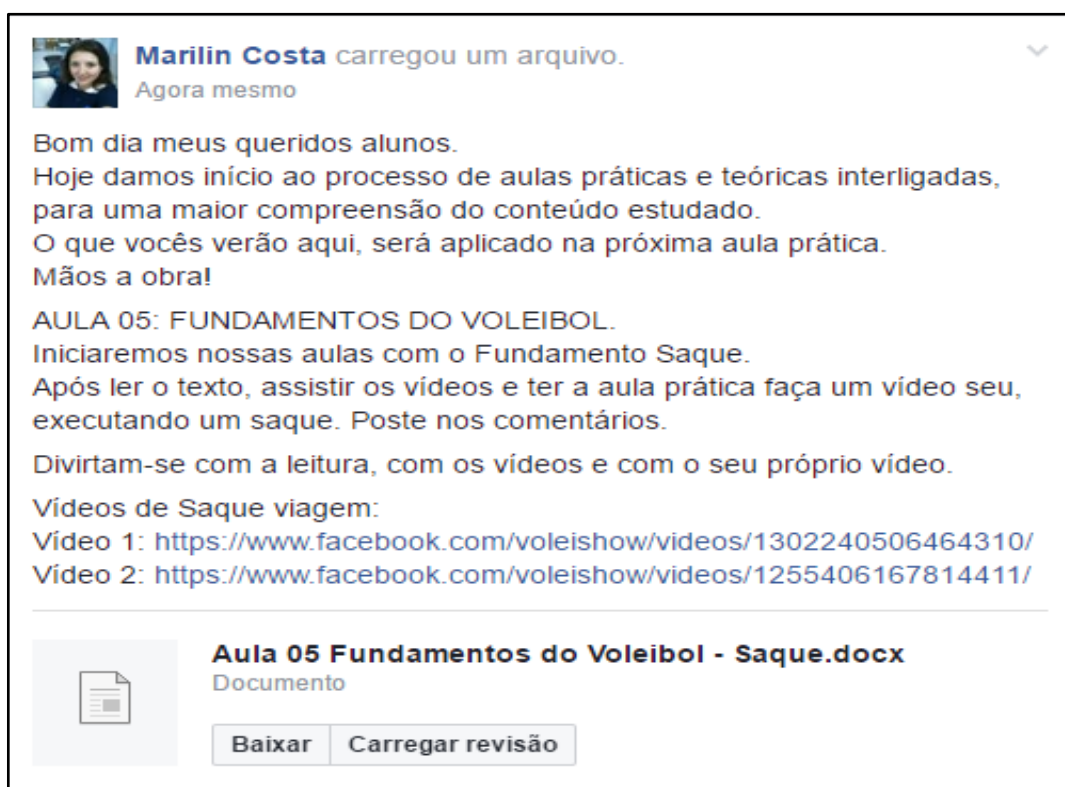


Figura 15: Fique por dentro
Fonte: A autora

A figura 15 mostra o texto introdutório ao novo assunto que será abordado nas aulas seguintes, dando ênfase aos fundamentos do voleibol segundo a Federação Internacional de Voleibol.

A aula 5 foi intitulada “Fundamentos do voleibol - Saque” e foi desenvolvida para que o aluno tenha contato com a base teórica do fundamento denominado “saque”, a fim de que na sua prática ele tenha a oportunidade de explorar novas possibilidades de utilização da técnica deste fundamento (Figura 16).



The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top left is a profile picture of a woman and the name 'Marilyn Costa' followed by 'carregou um arquivo.' and 'Agora mesmo'. The main text of the post reads: 'Bom dia meus queridos alunos. Hoje damos início ao processo de aulas práticas e teóricas interligadas, para uma maior compreensão do conteúdo estudado. O que vocês verão aqui, será aplicado na próxima aula prática. Mãos a obra! AULA 05: FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL. Iniciaremos nossas aulas com o Fundamento Saque. Após ler o texto, assistir os vídeos e ter a aula prática faça um vídeo seu, executando um saque. Poste nos comentários. Divirtam-se com a leitura, com os vídeos e com o seu próprio vídeo. Vídeos de Saque viagem: Vídeo 1: <https://www.facebook.com/voleishow/videos/1302240506464310/> Vídeo 2: <https://www.facebook.com/voleishow/videos/1255406167814411/>'. Below the text is a document icon and the title 'Aula 05 Fundamentos do Voleibol - Saque.docx' with the word 'Documento' underneath. At the bottom are two buttons: 'Baixar' and 'Carregar revisão'.

Figura 16: Aula 5: Fundamentos do voleibol - Saque
Fonte: A autora

A figura 16 corresponde à aula 5, onde os alunos tiveram acesso, além do texto proposto para a aula, a dois vídeos sobre o fundamento “saque”. Como tarefa foi proposta a construção de um vídeo próprio executando qualquer tipo de saque com o objetivo de fortalecer o envolvimento do aluno com a atividade de estudo.

A aula 6, continuação do fundamento “saque”, complementa os conhecimentos do assunto dando ênfase às regras em torno deste fundamento (Figura 17).

 **Marilyn Costa** compartilhou um link.
1 minuto

AULA 06: Continuação do Fundamento Saque.

Olá!
Se divertiram produzindo seus próprios vídeos?
Quero ver o resultado!

Curiosidades:

- A velocidade de um saque no voleibol pode alcançar os 140km/h.
- A formação de Barreira durante o saque é proibida, ou seja, os jogadores da equipe sacadora não podem impedir o adversário de visualizar o sacador e a trajetória da bola, seja por uma ação individual ou coletiva. Um jogador, ou um grupo de jogadores da equipe sacadora comete uma falta de barreira realizando ações de: balançar os braços; pular ou mover-se de um lado para o outro durante a execução do saque; ou agrupar-se de forma a esconder o sacador e a trajetória da bola.

Vídeo para descontrair.



vôlei feminino momentos engraçados

nossa pagina no facebook:
<https://www.facebook.com/VoleiBrasileiro10/?ref=hl>

YOUTUBE.COM

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Figura 17: Aula 6: Continuação da aula 5 - Saque
Fonte: A autora

Como pode-se observar na figura 17, relativa à aula 6, foi postado um pequeno texto que traz, além de curiosidades, uma ligação com o assunto da aula anterior, especificamente, sobre regras de comportamento na quadra durante o saque. Para finalizar a aula, foi disponibilizado um vídeo divertido sobre falhas de grandes atletas, servindo de encorajamento para os iniciantes do voleibol.

A aula 7 dá início a um novo fundamento do voleibol e tem o objetivo trazer embasamento teórico aos discentes e desta forma favorecer o aprimoramento da prática do fundamento “recepção” (Figura 18).

Marilyn Costa carregou um arquivo.
20 min

Aula 07: Fundamento Recepção.

Bom dia queridos alunos!
Damos início à aula de recepção com muitas informações importantes. Vocês vão gostar. Segue o texto para leitura e os vídeos para visualização. Como tarefa peço que postem nos comentários um vídeo da web sobre esse fundamento. Tempo máximo 2 minutos.

Assistam os vídeos abaixo:
<https://youtu.be/m5LR3K7tGMc>
https://youtu.be/r_Kn0kR-HoQ

AULA 07 FUNDAMENTO DO VOLEIBOL - RECEPÇÃO.pdf
Formato de documento portátil

Baixar Visualizar Carregar revisão

Curtir Comentar

Escreva um comentário...

Figura 18: Aula 7: Fundamentos do voleibol - Recepção
Fonte: A autora

Dado início à aula 7, demonstrada na figura 18, os conteúdos de texto e vídeo sobre o fundamento “recepção” propôs a postagem de um vídeo disponibilizado na internet, estimulando assim, a atividade de pesquisa e o envolvimento com o assunto.

Na aula 8, o objetivo foi apresentar a função de “líbero”, jogador especializado no fundamento de recepção e revisar as regras específicas envolvendo a sua função, conforme mostra a figura 19.



Marilyn Costa compartilhou um link.
2 min

AULA 08: CONTINUAÇÃO DO FUNDAMENTO RECEPÇÃO.
Bom dia!!! Hoje veremos uma função específica no voleibol: O líbero.

O líbero é um jogador especializado nos fundamentos de recepção e defesa, ficando sempre no fundo da quadre, na zona de defesa. Essa função foi introduzida pela FIVB em 1998 com o propósito de ter rallies mais longos, tornando o jogo de certa forma, mais atraente.

A posição de líbero tem suas regras específicas. Acesso o link abaixo e leia as páginas 38 a 40 das regras oficiais.

<http://2016.cbv.com.br/.../RegrasOficiaisdeVoleibol-2015-2016...>

Assista o vídeo:
<https://youtu.be/QYyhSZD-Nzc>

Assista os vídeos publicados por seus colegas na aula passada e dê uma curtida no vídeo que mais gostou. Não vale escolher o seu!!! Vamos lá?



Fundamentos do Vôlei: Líbero (Recepção)

Luciano, líbero do Sesc RJ Vôlei fala um pouco sobre a posição e sua importância no vôlei.

YOUTUBE.COM

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Escreva um comentário...

Figura 19: Aula 8: Continuação da aula 7 - Recepção
Fonte: A autora

A aula 8, representada na figura 19, trata especificamente sobre a função de “líbero”, jogador que tem na recepção e defesa seu principal fundamento. A aula ainda estimula a interação do grupo de estudos onde os alunos devem opinar sobre a tarefa proposta na aula anterior. Essa aula foi proposta através de um conteúdo dinâmico, buscando dessa maneira, tornar-se estimulante para os alunos.

Na aula 9, foram introduzidos os conceitos do fundamento “levantamento”, de forma a evidenciar sua importância tática, e desta forma buscar o empenho dos alunos em desenvolver habilidades específicas para a execução da técnica do mesmo (Figura 20).



Marilin Costa carregou um arquivo.
Agora mesmo


AULA 09: Fundamento Levantamento
Bom dia alunos!
Hoje será a vez de nos familiarizarmos com um fundamento extremamente importante do voleibol: O levantamento.

Após ler o texto e assistir os vídeos poste nos comentários a resposta para essas duas perguntas:

- 1- Como está seu toque e levantamento?
- 2- Quais dificuldades você encontrou na realização do toque?

Vídeo na visão do levantador:
<https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/939515826142064/>

Vídeo levantamento de costas e finta do levantador:
<https://www.facebook.com/300561445403/videos/10153290470480404/>

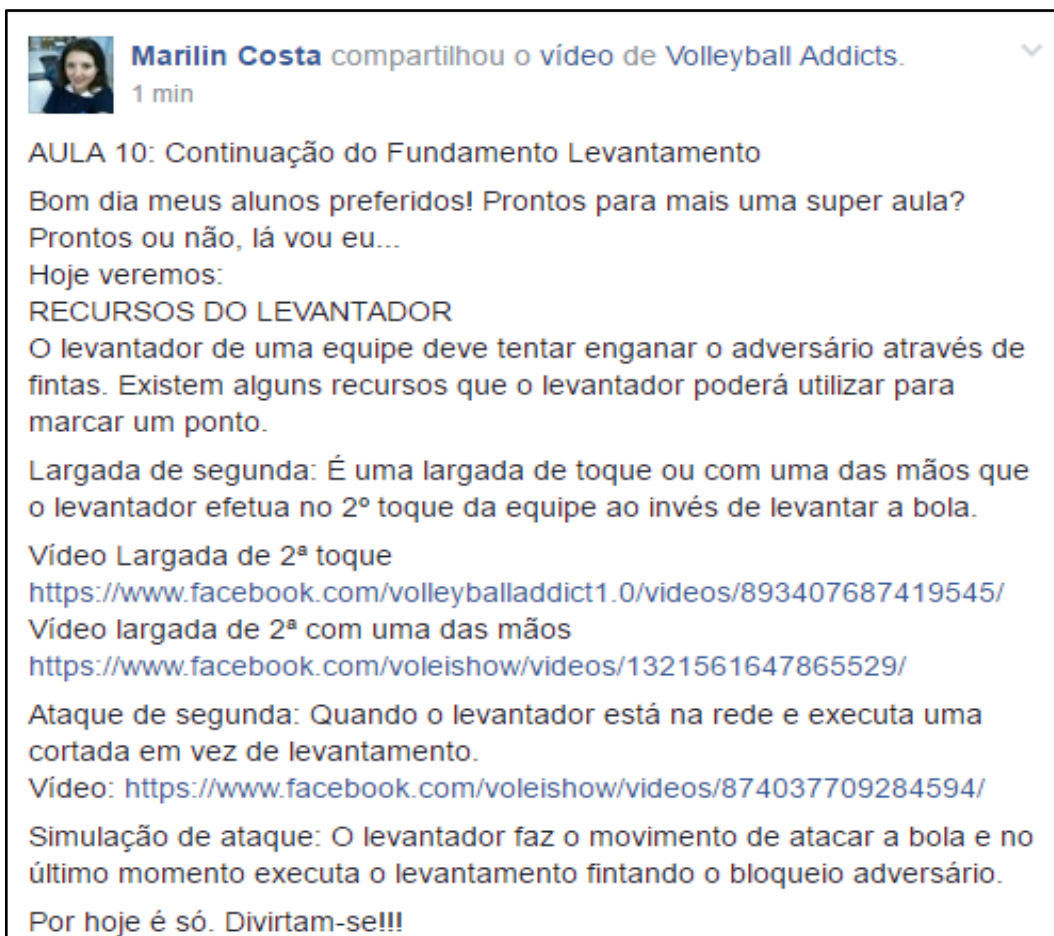
 **Aula 09 - Fundamentos do Voleibol - Levantamento.pdf**
Formato de documento portátil

Baixar Visualizar Carregar revisão

Figura 20: Aula 9: Fundamentos do voleibol - Levantamento
Fonte: A autora

Apresentada na figura 20, a aula 9 descreve sobre o fundamento “levantamento”. Além do texto descritivo que foi elaborado para esclarecer detalhes do fundamento, a aula conta com imagens ilustrativas que dão visibilidade à ação do mesmo e traz ainda, um interessante vídeo que demonstra as ações do levantador em primeira pessoa. Como tarefa, foi proposta a realização de uma atividade de auto avaliação sobre o desempenho de cada discente no fundamento “levantamento” durante a aula prática, fazendo a relação entre as aulas *online* e as aulas presenciais.

Na aula 10 foram apresentados alguns recursos que o levantador pode utilizar durante um jogo de voleibol, com o objetivo de demonstrar para os alunos a diversidade de opções do jogador cujo a função está primordialmente ligada ao levantamento. Desta forma demonstrar que boa técnica e boa execução deste fundamento pode resultar em uma ferramenta tática para a equipe (Figura 21).



Marilyn Costa compartilhou o vídeo de Volleyball Addicts. 1 min

AULA 10: Continuação do Fundamento Levantamento

Bom dia meus alunos preferidos! Prontos para mais uma super aula? Prontos ou não, lá vou eu...

Hoje veremos:

RECURSOS DO LEVANTADOR

O levantador de uma equipe deve tentar enganar o adversário através de fintas. Existem alguns recursos que o levantador poderá utilizar para marcar um ponto.

Largada de segunda: É uma largada de toque ou com uma das mãos que o levantador efetua no 2º toque da equipe ao invés de levantar a bola.

Vídeo Largada de 2ª toque
<https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/893407687419545/>

Vídeo largada de 2ª com uma das mãos
<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1321561647865529/>

Ataque de segunda: Quando o levantador está na rede e executa uma cortada em vez de levantamento.

Vídeo: <https://www.facebook.com/voleishow/videos/874037709284594/>

Simulação de ataque: O levantador faz o movimento de atacar a bola e no último momento executa o levantamento fintando o bloqueio adversário.

Por hoje é só. Divirtam-se!!!

Figura 21: Aula 10: Continuação da aula 9 - Levantamento
Fonte: A autora

Na figura 21, a aula 10 foi apresentada em formato de texto e vídeos proporcionando assim, maior entendimento das ações do levantador.

Foi postado um vídeo como forma de entretenimento exemplificando um ponto inusitado, durante uma partida de voleibol, marcado após a bola ter batido na cabeça da jogadora e caído na quadra adversária, ilustrando a regra que indica que o toque da bola em qualquer parte do corpo é válido (Figura 22).

 **Marilyn Costa** compartilhou o vídeo de VOLEISHOW.
Agora mesmo

Para descontrair...

Ponto de cabeça também vale

<https://www.facebook.com/voleishow/videos/905793919442306/>



3.016 visualizações

VOLEISHOW
20 de março de 2015

Você já fez algum ponto de cabeça na vida? 😱

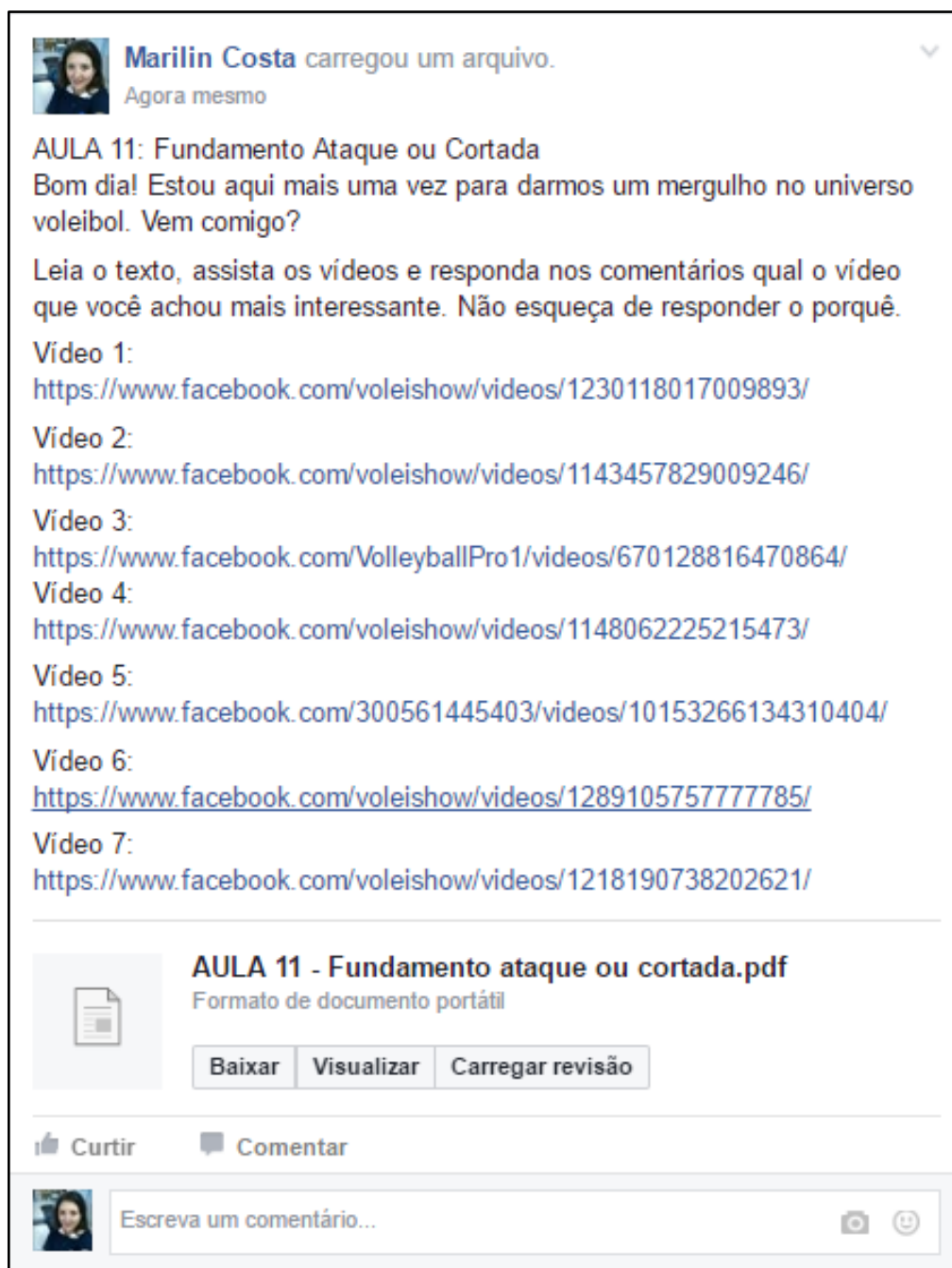
Pois é, às vezes pode acontecer...

 Curtir  Comentar

Figura 22: Vídeo para descontrair
Fonte: A autora

Na figura 22, o vídeo demonstra uma forma inusitada de se marcar um ponto, onde o conhecimento da regra é primordial para dar continuidade ao jogo.

A aula 11, intitulada Fundamentos do voleibol - Ataque ou cortada traz aos alunos o conteúdo teórico do fundamento abordado com a finalidade de complementar a prática com detalhes que resultem no aprimoramento individual. Os vídeos da aula possibilitam aos discentes ampliar o seu repertório dentro do fundamento estudado, como exposto na figura 23.



Marilyn Costa carregou um arquivo.
Agora mesmo

AULA 11: Fundamento Ataque ou Cortada
Bom dia! Estou aqui mais uma vez para darmos um mergulho no universo voleibol. Vem comigo?

Leia o texto, assista os vídeos e responda nos comentários qual o vídeo que você achou mais interessante. Não esqueça de responder o porquê.

Vídeo 1:
<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1230118017009893/>

Vídeo 2:
<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1143457829009246/>

Vídeo 3:
<https://www.facebook.com/VolleyballPro1/videos/670128816470864/>

Vídeo 4:
<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1148062225215473/>

Vídeo 5:
<https://www.facebook.com/300561445403/videos/10153266134310404/>

Vídeo 6:
<https://www.facebook.com/voleishow/videos/128910575777785/>

Vídeo 7:
<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1218190738202621/>

 **AULA 11 - Fundamento ataque ou cortada.pdf**
Formato de documento portátil

Baixar **Visualizar** **Carregar revisão**

 Curtir  Comentar




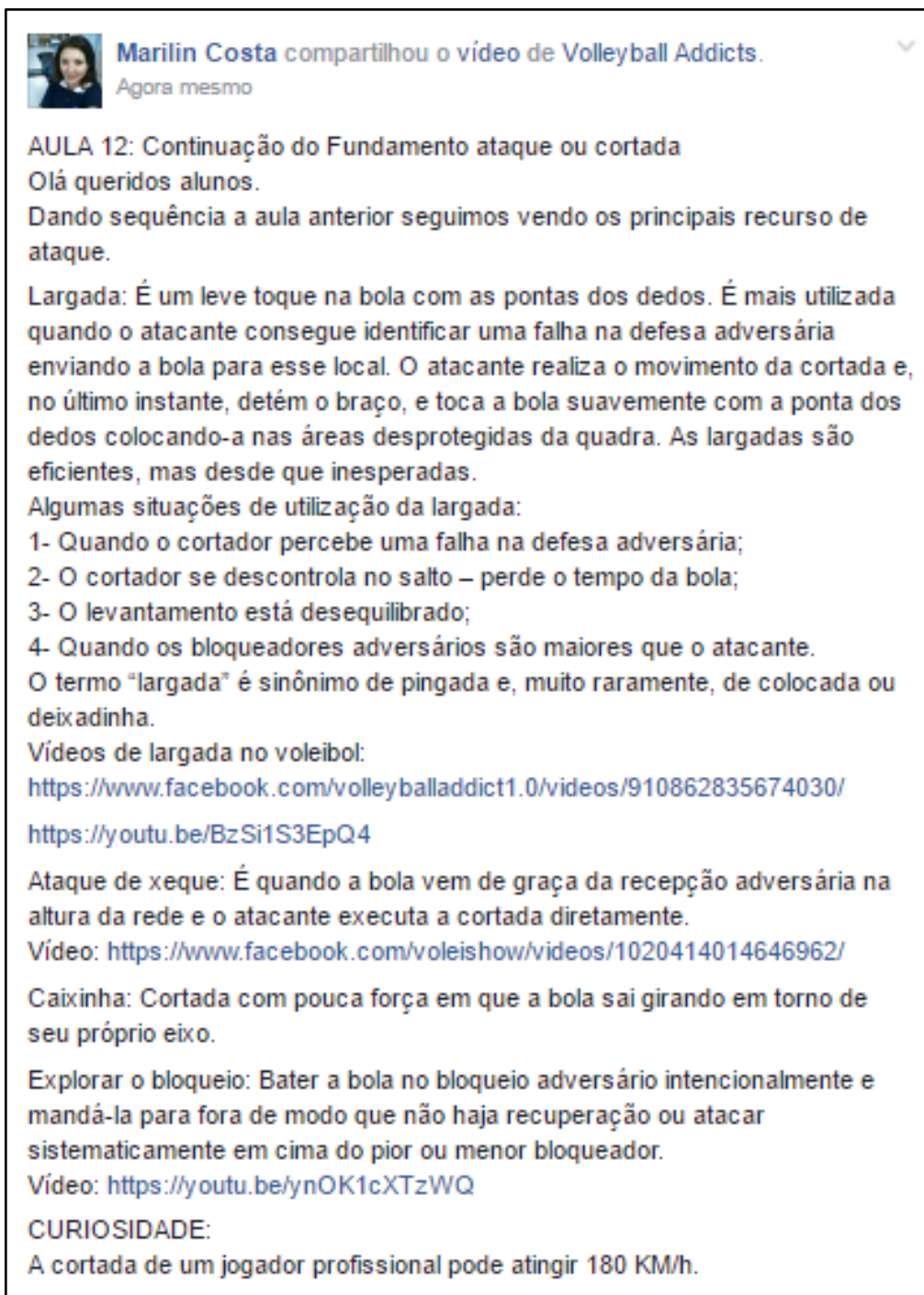
  

Figura 23: Aula 11: Fundamentos do voleibol - Ataque ou cortada
Fonte: A autora

A figura 23, representando a aula 11, dá início ao estudo do fundamento “ataque ou cortada”. De maneira descontraída, faz-se uma introdução ao assunto a ser estudado. O material didático postado foi criado especificamente para a aula, além da postagem de vários vídeos sobre ataque. Como tarefa foi pedido aos discentes que assistissem aos vídeos e que em seguida, cada um comentasse qual dos vídeos foi o seu favorito, e que esta resposta fosse justificada, a fim de estimular o pensamento crítico de todos.

A aula 12 tem o propósito de dar continuidade ao estudo do fundamento “ataque” e seus principais recursos, possibilitando aos alunos uma vasta gama de informações acerca desse fundamento (Figura 24).



Marilyn Costa compartilhou o vídeo de Volleyball Addicts.
Agora mesmo

AULA 12: Continuação do Fundamento ataque ou cortada
Olá queridos alunos.
Dando sequência a aula anterior seguimos vendo os principais recurso de ataque.

Largada: É um leve toque na bola com as pontas dos dedos. É mais utilizada quando o atacante consegue identificar uma falha na defesa adversária enviando a bola para esse local. O atacante realiza o movimento da cortada e, no último instante, detém o braço, e toca a bola suavemente com a ponta dos dedos colocando-a nas áreas desprotegidas da quadra. As largadas são eficientes, mas desde que inesperadas.

Algumas situações de utilização da largada:

- 1- Quando o cortador percebe uma falha na defesa adversária;
- 2- O cortador se descontrola no salto – perde o tempo da bola;
- 3- O levantamento está desequilibrado;
- 4- Quando os bloqueadores adversários são maiores que o atacante.

O termo “largada” é sinônimo de pingada e, muito raramente, de colocada ou deixadinha.

Vídeos de largada no voleibol:
<https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/910862835674030/>
<https://youtu.be/BzSi1S3EpQ4>

Ataque de xeque: É quando a bola vem de graça da recepção adversária na altura da rede e o atacante executa a cortada diretamente.
Vídeo: <https://www.facebook.com/voleishow/videos/1020414014646962/>

Caixinha: Cortada com pouca força em que a bola sai girando em torno de seu próprio eixo.

Explorar o bloqueio: Bater a bola no bloqueio adversário intencionalmente e mandá-la para fora de modo que não haja recuperação ou atacar sistematicamente em cima do pior ou menor bloqueador.
Vídeo: <https://youtu.be/ynOK1cXTzWQ>

CURIOSIDADE:
A cortada de um jogador profissional pode atingir 180 KM/h.

Figura 24: Aula 12: Continuação da aula 11 - Ataque ou cortada
Fonte: A autora

A aula 12, representada pela figura 24, se desenvolveu com uma breve descrição sobre os recursos de ataque. A aula 12 foi composta também, por vídeos

ilustrativos que proporcionaram maior dinâmica à aula.

Um momento de descontração foi proposto através de um vídeo postado sobre um desafio de ataque entre jogadores brasileiros de voleibol (Figura 25).



Figura 25: Vídeo para descontrair
Fonte: A autora

Um vídeo ilustrativo sobre o fundamento “ataque” foi postado a fim de manter a interação do grupo de estudos. Neste vídeo, grandes nomes do voleibol brasileiro fazem uma disputa em forma de brincadeira.

A aula 13 composta por texto e vídeos relacionados ao fundamento “bloqueio” tem como objetivo enriquecer o conhecimento dos discentes em relação aos detalhes técnicos desse fundamento, conforme a figura 26.



Marilin Costa carregou um arquivo.
Agora mesmo

AULA 13: Fundamento Bloqueio

Bom dia alunos.
Hoje iniciamos a aprendizagem de mais um fundamento do voleibol.
Chegou a vez do bloqueio!
Após ler o texto e assistir os vídeos faça uma pesquisa sobre as fases de execução do bloqueio e envie para o email: marilincosta@hotmail.com
Mãos a obra!

Vídeo 1:
<https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/1019277224832590/>

Vídeo 2:
<https://youtu.be/CTQ8ufkZ39g>

Vídeo 3:
<https://www.facebook.com/300561445403/videos/10154041250890404/>


 **AULA 13 -FUNDAMENTO BLOQUEIO.pdf**
Formato de documento portátil

[Baixar](#) [Visualizar](#) [Carregar revisão](#)

Figura 26: Aula 13: Fundamentos do voleibol - Bloqueio
Fonte: A autora

A figura 26 corresponde à aula 13, onde foi dado início ao conteúdo sobre o fundamento “bloqueio” com conteúdos didáticos e ilustrativos, trazendo ainda, um exercício proposto de uma pesquisa sobre as fases que compõe o desenvolvimento da ação do bloqueio.

A aula 14 se dá por meio da continuação do tema bloqueio e tem como objetivo elucidar os principais erros de execução do fundamento bem como os tipos de deslocamentos inerentes a ele (Figura 27).

 **Marilyn Costa** compartilhou um link.
Agora mesmo

Aula 14: Continuação do Bloqueio
Bom dia alunos. Prontos para saber mais sobre o Bloqueio? Então, fiquem por dentro:

Tipos de deslocamento do bloqueador:


- Lateral: Utilizado em movimentações curtas.
- Cruzado: Utilizado em movimentações longas.
- Misto: Utilizado em movimentações mais longas. Utiliza uma passada lateral, uma cruzada e mais uma lateral.

Os fatores que interferem na escolha do deslocamento são:

- Tempo disponível para preparação;
- Distância entre bloqueador e atacante;
- Altura e velocidade do levantamento;
- Combinações de ataque do adversário.

Principais erros dos bloqueadores:

- Uma grande abertura entre os braços;
- Sobrepasso antes do salto;
- Espaço muito grande entre o jogador e a rede;
- Saltar muito próximo a rede;
- Falta de equilíbrio;
- Abaixar o tronco no momento do salto;
- Palmas das mãos voltadas uma para outra;
- Saltar para depois invadir (sobre a rede);
- Braços dobrados;
- Braços moles, sem sustentação.



Bloqueio Brasileiro

Pontos de bloqueio da Seleção Brasileira de Voleibol no Campeonato Mundial Itália 2010

YOUTUBE.COM

Figura 27: Aula 14: Continuação da aula 13 - Bloqueio
Fonte: A autora

A figura 27 mostra a postagem referente à aula 14, que é composta por um conteúdo complementar sobre o fundamento “bloqueio”. Traz ainda, um vídeo com ações de bloqueio em um jogo de voleibol que resultaram em pontos, demonstrando assim, que um fundamento, essencialmente de defesa pode resultar na definição do

ponto em uma partida de voleibol.

A aula 15 trata do fundamento defesa e tem em seu conteúdo um texto específico sobre esse fundamento do voleibol. O objetivo dessa aula é explicar com texto e com vídeos, detalhes desse fundamento (Figura 28).

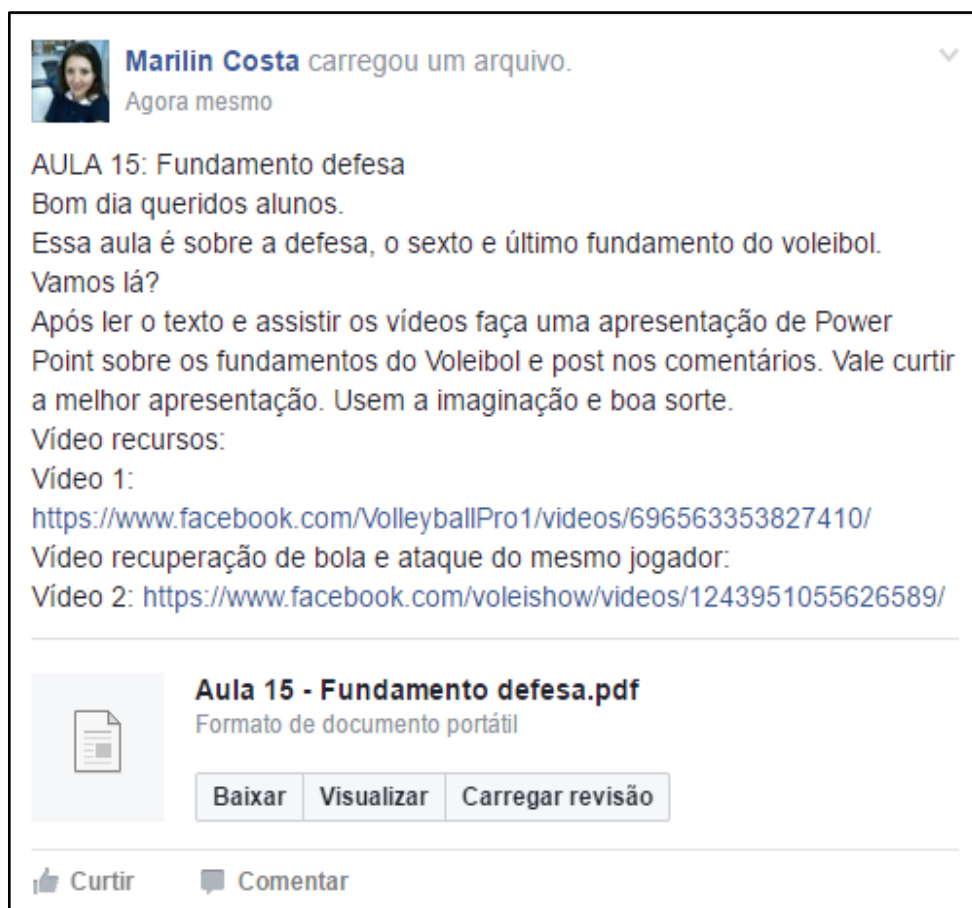


Figura 28: Aula 15: Fundamentos do voleibol - Defesa
Fonte: A autora

A figura 28 representa a aula 15, que abordou o último fundamento a ser estudado que é a “defesa”. O material didático proposto possibilita o entendimento dos detalhes técnicos por vezes não esclarecidos em aulas práticas. As mídias que compõem a aula externam aspectos motores, técnicos e da área afetiva que estimulam o expectador ao esforço máximo para se ter êxito. Como tarefa foi proposta a construção de uma mídia sobre todos os fundamentos do voleibol.

A aula 16 é a continuação da aula anterior que trata do fundamento “defesa”. Essa aula disponibiliza uma série de vídeos sobre o fundamento estudado, proporcionando maior vivência sobre as possibilidades de atuação defensiva em quadra (Figura 29).



Marilyn Costa compartilhou o vídeo de Volleyball Addicts. 2 min

AULA 16: Continuação do Fundamento Defesa

Bom dia! Hoje vocês apenas devem assistir os vídeos abaixo e deixar um comentário sobre os vídeos.

Abraços.

Vocês sabiam que a bola que bate na rede pode ser recuperada por outro jogador?

Assistam o vídeo:

Vídeo 3: <https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/924600860966894/>

Vídeo de defesa:

Vídeo 4: <https://www.youtube.com/watch?v=UQA0bhumxC4>

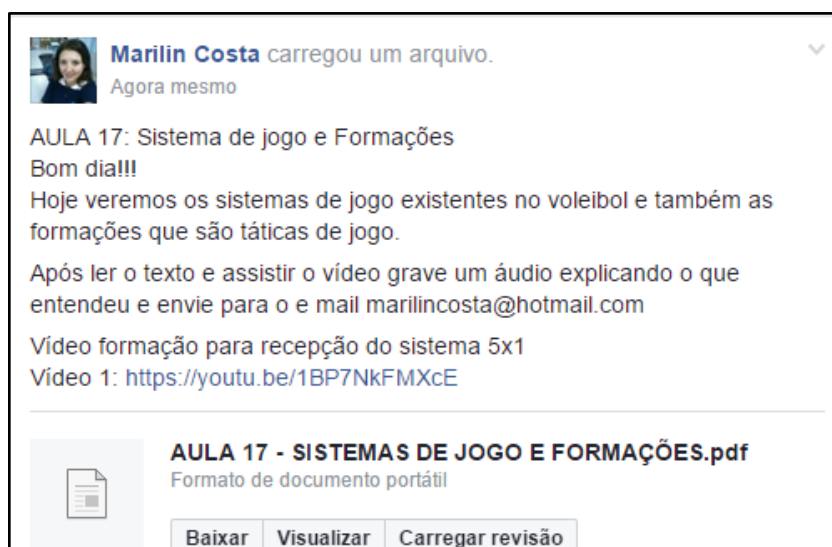
Assistam também:

Vídeo 5: <https://www.facebook.com/VolleyballPro1/videos/677419205741825/>

Figura 29: Aula 16: Continuação da aula 15 - Defesa
Fonte: A autora

A aula 16 é a aula que encerra a fase que trata dos fundamentos e disponibiliza conteúdos de mídia específicos sobre o fundamento defesa.

A aula 17 trata de sistemas de jogo que é a forma que a equipe distribui a função de seus jogadores e formações, que são as táticas utilizadas em um jogo de voleibol. A aula é composta por texto específico sobre o assunto e um vídeo explicando a formação de recepção do sistema de jogo 5x1 contribuindo para um maior entendimento dos alunos em relação a este assunto (Figura 30).



Marilyn Costa carregou um arquivo. Agora mesmo

AULA 17: Sistema de jogo e Formações

Bom dia!!!

Hoje veremos os sistemas de jogo existentes no voleibol e também as formações que são táticas de jogo.

Após ler o texto e assistir o vídeo grave um áudio explicando o que entendeu e envie para o e mail marilincosta@hotmail.com

Vídeo formação para recepção do sistema 5x1

Vídeo 1: <https://youtu.be/1BP7NkFMXcE>

AULA 17 - SISTEMAS DE JOGO E FORMAÇÕES.pdf
 Formato de documento portátil

Baixar Visualizar Carregar revisão

Figura 30: Aula 17: Sistemas de jogo e formações no voleibol
Fonte: A autora

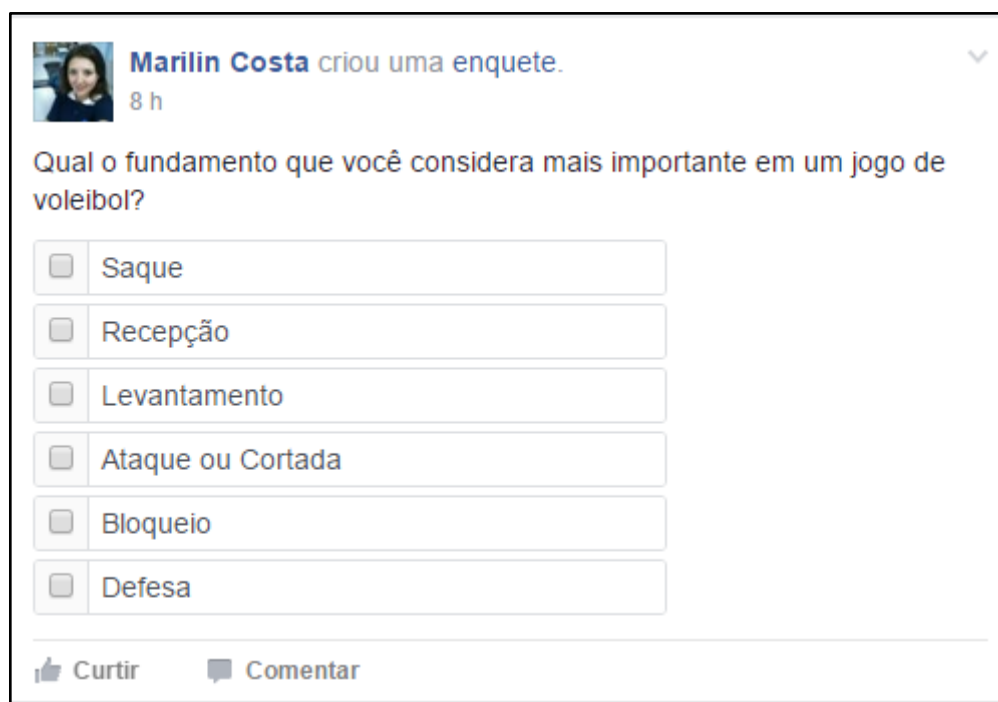
Iniciando a fase com ênfase na tática, a aula 17, ensina sobre sistemas de jogo e formações no voleibol. Na conclusão da aula os alunos deverão produzir um áudio explicativo sobre o assunto.

Foi postado um vídeo ilustrando a importância da atividade esportiva na manutenção da saúde, propiciando aos discentes a reflexão sobre hábitos saudáveis e sua repercussão na qualidade de vida (Figura 31). O vídeo de entretenimento mostrou um casal de idosos realizando um exercício de Voleibol chamado ataque e defesa.



Figura 31: Voleibol na terceira idade
Fonte: A autora

Na atividade proposta na Rede Social *Facebook* como um AVA foi organizada uma enquete para verificar os conhecimentos adquiridos pelos alunos diante das aulas estudadas. A figura 32 apresenta esta enquete.

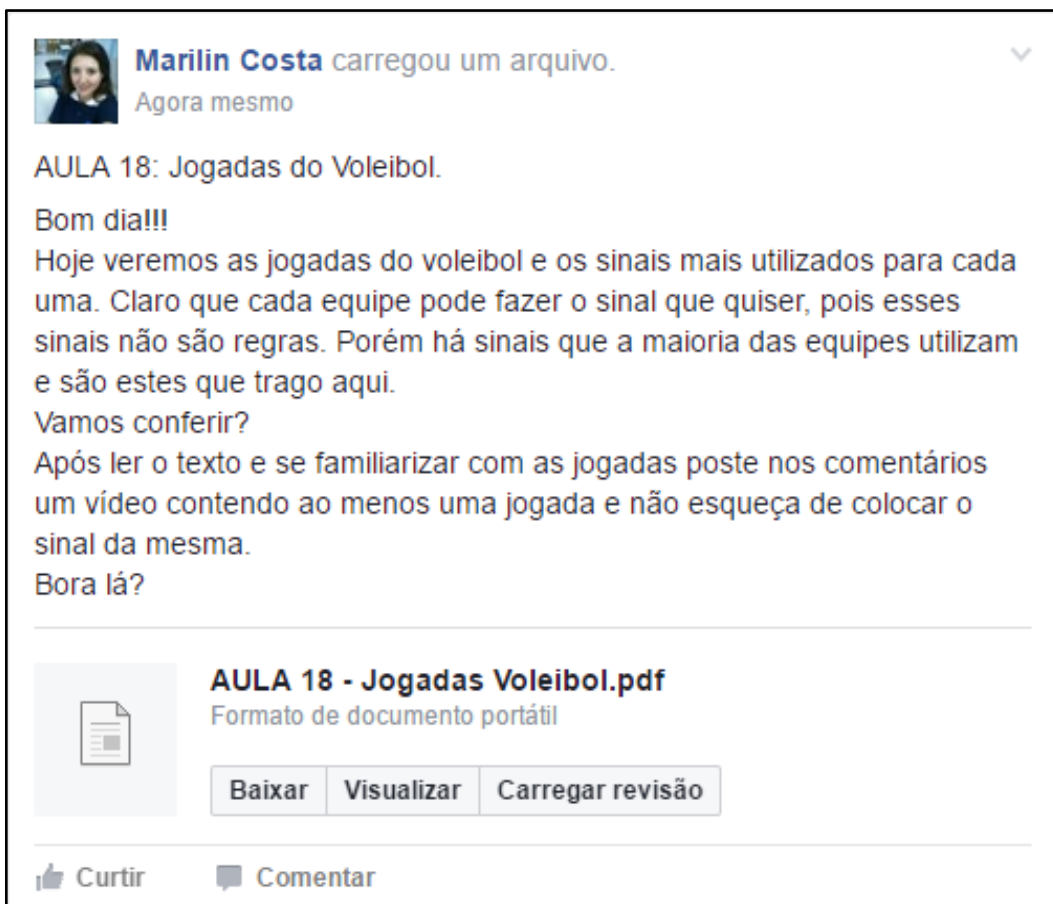


The image shows a Facebook post from Marilin Costa, created 8 hours ago. The post contains a poll with the question: "Qual o fundamento que você considera mais importante em um jogo de voleibol?". The poll lists six options, each with an unchecked checkbox: Saque, Recepção, Levantamento, Ataque ou Cortada, Bloqueio, and Defesa. Below the poll are the interaction buttons "Curtir" (Like) and "Comentar" (Comment).

Figura 32: Enquete sobre os fundamentos do voleibol
Fonte: A autora

O desenvolvimento desta enquete buscou chamar a atenção dos alunos para que estes percebessem a importância de todos os fundamentos para o desenvolvimento pleno de um jogo de voleibol. Ao buscarem elencar a ação primordial deste jogo, acredita-se que os discentes puderam perceber que se tratando de aspectos fundamentais do voleibol, é essencial a coexistência de todos os fundamentos para que se produza um resultado consistente. Para resposta nesta enquete, não existe uma opção correta. Portanto, todos estes fundamentos enumerados são essenciais e os mesmos devem estar presentes na prática do voleibol.

Na aula 18, visando aumentar o conhecimento sobre a tática de jogo, foram apresentados os sinais convencionados para a execução de jogadas combinadas, demonstrando a complexidade do jogo de voleibol e objetivando o desenvolvimento do interesse em se aprofundar no conhecimento do esporte estudado (Figura 33).



The image shows a social media post from Marilyn Costa. The post includes a profile picture, the name 'Marilyn Costa', and the text 'carregou um arquivo.' and 'Agora mesmo'. The main text of the post is: 'AULA 18: Jogadas do Voleibol. Bom dia!!! Hoje veremos as jogadas do voleibol e os sinais mais utilizados para cada uma. Claro que cada equipe pode fazer o sinal que quiser, pois esses sinais não são regras. Porém há sinais que a maioria das equipes utilizam e são estes que trago aqui. Vamos conferir? Após ler o texto e se familiarizar com as jogadas poste nos comentários um vídeo contendo ao menos uma jogada e não esqueça de colocar o sinal da mesma. Bora lá?'. Below the text is a file upload section for 'AULA 18 - Jogadas Voleibol.pdf', with options to 'Baixar', 'Visualizar', and 'Carregar revisão'. At the bottom are 'Curtir' and 'Comentar' buttons.

Marilyn Costa carregou um arquivo.
Agora mesmo

AULA 18: Jogadas do Voleibol.

Bom dia!!!
Hoje veremos as jogadas do voleibol e os sinais mais utilizados para cada uma. Claro que cada equipe pode fazer o sinal que quiser, pois esses sinais não são regras. Porém há sinais que a maioria das equipes utilizam e são estes que trago aqui.
Vamos conferir?
Após ler o texto e se familiarizar com as jogadas poste nos comentários um vídeo contendo ao menos uma jogada e não esqueça de colocar o sinal da mesma.
Bora lá?

AULA 18 - Jogadas Voleibol.pdf
Formato de documento portátil

Baixar Visualizar Carregar revisão

Curtir Comentar

Figura 33: Aula 18: Jogadas no voleibol
Fonte: A autora

Estimulando o desenvolvimento tático do jogo, a aula 18 mostra figuras táticas das principais jogadas de ataque que são características inerentes ao jogo de voleibol.

Visando o desenvolvimento do aspecto afetivo dos alunos e estimulando os sentimentos de garra, comprometimento, persistência, trabalho em grupo e objetividade, a atividade proposta disponibiliza um vídeo que trabalha indiretamente os aspectos acima mencionados (Figura 34). Este vídeo mostra um *rally* de uma partida de voleibol masculino onde a palavra desistência não faz sentido algum.



Figura 34: Vídeo motivador
Fonte: A autora

A aula 19 intenciona o envolvimento do discente na cultura em torno do esporte por meio do conhecimento de termos e gírias utilizados no voleibol (Figura 35).

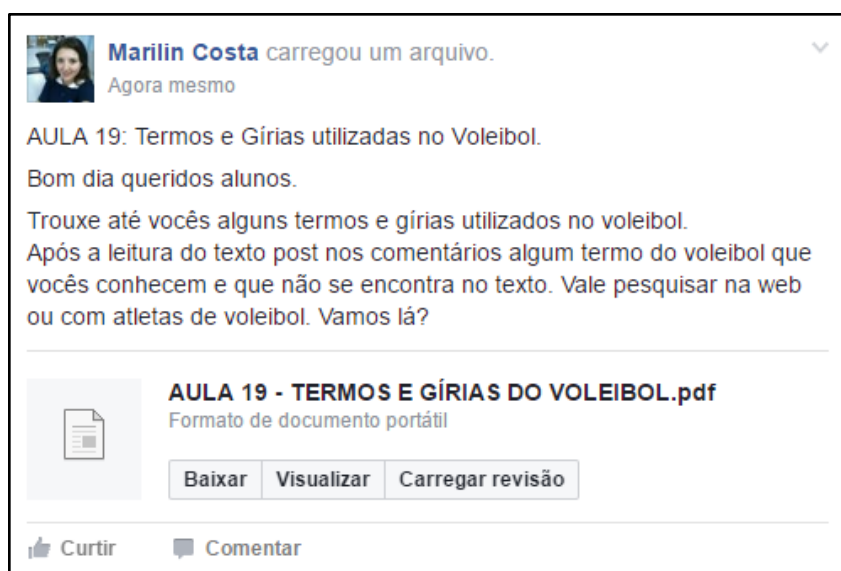


Figura 35: Aula 19: Termos e gírias utilizados no voleibol
Fonte: A autora

A aula 19 apresenta termos e gírias utilizados no voleibol e pede que após a leitura do texto, todos os alunos pesquisem outros termos que não tenham sido citados no texto fornecido e que postem nos comentários.

Com o intuito de enriquecer o conhecimento dos alunos acerca do esporte voleibol, a aula 20 apresenta no seu conteúdo variações do voleibol (Figura 36).

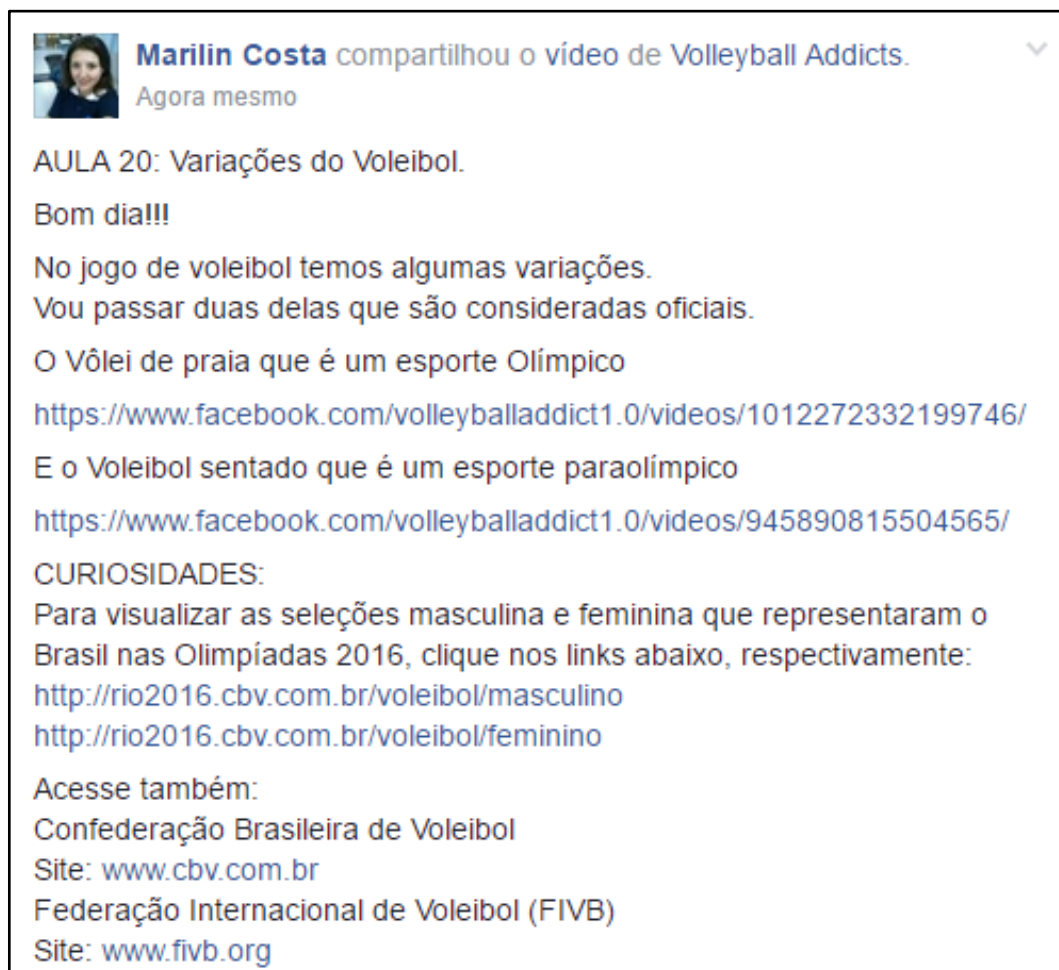


Figura 36: Aula 20: Variações do voleibol
Fonte: A autora

Na aula 20 são considerados como variações do voleibol: o voleibol de praia e o voleibol sentado. Como curiosidade foram postados *sites* onde os alunos puderam encontrar quais foram os atletas que representaram as equipes masculinas e femininas de voleibol nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.

Para encerrar o semestre foi disponibilizado um vídeo divertido parodiando situações de um jogo de voleibol (Figura 37).



Figura 37: Vídeo para descontrair
Fonte: A autora

Com o intuito de entretenimento e diversão para o encerramento das aulas *online* da disciplina, foi postado este vídeo que satiriza o jogo de voleibol.

Formalizando o fim das aulas *online*, foi postada a mensagem final acompanhada de um vídeo onde se destaca aspectos afetivos e emocionais desencadeados na prática do voleibol que poderão ajudar a compor a personalidade do praticante (Figura 38).



Figura 38: Despedida e agradecimento
Fonte: A autora

A figura 38 marca a finalização das atividades do semestre através do conteúdo de Voleibol. Para tanto, foi postado um texto de encerramento e um vídeo empolgante onde é disputado um ponto de forma bastante aguerrida.

Ao término das aulas teóricas no *Facebook*, pode-se afirmar que um dos grandes desafios que o professor encontrará é o de fazer com que os alunos percebam que se pode ensinar e aprender, formal ou informalmente, nesta rede social e que esta, como ambiente virtual de aprendizagem, possibilita um entendimento de maneira interativa e participativa, inovando assim, a prática educativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar o uso da rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Educação Física no ensino médio.

Com a intenção de dinamizar a educação, o estudo de propostas pedagógicas inovadoras cresce em valor, pois, consegue através desses novos paradigmas propiciar uma educação com qualidade e, principalmente, centrada no processo ensino e aprendizagem.

As redes sociais, em especial, o *Facebook*, acabam por tornar-se ferramentas didáticas eficazes a favor da interatividade no processo educacional, pois ampliam o espaço educativo para além dos muros da escola, sem custo algum para a instituição.

Diante de tais constatações, o problema de pesquisa que orientou essa dissertação partiu do seguinte questionamento: Como a rede social *Facebook* pode contribuir como ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensino na disciplina de Educação Física, especificamente, na modalidade esportiva voleibol, para alunos do ensino médio? Para responder ao problema proposto, o objetivo geral buscou propor a rede social *Facebook* como um ambiente virtual de aprendizagem para organizar de forma sistematizada a disciplina de Educação Física do ensino médio, com o conteúdo de voleibol.

Para alcançar o objetivo proposto, foram elencados e discutidos temas relevantes que contribuíssem para o entendimento dessa ação pedagógica. Ao focar no eixo da revisão de literatura, foram consultados diferentes autores e pesquisadores que propiciaram a ampliação dos conhecimentos em torno do discurso desta dissertação. No levantamento das produções relativas ao tema, tomamos como base os escritos de Ferreira, Corrêa e Torres (2012), Llorens e Capdeferro (2011) e Moreira e Januário (2014).

Como objetivos específicos desta pesquisa elencamos:

- a) pesquisar sobre a rede social *Facebook* e suas possíveis contribuições para a educação;
- b) analisar a percepção dos professores sobre a rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem para a disciplina de Educação Física no ensino médio;
- c) identificar as contribuições e implicações da rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem diante da percepção dos professores de Educação Física do ensino médio.

Em resposta ao primeiro objetivo específico, como esclarece a revisão da literatura, a rede social *Facebook* tem sido objeto de investigações no campo educacional, especialmente, nos processos de ensino e aprendizagem *online*. Os resultados obtidos nestas investigações reforçam que o *Facebook* tem potencial para ser utilizado como ambiente virtual de aprendizagem permitindo facilitar o processo pedagógico de forma dinâmica, interativa e colaborativa.

Os novos caminhos da educação indicam cada vez mais a combinação entre educação e tecnologia onde o professor deve incorporar estas tecnologias a fim de promover um novo formato no processo de escolarização.

O *Facebook* foi escolhido nesta pesquisa por disponibilizar em suas configurações os recursos necessários para oferecer conteúdo didático de forma a criar um ambiente virtual de aprendizagem seguro, eficaz e gratuito.

Ao disponibilizar conteúdos didáticos em um ambiente descontraído, torna o ato de estudar mais interessante e dinâmico, possibilitando ao docente um acréscimo na participação e motivação dos discentes, especialmente no caso da rede social *Facebook*, por sua ampla utilização e seu ambiente informal, quando utilizada como ferramenta a favor do ensino, oferece recursos para mudar as formas de comunicação e expressão.

Para responder ao segundo e terceiro objetivos específicos, foi realizada uma pesquisa por meio de um questionário, em que 72 professores de Educação Física da rede pública e privada de ensino tiveram a oportunidade de preenchê-lo. Optamos metodologicamente por uma abordagem qualitativa do tipo exploratória para compreender e interpretar o fenômeno pesquisado.

Após a análise dos dados, fica demonstrado que o óbice para a utilização do *Facebook* como AVA se encontra na desinformação do docente sobre as possibilidades oferecidas por esta rede social, assim como o desinteresse com relação à capacidade criativa em adaptar um ambiente que, originalmente, não foi criado especificamente para esta finalidade, mas que encontra em seu escopo todos os requisitos necessários para esta utilização. Então propõem-se que a formulação de diretrizes que organizem formações continuadas a respeito de novas tecnologias digitais possa trazer solução às novas demandas de modernização do ensino, pois, o *Facebook* disponibiliza recursos interativos propiciando a sincronização e interatividade do conhecimento, fatores preponderantes para a eficiência de um AVA, e sendo uma ferramenta gratuita, torna-se o objeto ideal para o ponto de partida nesta

nova empreitada.

Por decorrência das particularidades obtidas no resultado da pesquisa realizada com professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio, somada à demonstração proposta como exemplo, onde foi disponibilizado uma gama de conteúdos sobre o voleibol em aulas teóricas dentro da rede social *Facebook* utilizando-a como um AVA, obtêm-se um novo panorama a ser explorado, em particular por sua gratuidade, de uma excepcional ferramenta para a experimentação de novas formas de apresentação de conteúdos, com grande abrangência.

É compreensível que haja algum tipo de resistência quando se propõe algo diferente como, no caso, a utilização de uma rede social digital como AVA. Porém, esta resistência é natural quando se trata de algo novo, e não deve se tornar uma barreira frente à viabilidade demonstrada na presente pesquisa.

O professor de Educação Física, ao oportunizar ao aluno a sistematização metodológica do conhecimento por meio do *Facebook*, contribui significativamente para que o aluno pense de forma autônoma e construa o seu próprio conhecimento, respeitando as peculiaridades e limites do seu desenvolvimento.

Espera-se que as reflexões e experiências apresentadas nesta pesquisa possibilitem um diálogo com outras iniciativas e contribuam de forma eficaz para a consolidação e para a expansão do uso da rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem, especialmente, nas aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, G. A.; MOURA, M. R.; BITENCOURT, R. B. *Facebook* como Plataforma de Ensino/Aprendizagem: o que dizem os Professores e Alunos do IFSertão – PE. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 86-93, 2013.
- ALMEIDA, L. de; FENSTERSEIFER, P. E. A relação teoria-prática na educação física escolar: desdobramentos para pensar um “programa mínimo”. **Revista Kinesis**. Santa Maria - RS, v. 2, n. 32, 2014.
- ALTMANN, H. **Educação física escolar: Relação de Gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015 (Coleção educação & saúde, v.11).
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, S. R.; BETTI, M. A televisão e o ensino da educação física na escola - uma proposta de intervenção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 135-148, 2005.
- BEHAR, P. A. **Modelos pedagógicos em Educação a Distância**. In: BEHAR, P. A. (Org.). Modelos pedagógicos em Educação a Distância. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 15-32.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.
- BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2008.
- BOJIKIAN, J. C. M.; BOJIKIAN, L. P. **Ensinando voleibol**. 4 ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- BORSARI, J. R. **Voleibol: aprendizagem e treinamento. Um desafio constante. Variações do voleibol: Vôlei de praia. Fut-vôlei. Vôlei quarteto**. São Paulo: EPU, 1996.
- BOTH, I. J. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina**. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, 2003.
- BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.
- BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; DELLA FONTE, S. S.; FRADE, J. C.; PAIVA, F.; PIRES, R. **Pesquisa em ação: Educação Física na escola**. 3 ed. Ijuí: Ed Unijuí, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC,

2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em: 20.01.2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 22.03.2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 02.03.2017.

BRAVO, F. G. **Evolução do modelo de jogo nas categorias de base do voleibol feminino**. 2015.114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte. São Paulo, 2015.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física na Escola e a Educação Física da Escola: a Educação Física como componente curricular**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

CARNEIRO, M. A. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva**, artigo a artigo. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CATUNDA, R.; SARTORI, S. K.; LAURINDO, E. Recomendações para a Educação Física Escolar. **Sistema CONFEF/CREFs**. Disponível em <http://www.listasconfef.org.br/arquivos>.

CAVALIERE JUNIOR, E.; VERA, A. D. A. Educação Física Escolar versus a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/1996. **EFDEPORTES**. Buenos Aires, ano 14, n.134, jul./2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd134/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao.htm>. Acesso em 20.01.2017

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CBV. Confederação Brasileira de Voleibol. **Regras Oficiais de Voleibol**. Disponível em: <http://www.cbv.com.br>. Acesso em: 20.07.2016.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord.) **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C; IMPOLCETTO, F. M; BARROSO, A; RODRIGUES, H. A. **Livro didático na educação física escolar: considerações iniciais**. Motriz: revista de educação física, v. 16, n.2, 2010.

FERREIRA, B. de J. P.; DUARTE, N. O lema aprender a aprender na literatura de informática educativa. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 33, n. 121, p. 1019-1035, 2012.

FERREIRA, J. de L. **Formação continuada *online* para o desenvolvimento profissional dos professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde**. 2015. 342 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2015.

FERREIRA, J. de L.; CORRÊA, B. R. do P. G.; TORRES, P. L. O Uso Pedagógico da Rede Social *Facebook*. **Colabor@** - A Revista Digital da CVA-RICESU. Porto Alegre, v. 8, n. 32, 2012.

FERREIRA, J. de L.; MACHADO, M. F. R. C.; ROMANOWSKI, J. P. A rede social *Facebook* na formação continuada de professores: uma possibilidade concreta. **Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME**, v. 8, n. 2, p. 550-567, 2013.

FETTERMANN, J. V. **Os entornos da rede social *My English Club* e suas intervenções nos ambientes presenciais de aprendizagem da Língua Inglesa**. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes, 2012.

FINCK, S. C. M. **A Educação Física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FINCK, S. C. M.; TAQUES, M. J.; RIPKA, L. de P. O esporte na escola: Reflexões necessárias e possibilidades para a mediação do seu ensino. In: FINCK, Silvia Christina Madrid (Org). **Educação Física escolar: Saberes, práticas pedagógicas e formação**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMORELLI, L. C. **A cultura corporal nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: novas paisagens para um novo tempo**. 2014. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2014.

HILU, L.; TORRES, P. L. Tecnologias emergentes na Educação. In: FERREIRA, Jacques de Lima (Org.). **Formação de Professores: teoria e prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

IMPOLCETTO, F. M. **Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol**. 2012, 320 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade

Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

JÚNIOR, P. G. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Papyrus Editora, 2003.

LLORENS, F.; CAPDEFERRO, N. *Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea*. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, v. 8, n. 2, p. 31-45, 2011.

MATTAR, J. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo...e “mente”**: novas contradições e desafios do século XXI. 25 ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MOLIN, S. L.; RAABE A. Novas tecnologias na educação transformações da prática pedagógica no discurso do professor. **Education Acta Scientiarum**. Maringá, v. 34, n. 2, p. 249-259, 2012.

MOREIRA, J. A.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do *Facebook* enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.; SANTOS, E. O. Dos (org). **Facebook e Educação: Publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande, PB: EDUEPB, p.67-84, 2014.

MÜLLER, A. J. **Voleibol: desenvolvimento de jogadores**. Florianópolis: Visual Books, 2009.

OKADA, A. Colearn 2.0 - Coaprendizagem via comunidades abertas de pesquisa, práticas e recursos educacionais. **Revista e-curriculum**. São Paulo, v.7, n.1, abr. 2011.

OLIVEIRA, E. de; ENS, R. T.; ANDRADE, D. B. S. F.; MUSSIS, C. R. de. Análise de Conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 9, p.11-27, mai/ago. 2003.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

PATRÍCIO, M. R.; GONÇALVES, V. *Facebook: rede social educativa?* In: Encontro Internacional TIC e Educação, I, 2010, Lisboa. **Anais I Encontro Internacional TIC e Educação**. Lisboa, p. 593-598, 2010.

PEETERS, W. Tapping into the educational potential of *Facebook*: Encouraging out-of-class peer collaboration in foreign language learning. **Studies in Self-Access Learning Journal**, v. 6, n. 2, p. 176-190, 2015.

PHILLIPS, L. F.; BAIRD, D.; FOGG, B. J. **Facebook para Educadores**. 2012.

Disponível em < <https://salaaberta.files.wordpress.com/2012/07/facebook-para-educadores.pdf>> Acesso em 20/01/2017.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001.

_____. **Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently?** MCB University Press, 2001.

RIBEIRO, K. A.; LIMA, E.; VIEIRA, L.; OLIVEIRA, L.; NUNES, A. O uso do *Facebook* na escola Um percurso em construção. In: Simpósio Internacional em Educação e Comunicação. **Atas 6.º SIMEDUC**. n. 6, p. 68-72, Aracaju, 2015.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANCHO, J. M. De Tecnologias da Informação e Comunicação a recursos Educativos. In: SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias para transformar a Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

SANTOS, E. **Cibercultura: o que muda na educação**. Rio de Janeiro, RJ: TV Escola. Ano XXI, Boletim 03, 2011.

SANTOS, N. Desafios da Web: como avaliar alunos online. In: SILVA, M.; SANTOS, E. (Orgs.). **Avaliação da aprendizagem em educação Online: fundamentos, interfaces e dispositivos e relatos de experiência**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 245-265.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHONDELL, D. S.; REYNAUD, C.; trad. GUIMARÃES, S. Z. **A bíblia do treinador de voleibol**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, J. F.; PINTO, A. de C. Geração C: Conectados em novos modelos de aprendizagem. Rio de Janeiro, 2009. **VIII Brazilian Symposium on Games and Digital Entertainment**. Disponível em: http://www.sbgames.org/papers/sbgames09/culture/short/cults11_09.pdf. Acesso em 27.10.2016.

SOARES, E. M. S; VALENTINI, C. B. Tecnologias Digitais: práticas e reflexões no contexto do ensino fundamental. **Revista Linhas**, v. 13, n. 02, p. 74-88, 2012.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STEINHILBER, J. Educação física como um meio para a inclusão social e qualidade de vida, São Paulo, 2013. **Diversa Educação Inclusiva**. Disponível em: <<http://diversa.org.br/artigos/educacao-fisica-como-um-meio-para-a-inclusao-social-e-qualidade-de-vida/>> Acesso em 19.10.2016.

TEIXEIRA, C. F. da C. **Uso da rede social digital facebook como um ambiente para o**

desenvolvimento da aprendizagem colaborativa para os jovens nascidos na era digital: Uma experiência no curso de design de moda. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2015.

TSUKAMOTO, N. M. S.; FIALHO, N. N.; TORRES, P. L. A Face educacional do Facebook: um relato de experiência. In: PORTO, C.; SANTOS, E. O. dos (org). **Facebook e Educação:** Publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande, PB: EDUEPB, p.349-644, 2014.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões Sociais do Esporte.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época, v. 25)

VAZ, H. C. de L. **Antropologia Filosófica.** São Paulo: Edições Loyola, v. 1, 2004.

VILAÇA, M. L. C. Ambientes virtuais de aprendizagem: tecnologia, educação e comunicação. **Cadernos do CNLF.** Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XVII, n. 10, p.16-26, 2013.

WEBER, M. A. L.; BEHRENS, M. A. Paradigmas Educacionais e o ensino com utilização de mídias. **Revista Intersaberes,** Curitiba, v. 5, n. 10, p. 245-270, jul./dez. 2010.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO PROFESSORES ENSINO MÉDIO

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. Idade:

3. Formação inicial em:

4. Formação continuada em:

Especialização:

Mestrado:

Doutorado:

Trabalho atual	() Escola Pública Municipal
	() Escola Pública Estadual
	() Escola Particular
	() Ensino Superior
Tempo de Magistério	() Menos de 1 ano
	() 1 a 3 anos
	() 4 a 6 anos
	() 7 a 10 anos
	() mais de 11 anos
Turno / Período de trabalho	() manhã
	() tarde
	() noite

5. Você tem conta na rede social *Facebook*? Se não, justifique a sua resposta.

6. Você já ensinou ou estudou em um ambiente virtual de aprendizagem? Se sim, qual?

7. Você usaria a rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensino nas aulas teóricas de Educação Física? Justifique a sua resposta.

8. Se usaria, quais seriam as contribuições da Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Educação Física?

9. Se não usaria, quais seriam as implicações da Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Educação Física?

APÊNDICE 2**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa intitulada: A REDE SOCIAL FACEBOOK COMO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO realizada por mim MARILIN HELLENA DA COSTA CHANAN SILVA.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, conforme a Resolução 466/2012.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de questionário. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (s) orientador (es).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo/pesquisa/programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Curitiba, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura do (a) testemunha (a): _____

APÊNDICE 3

MODELO DE PLANO DE AULA

PLANO DE AULA - EDUCAÇÃO FÍSICA		
Plano de Aula N°:	Data:	Turma:
1. Sequência Didática:		
2. Objetivo Geral:		
3. Mediação		
3.1 Introdução		
3.2 Desenvolvimento		
3.3 Sistematização		
3.4 Avaliação		
3.5 Referências		
Observações:		

APÊNDICE 4

**DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – ENSINO MÉDIO
PROFESSORA MARILIN HELENA DA COSTA CHANAN SILVA**

AULAS TEÓRICAS DE VOLEBOL

CURITIBA

2017

1 HISTÓRIA DO VOLEIBOL

Segundo Bojikian (2008), o voleibol surgiu em 1895, na cidade de Holyoke em Massachusetts, Estados Unidos. Foi inventado pelo professor William George Morgan, diretor do departamento de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), com o nome inicial de *Minonete*.



Figura 1: William George Morgan

Fonte: <https://nipobrasileiro.wordpress.com/2008/11/11/historia-do-voleibol>

Bizzocchi (2008), acrescenta que alguns autores consideram a invenção americana uma adaptação de um jogo chamado *Faust-Ball*⁸. Para o autor, mesmo que haja influências de outros jogos, o voleibol tem uma dinâmica diferente com características próprias que o separa de seus possíveis precedentes.

Evidencia-se nas produções de Bizzocchi (2008), que o voleibol foi criado a partir de elementos do basquetebol e do tênis, esportes já existentes nos Estados Unidos, na época.

O autor complementa ainda, que Morgan, seu inventor, foi convidado em 1896 para apresentar o novo esporte na Conferência dos Diretores dos Departamentos de

⁸ Faust-ball é um jogo italiano difundido nos países latinos na Idade Média no (séculos V a XV) e levado à Alemanha em 1893 (BIZZOCCHI, 2008).

Educação Física da ACM da região de Springfield. “O Dr. A. T. Hustead, docente da escola de Springfield, sugeriu que o nome do jogo *Minonete* fosse substituído por *Volley-ball*, já que a bola permanecia em constante voleio (*volley* em inglês) sobre a rede” (BIZZOCCHI, 2008, p. 2).



Figura 2: Associação Cristã de Moços (ACM)

Fonte: <http://nipobrasileiro.wordpress.com/2008/11/11/historia-do-voleibol>

Por decorrência dessas particularidades, Bizzocchi (2008), precisa que o voleibol foi rapidamente difundido no século XX com a criação de núcleos internacionais da ACM, oferecendo abertura mundial para esse esporte como é demonstrado a seguir na Figura 3.

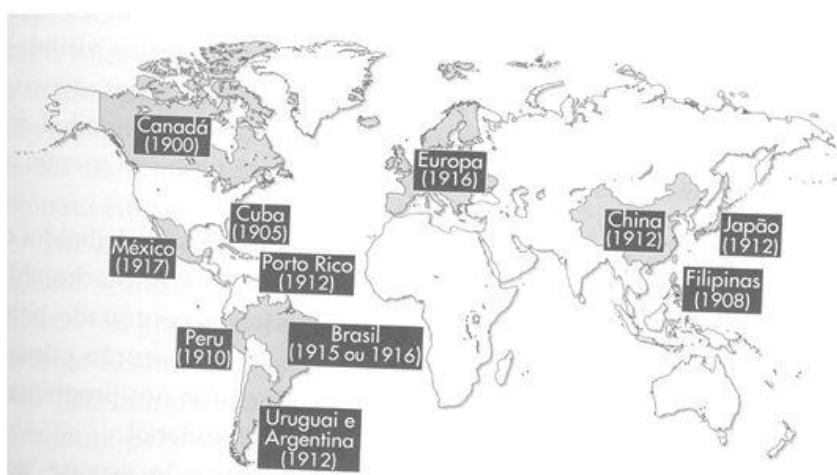


Figura 3 – Núcleos Internacionais da Associação Cristã de Moços

Fonte: Bizzocchi, 2008

Como exposto na Figura 3, o voleibol chegou no Canadá em 1900. Em 1905 foi a vez da China conhecer o novo esporte. O voleibol foi difundido em Cuba em 1906,

Japão em 1908, Peru e Filipinas em 1910, Uruguai, Argentina e Porto Rico conheceram o esporte em 1912.

Segundo Bizzocchi (2008), no Brasil, duas datas são colocadas por diferentes autores como sendo a primeira exibição do esporte no país, 1915 e 1916. O autor sustenta ainda que na Europa, o voleibol chegou em 1916 por intermédio das Forças Armadas norte-americanas juntamente com a primeira Guerra Mundial e em 1917, o México teve o privilégio de conhecer esse grande esporte.



Figura 4: No lazer da 2ª Guerra Mundial, norte-americanos brincam de voleibol
Fonte: <http://www.efdeportes.com/efd169/historia-do-voleibol-parte-1.htm>

Shondell (2005), explica que as principais mudanças no voleibol só ocorreram a partir de 1912, onde ficou estabelecido o número de seis jogadores para cada equipe e a exigência de um rodízio antes do saque. Após quatro anos a Editora de Esportes Americanos decidiu publicar um livro sobre esse esporte onde fora incluído quatro importantes revisões de regras.

Essas alterações modificaram significativamente o modo de jogar. As mudanças críticas e mais necessárias consistiam em: 1. a bola não podia parar nas mãos, 2. o jogador não podia tocar na bola uma segunda vez, a menos que outro jogador a tivesse tocado, 3. o jogo duraria até a marcação de 15 pontos e 4. a rede deveria estar a 2,43m do chão (SHONDELL; REYNAUD, 2005, p. 20).

O autor explica que ainda nas regras não havia a diminuição da rede para a prática do voleibol feminino e que em 1920 foi implementada a regra que limitava cada equipe a tocar apenas três vezes na bola.

Mais adiante, Bizzocchi (2008), sustenta que a antiga Checoslováquia fundou em 1922, a primeira Federação Nacional de Voleibol do mundo e em 1946 esse

mesmo país teve a ideia de fundar uma Federação Internacional de Voleibol. Nesse mesmo ano, 1946, foi fundada a Confederação Sul-americana de Voleibol. Em 1947, foi fundada então a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), por 14 países, inclusive o Brasil.

Esse mesmo autor aponta ainda que, em 1948, Roma sediou o primeiro Campeonato Europeu. E em 1949, aconteceu o primeiro Campeonato Mundial Masculino em Praga, na antiga Checoslováquia, sendo que apenas em 1952 a primeira disputa feminina foi realizada em Moscou, ex-URSS.



Figura 5: 1º Campeonato Mundial (1949)

Fonte: <http://www.efdeportes.com/efd169/historia-do-voleibol-parte-1.htm>

Sobre a inclusão do voleibol como esporte olímpico Bizzocchi (2008) sustenta que:

O Comitê Olímpico Internacional incluiu o voleibol no programa oficial dos Jogos de 1964 a serem realizados em Tóquio. Pela primeira vez um esporte fazia a estreia olímpica nos torneios masculino e feminino, simultaneamente (BIZZOCCHI, 2008, p. 5).

Como citado anteriormente, uma das características do voleibol é ser um esporte inclusivo. O que ficou demonstrado na sua inserção como esporte olímpico para os dois gêneros, fato incomum no desenvolvimento dos esportes em geral. Na figura 6 podemos ver um grupo feminino jogando voleibol, mostrando a abrangência do esporte na época.



Figura 6: Grupo de mulheres jogando voleibol

Fonte: <http://www.cbc.ca/news/story/2008/05/01/f-olympics-volleyball-history.html>

Segundo Borsari (1996), o voleibol teve uma assimilação rápida facilitando sua evolução e destaque no plano olímpico devido a ter sido idealizado dentro de princípios de simplicidade, separação de equipes e participação equivalente entre os praticantes.

No levantamento das produções relativas à história do voleibol, Bizzocchi (2008), nos brinda com informações acerca da popularidade do voleibol e da sua expansão mundial onde afirma que a partir de 1964, com a entrada do mexicano Rubén Acosta na presidência da FIVB, o voleibol tomou característica de esporte espetacular, televisivo e de investimento para o marketing empresarial, proporcionando melhores condições para seu desenvolvimento.

Ainda sobre a história do voleibol, Bizzocchi (2008), constata que em 1990, foi disputada pela primeira vez a Liga Mundial de Voleibol exclusivamente masculina e em 1993, o Grand Prix, torneio feminino equivalente a Liga Mundial. Também em 1993 foi realizado o Circuito Mundial de vôlei de praia e em 1996, esse esporte se tornou olímpico, disputado pela primeira vez em Atlanta.

No Brasil, segundo Bizzocchi (2008), alguns autores informam que o voleibol chegou em Recife em 1915 e outros dizem que foi em 1916 na ACM de São Paulo, inclusive havendo registros fotográficos dessa apresentação na capital paulista, o que segundo o autor dão mais crédito embora não definitivamente, à essa segunda

versão.

O autor complementa que em 1938, alguns clubes amadores fundaram o que viria a ser no futuro a Federação de Voleibol de Rio de Janeiro sendo que na década de 1940, vários estados inauguraram suas federações e a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), foi inaugurada em 1954. De acordo com Bizzocchi (2008 p. 6-7):

Apesar da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) ter sido fundada em 1954, a Confederação Brasileira de desportos (CBD) organizou o primeiro Campeonato Brasileiro em 1944, e em 1951, o I Campeonato Sul-Americano de Voleibol Masculino, do qual o Brasil foi sede e campeão.

O autor ainda complementa que o primeiro campeonato nacional sob organização da CBV aconteceu em 1956, sendo nesse mesmo ano a estreia do Brasil em campeonato mundial, obtendo a décima primeira colocação. “O primeiro título fora da América do Sul, surpreendentemente, veio com a seleção feminina, que trouxe de Chicago a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de 1959”. (BIZZOCCHI, 2008, p. 7).

O voleibol ganhou o gosto popular brasileiro onde o seu crescente desenvolvimento foi reconhecido na década de 1980 com a conquista da prata olímpica pela equipe masculina trazendo incentivo a modalidade transformando o Brasil numa potência do voleibol mundial.

A contextualização histórica do esporte e o conhecimento do seu desenvolvimento são fatores importantes e determinantes para que vocês alunos desenvolvam o pensamento crítico e com base nesses conhecimentos teóricos adquiridos possam compreender a dinâmica e a importância do esporte na sociedade.

2 PRINCIPAIS REGRAS DO VOLEIBOL

2.1 O JOGO DE VOLEIBOL

O jogo de voleibol tem uma dinâmica especial entre os esportes coletivos, pois não há contato físico entre os jogadores.

Para se jogar voleibol são necessários 12 jogadores divididos igualmente em duas equipes de seis jogadores cada.

O voleibol é jogado por pontos, e não por tempo. Cada partida é dividida em *sets* que terminam quando uma das equipes conquista 25 pontos, com uma diferença mínima de 2 pontos, ou seja, se o *set* estiver 25 a 23 ele acaba, se estiver 24 a 24, ele deverá prosseguir até ter essa diferença de 2 pontos. Ex: 27 a 25, 28 a 26 e assim por diante.

O Voleibol é jogado em 5 *sets* sendo o vencedor do jogo aquele que conquistar 3 *sets*.

O último *set* recebe o nome de *tie-break* e termina quando um dos times atingir 15 pontos. Como no caso dos demais, também é necessária uma diferença de dois pontos com relação ao placar do adversário.

Cada equipe é composta por doze jogadores, dos quais seis estão atuando na quadra e seis permanecem no banco de reservas. As substituições são limitadas: cada equipe pode realizar no máximo seis substituições por *set*, e cada jogador só poderá ser substituído uma vez por *set*, sendo que aquele que saiu só poderá retornar em sua posição original. Cada equipe tem direito a 2 tempos por *set* de 30 segundos cada. Para as Competições Mundiais e Oficiais FIVB, do 1º ao 4º *set*, dois “Tempos Técnicos” adicionais, com duração de 60 segundos, são concedidos automaticamente quando a equipe na liderança alcança o 8º e o 16º pontos. No *set* decisivo (5º *set*), não há “Tempos Técnicos”; somente dois tempos de 30 segundos de duração podem ser solicitados por cada equipe.

O saque inicia o jogo e cada *rally*⁹, deverá passar direto para a quadra adversária e não pode ser bloqueado pela equipe adversária. Após a realização do saque, cada time só poderá tocar na bola três vezes, sendo proibido que um jogador

⁹ Rally Em jogos principalmente no voleibol, é o lance em que a bola é continuamente jogada de um lado para o outro da quadra, em movimentos prolongados (DICIONÁRIO MICHELIS, 2016).

toque a bola duas vezes consecutivas, salvo se a bola tocar no bloqueio, pois o bloqueio não é considerado como toque.

É proibido o toque na rede pelos jogadores.

Um jogador não pode apoiar-se em outro ou em qualquer estrutura/objeto para golpear a bola. Entretanto, o jogador que está prestes a cometer uma falta (tocar a rede ou cruzar a linha central, etc.) pode ser parado ou retido por um membro de sua equipe.

A bola pode ser tocada com qualquer parte do corpo, mas não pode ser conduzida. No primeiro toque da equipe, a bola pode tocar várias partes do corpo consecutivamente, contanto que os contatos ocorram durante a mesma ação.

O bloqueador poderá tocar a bola quando ela ainda estiver além da rede, desde que não interfira na jogada do adversário antes ou durante o golpe de ataque deste. Após o ataque o jogador pode passar as mãos além da rede, desde que o contato com a bola tenha sido feito dentro da sua quadra.

É permitido tocar a quadra adversária com o pé, desde que alguma parte dele esteja em contato com a linha central. É permitido tocar a quadra adversária com qualquer parte do corpo acima dos pés, desde que isto não interfira na jogada do adversário.

O líbero é um atleta especializado nos fundamentos que são realizados com mais frequência no fundo da quadra, isto é, recepção e defesa. Ele deve utilizar uniforme diferente dos demais, não pode ser capitão do time, nem atacar, bloquear ou sacar. Quando a bola não está em jogo, ele pode trocar de lugar com qualquer jogador da zona de defesa sem notificação prévia aos árbitros, e suas substituições não contam para o limite que é concedido por equipe. Por fim, o líbero só pode realizar levantamentos de toque do fundo da quadra. Caso esteja pisando sobre a linha de três metros ou sobre a área por ela delimitada, deverá exercitar somente levantamentos de manchete.

2.2 MEDIDAS OFICIAIS DA QUADRA

A quadra de voleibol tem uma forma retangular e mede 18 metros de comprimento por 9 metros de largura. Ela é dividida ao meio, ficando cada equipe com uma metade em forma de quadrado medindo 9x9 metros. A área fora da quadra é chamada de zona livre e deve ter no mínimo três metros em todos os lados.

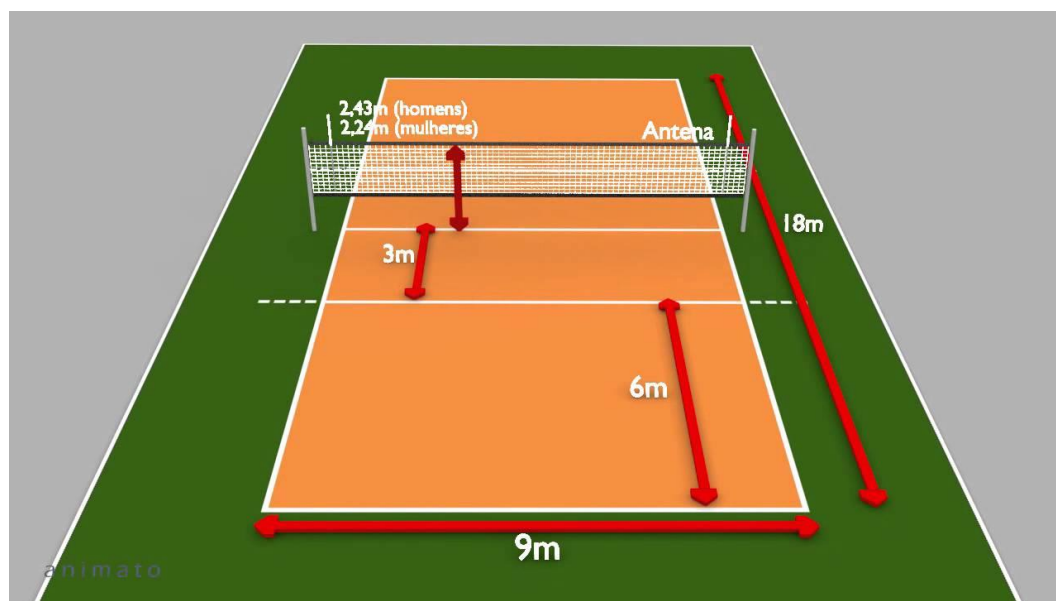


Figura 7: Quadra de voleibol

Fonte: https://mulpix.com/instagram/volei_voleibol_portugal.html

2.3 LINHAS DA QUADRA

As linhas possuem uma largura de cinco centímetros e fazem parte da dimensão da quadra, ou seja, se a bola tocar na linha será considerada bola dentro.

Veamos como se chamam as linhas e para que servem:

LINHAS DE DELIMITAÇÃO DA QUADRA: Estas linhas circundam toda a quadra e são divididas em 2 linhas de fundo e 2 linhas laterais.

LINHA CENTRAL: Por essa linha quadra é dividida em duas metades iguais, e também serve de guia para alinhar a rede. A largura da linha central pertence a ambas as quadras. Esta linha estende-se sob a rede, de uma linha lateral até a outra.

LINHA DE ATAQUE: Também conhecida como linha dos três, fica a três metros de distância da linha central e sua medida de cinco centímetros faz parte da sua metragem. Essa linha separa a zona de ataque da zona de defesa, ou seja, um jogador da zona de defesa não poderá enviar a bola da zona de ataque para o outro lado se tocar a bola sem estar em contato com o chão ou rebatê-la numa altura acima da rede. O jogador da defesa pode, no entanto, saltar antes dessa linha e fazer um toque na bola acima da altura da rede enquanto estiver no ar em suspensão.

Observação: Para as Competições Mundiais e Oficiais, a linha de ataque é estendida além das linhas laterais pela adição de pequenas linhas pontilhadas de 15

centímetros, com cinco centímetros de largura, traçadas com um espaçamento de 20 centímetros entre elas, totalizando um comprimento de 1,75 metros.

Existe também, a linha de restrição do técnico que é uma linha pontilhada se estendendo desde a linha de ataque até a linha de fundo da quadra, paralela à linha lateral e a 1,75 metros da mesma e é composta de pequenas linhas de 15 centímetros, espaçadas por 20 centímetros, a fim de marcar o limite da área de operação do técnico.

2.4 ZONAS OU ÁREAS DE JOGO

A quadra é dividida por áreas ou zonas.

ZONA LIVRE: É uma zona que se encontra no exterior da quadra e possibilita aos jogadores recuperar a bola antes que a mesma, toque o chão.

ZONA DE ATAQUE (OU ZONA OU LINHA DA FRENTE): Esta zona fica entre a rede e a linha de ataque e é na qual estão os 3 jogadores de ataque.

ZONA DE DEFESA (OU ZONA OU LINHA DE TRÁS): É aqui que ficam os jogadores da defesa, os quais são responsáveis por receber a maioria das bolas. Como já vimos, estes jogadores têm algumas restrições no que diz respeito a zona de ataque.

ZONA DE SAQUE: A zona de saque é aquela que fica no fundo de cada lado da quadra na qual os jogadores devem realizar o saque. Eles podem fazer o saque de qualquer lugar nessa zona.

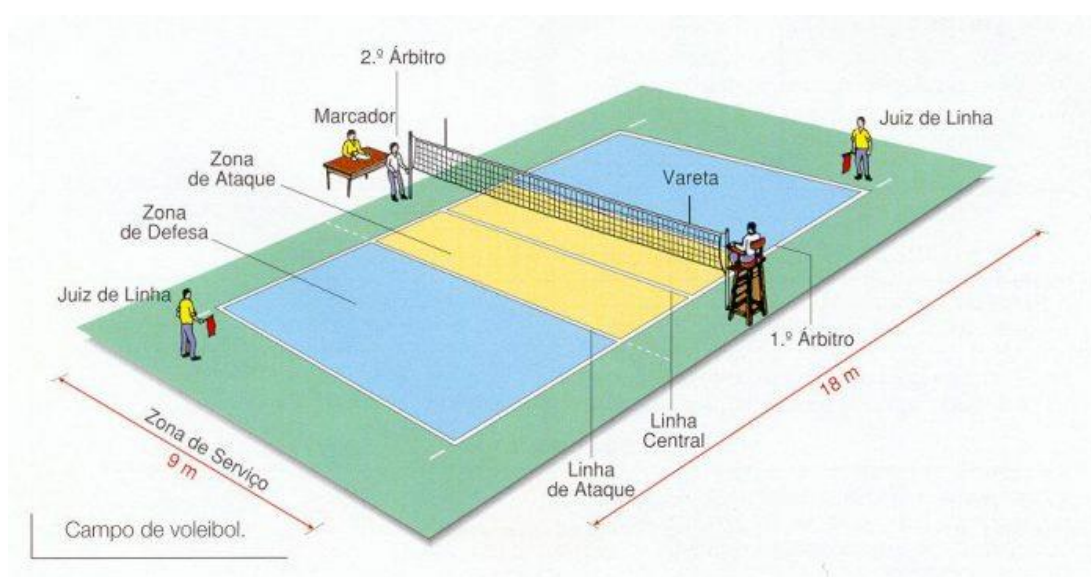


Figura 8: Disposição dos árbitros e as linhas e áreas da quadra de vôlei
 Fonte: <http://sportsregras.com/quadra-voleibol-linhas-medidas-zonas/>

Na figura acima podemos observar uma quadra de voleibol com suas linhas e zonas.

Zona de serviço é a zona de saque e a Vareta é a Antena que delimita a área de jogo como veremos a seguir:

2.5 REDE DE VOLEIBOL

Em conjunto com a linha central, ela divide a quadra em duas metades iguais. Apesar do seu posicionamento ser sempre o mesmo, a altura em que é colocada não o é e depende da idade e sexo dos jogadores.

Para jogadores adultos a regra oficial é que no feminino a altura da rede seja de 2,24 metros e no masculino, 2,43 metros.

2.6 ANTENAS

Fica uma em cada extremidade da rede. São duas varas com cerca de 80 centímetros de altura para cima da rede e ficam bem em cima das linhas laterais. A função delas é delimitar a área de jogo, ou seja, a bola deve ser devolvida para a outra metade da quadra por cima da rede e entre as antenas, sem que toque na antena. O jogador também não pode tocar as antenas, sendo considerado falta.

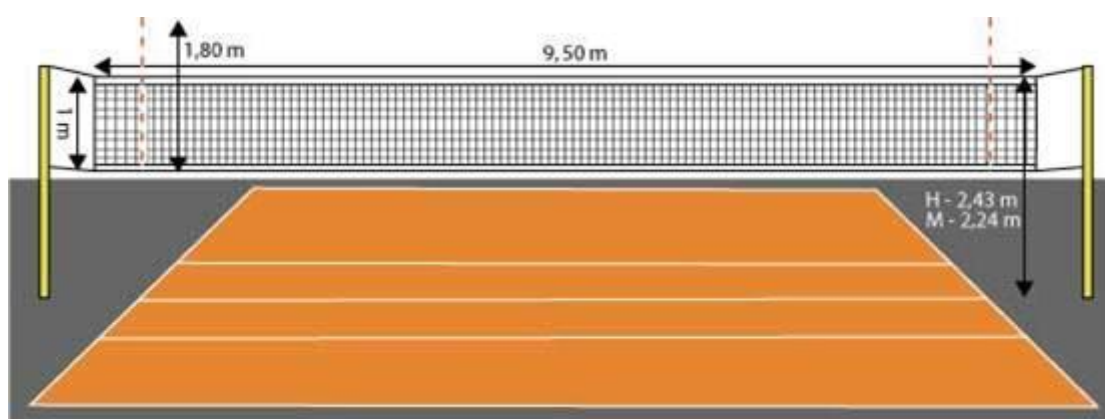


Figura 9: Rede de voleibol

Fonte: <http://culturasdocorpo.blogspot.com.br/2013/01/voleibol.html>

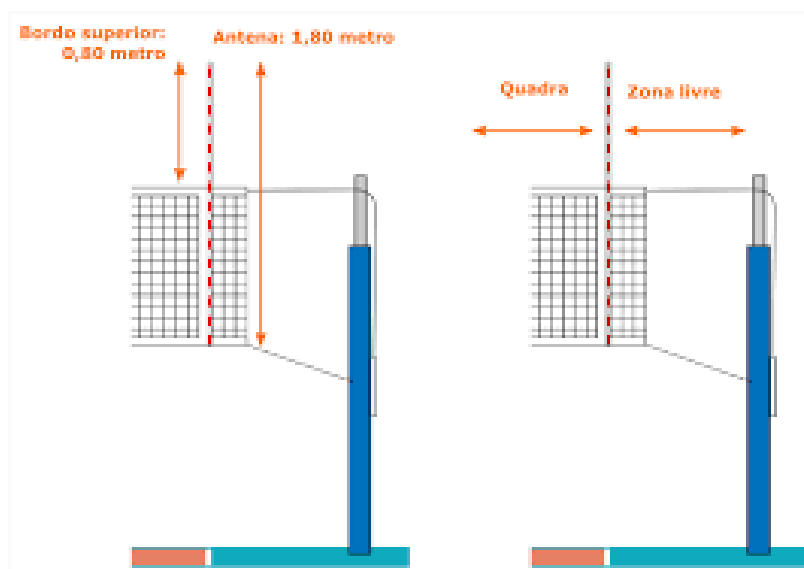


Figura 10: Delimitação da área de jogo através das antenas

Fonte: <http://medidasuteis.blogspot.com.br/2016/05/medidas-oficiais-quadra-de-voleibol.html>

2.7 POSIÇÕES NA QUADRA

Na quadra existem posições fixas sendo que os jogadores ao efetuarem o rodízio que veremos a seguir passam por todas elas.

São numeradas de um a seis como na figura 11 abaixo:

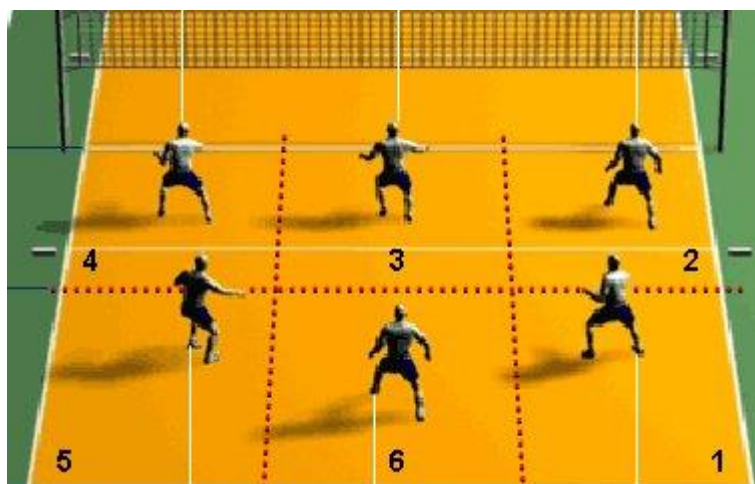


Figura 11: Posições na quadra de voleibol

Fonte: <https://br.pinterest.com/erikissimaa/voleibol/>

2.8 RODÍZIO OU ROTAÇÃO

A ordem de rotação é determinada pela formação inicial e controlada através da ordem de saque pelo árbitro durante todo o jogo. Quando a equipe receptora ganha

o direito de sacar, os jogadores avançam uma posição no sentido horário. Exemplo: jogador na posição dois avança para a posição um para sacar, jogador da um retorna para a posição seis e assim por diante.

Uma falta na rotação é cometida quando o saque não é efetuado conforme a ordem de rotação.

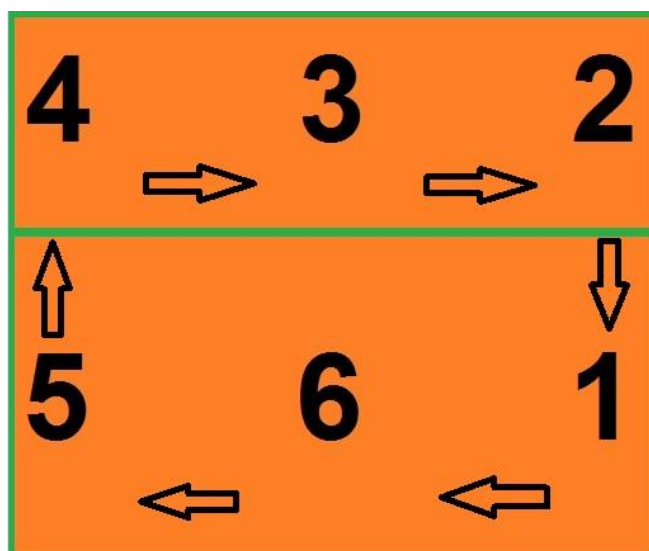


Figura 12: Ordem de rodízio

Fonte: <http://educacaofisicanamente.blogspot.com.br/2012/05/taticas-basicas-do-voleibol.html>

3 FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL

3.1 SAQUE

O saque dá início ao jogo e a cada *rally* deverá passar direto para a quadra adversária e não pode ser bloqueado pela equipe adversária.

O saque só poderá ser realizado após autorização do árbitro por um apito e um sinal específico. O saque efetuado antes do apito do árbitro é anulado e repetido. O jogador tem 8 segundos após o apito do árbitro para executar o saque.

O primeiro saque do 1º set, bem como o do set decisivo (o 5º set ou *tie-break*) é executado pela equipe determinada através de sorteio. Os demais sets começarão com o saque da equipe que iniciou sendo a receptora no set anterior.

A bola deve ser golpeada com uma mão ou qualquer parte do braço depois de ser solta ou lançada pelas mãos.

Somente um lançamento ou soltura da bola é permitido.

No momento do golpe de saque ou da impulsão para o saque em suspensão, o sacador não pode tocar a quadra (incluindo a linha de fundo) nem a área do piso que está fora da zona de saque. Após o golpe, pode-se pisar ou cair fora da zona de saque ou dentro da quadra.

Existem dois tipos de saque: O saque por baixo e o saque por cima.

3.1.1 Saque Por Baixo

O saque por baixo geralmente é executado por iniciantes, mas pode ser executado por qualquer jogador em qualquer competição.

Execução: O pé contrário a mão que bate na bola deve ficar à frente voltado para frente e o pé de trás deve ficar voltado para fora do corpo, numa posição confortável. As pernas ficam afastadas e semi flexionadas. O tronco se flexiona para frente enquanto o braço de ataque se estende para trás. A bola deve ser colocada na frente do corpo e na altura do joelho.

A mão que golpeia a bola pode ser espalmada, fechada em punho com o polegar segurando os dedos ou fechada em punho com o polegar acima fazendo uma leve rotação com o braço para a bola bater entre a mão e punho.

O punho deve ficar firme para que possa golpear a bola e a articulação do ombro deve ficar mais solta. Todo o corpo deve ajudar no processo do saque impulsinando a bola para o alvo.



Figura 13: Movimento do saque por baixo
Fonte: FIVB

3.1.2 Saque Por Cima ou Saque Tipo Tênis

Por ser batido acima da cabeça ele aproxima a bola da rede e dificulta a recepção, se comparado ao saque por baixo.

Execução: Sua execução varia de acordo com o tipo de saque que irá ser efetuado. A perna contrária a mão que golpeia a bola irá na frente e o lançamento da bola será sempre à frente do corpo variando a altura de acordo com o tipo de saque. O golpe na bola deverá ser feito com a palma da mão e o punho deverá ficar firme.

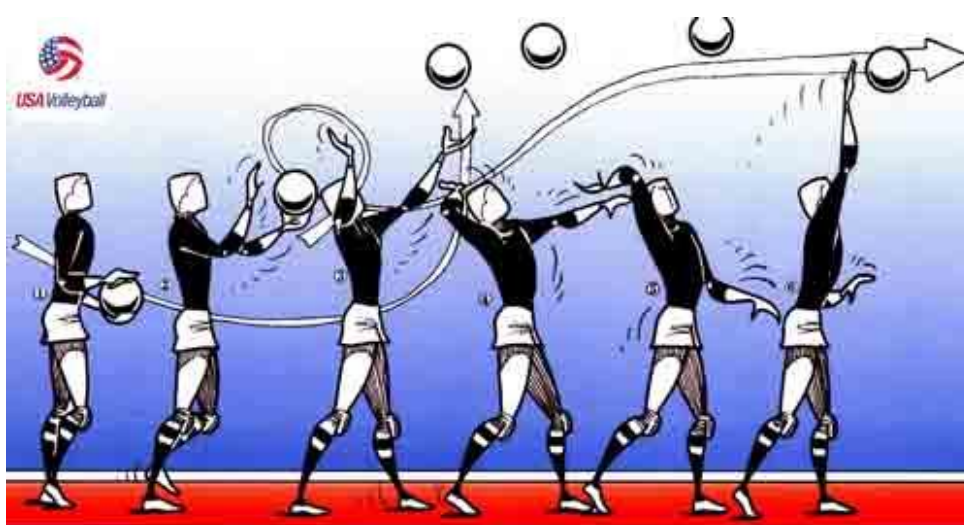


Figura 14: Movimento do saque por cima
Fonte: FIVB



Figura 15: Saque por cima sem salto
Fonte: <http://cliquetando.xpg.uol.com.br/>



Figura 16: Saque por cima em suspensão
Fonte: <http://globoesporte.globo.com/>

3.1.2.1. Principais variações do saque por cima

- a) saque chapado ou espalmado sem salto;
- b) saque chapado ou espalmado em suspensão;
- c) saque flutuante sem salto;
- d) saque flutuante em suspensão;
- e) saque com rotação da bola sem salto;
- f) saque viagem.

3.2 RECEPÇÃO

Também conhecida como passe, a recepção é realizada preferencialmente pela manchete mas pode ser realizada pelo toque por cima. Tem como objetivo mandar a bola em boas condições para o levantador esquematizar um ataque.



Figura 17: Momento da manchete
Fonte: <http://voleifotos.blogspot.com.br>

3.2.1 Manchete

A manchete é uma habilidade motora realizada com os braços estendidos à frente do corpo, pernas flexionadas e afastadas, pés paralelos ou um dos pés um pouco à frente, mãos unidas (uma palma da mão em cima da outra com os polegares lado a lado) como nas figuras 18 e 19. O ponto de contato da bola é o antebraço.

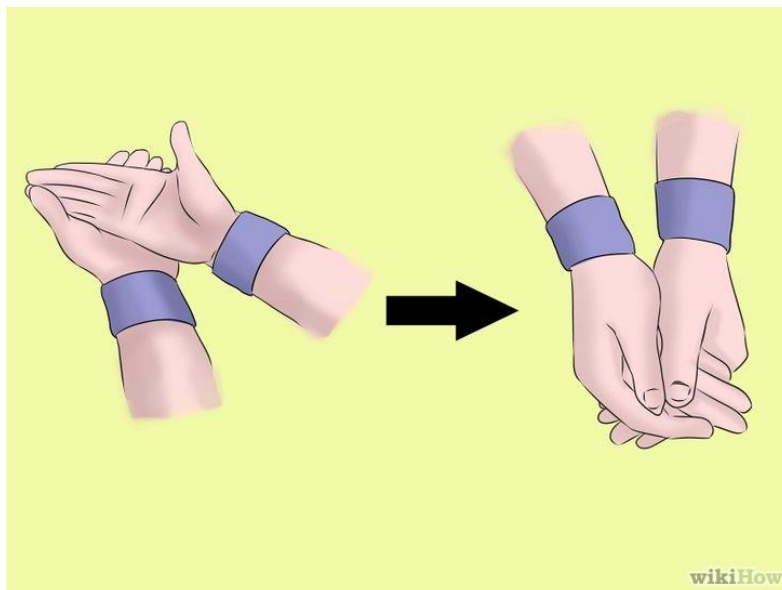


Figura 18: Posição das mãos
Fonte: <http://pt.wikihow.com>

Ao executar a manchete os braços devem estar totalmente esticados.



Figura 19: Posição final da manchete
Fonte: <http://pt.wikihow.com>



Figura 20: Execução da manchete
<http://noticiasmundovolei.blogspot.com.br>

Vídeos de recepção:

<https://youtu.be/m5LR3K7tGMc>

https://youtu.be/r_Kn0kR-HoQ

3.3 LEVANTAMENTO

O levantamento é preferencialmente realizado pelo toque por cima, também chamado de toque, pois tem maior precisão e também abrevia o percurso da bola se comparado a uma manchete. O toque é o fundamento mais característico de um jogo de voleibol e deve ser bem realizado por todos os jogadores. Pode ser realizado na recepção e defesa.

Numa partida de voleibol quem mais realiza o toque é o levantador, pois a bola passa por suas mãos em quase todas as jogadas. Ele quem arma a sua equipe para a realização do ataque ou contra-ataque ou seja, ele tem como objetivo principal levantar a bola em direção ao jogador que realizará o ataque. O toque deve ser realizado em duas etapas:

1º- A entrada sob a bola: Deve ser feita através de um deslocamento até a linha da bola, entrando com a testa embaixo da bola, com joelhos e cotovelos semi flexionados e com os pés afastados e um dos pés ligeiramente à frente do outro. As mãos devem estar com dedos estendidos com formato arredondado para melhor acomodar a bola (conchinha) e os dedos indicador e polegares devem fazer o formato de um triângulo, sem encostar os dedos entre si.

2º- Execução: O contato com a bola deve ser feito com a parte interna dos dedos da raiz até as pontas, encaixando-os na bola sem segurá-la. Os cotovelos e joelhos estendem-se simultaneamente impulsionando e direcionando a bola. Existem três tipos de toque:

- 1- Toque para frente.
- 2- Toque para trás ou de costas.
- 3- Toque lateral

O toque pode variar conforme os recursos utilizados pelo levantador afim de alcançar a bola. Os mais comuns são:

- 1- Toque em suspensão: A ação acontece no ar com o levantador saltando para tocar a bola.
- 2- Toque com uma das mãos: Realizado com a ponta dos dedos e braço estendido.
- 3- Toque deitado: O levantador se joga em baixo da bola e realiza o toque na bola deitado sobre o chão.

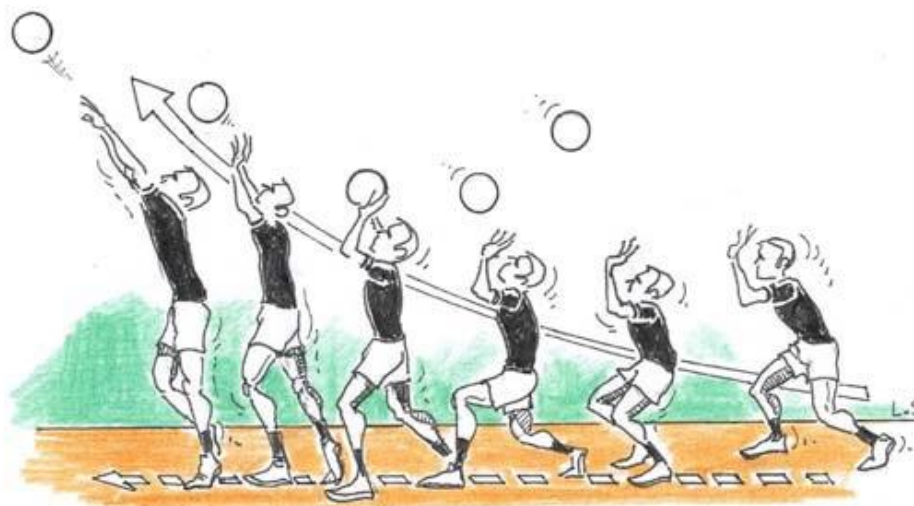


Figura 21: Toque por cima
Fonte: www.volei.org



Figura 22: Toque
Fonte: <http://oglobo.globo.com>



Figura 23: Toque de costas
Fonte: <http://www.volei.org/2011/07/brasil-derrota-argentina-e-fica-um.html>



Figura 24: Toque lateral

Fonte: <http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-15/tempo-real-dia-13.htm>

Vídeos:

Vídeo na visão do levantador:

<https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/939515826142064/>

Vídeo levantamento de costas e finta do levantador:

<https://www.facebook.com/300561445403/videos/10153290470480404/>

Vídeo toque deitado:

<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1229041037117591/>

Vídeo Levantamento do Líbero:

<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1184344154920613/>

3.3.1 Recursos do Levantador

O levantador de uma equipe deve tentar enganar o adversário através de fintas. Existem alguns recursos que o levantador poderá utilizar para marcar um ponto.

3.3.1.1 Largada de segunda

É uma largada de toque ou com uma das mãos que o levantador efetua no 2º toque da equipe ao invés de levantar a bola.

Vídeo Largada de 2ª toque:

<https://www.facebook.com/volleyballaddict1.0/videos/893407687419545/>

Vídeo largada de 2ª com uma das mãos:

<https://www.facebook.com/voleishow/videos/1321561647865529/>

3.3.1.2 Ataque de segunda

Quando o levantador está na rede e executa uma cortada em vez de levantamento.

Vídeo: <https://www.facebook.com/voleishow/videos/874037709284594/>

3.3.1.3 Simulação de ataque

O levantador faz o movimento de atacar a bola e no último momento executa o levantamento fintando o bloqueio adversário.

3.4 ATAQUE OU CORTADA

O ataque ou cortada é o fundamento com mais riqueza de movimentos requerendo uma combinação complexa de movimentos para sua execução. Ela combina movimentos de corrida, salto, golpe na bola e queda, que são denominadas fases da cortada. A cortada pode ser feita através de bolas com alturas variadas, com diferentes velocidades e também diferentes distâncias da rede. Para um melhor entendimento vejamos a execução do movimento de maneira fracionada:

- a) Corrida: A corrida é denominada passada. É a quantidade de passos que serão dados até o local do salto, sendo responsável por levar o atacante até a bola. A velocidade horizontal proveniente das passadas deve ser aproveitada no salto em forma de impulsão. Geralmente são necessários três passadas para realizar o ataque, mas isso não é uma regra, pois o número de passadas não deve ser pré-determinado e sim ajustado de acordo com as características do

executante e das condições que a bola foi levantada. A última passada deve ser a mais larga e a finalização deve ser feita com o pé contrário à mão que bate na bola, ligeiramente à frente. Os membros inferiores se flexionam, o tronco se projeta para a frente e os membros inferiores se estendem atrás do corpo.

- b) Salto: O salto deve ser realizado nos dois pés, com a utilização dos membros inferiores, tronco e braços para auxiliar no ganho da impulsão. Os braços são trazidos estendidos para a frente do corpo e lançados para o alto. Os membros inferiores e o tronco se estendem. A velocidade horizontal da corrida irá ajudar na impulsão vertical auxiliando em um máximo alcance da bola. Na fase aérea o tronco faz uma hiperextensão, as pernas flexionam-se para trás, o braço que vai golpear a bola vai para trás e o outro braço desce.
- c) Golpe na bola: O braço de ataque vem para frente de encontro com a bola, no ponto de maior alcance possível. O tronco faz uma flexão sobre a bola, e as pernas que estavam flexionadas para trás retornam. O ataque deve ser realizado com a mão aberta, braço estendido e com uma flexão do punho.
- d) Queda: É a aterrissagem do corpo no solo que deve ser segura e equilibrada. Os membros inferiores flexionam-se quando encostam no chão diminuindo o impacto e preservando as articulações. O atacante deve voltar ao solo em condições para dar sequência ao jogo.

Para Bizzocchi (2008), a cortada é a forma de ataque mais eficiente, potente e espetacular.

Os jogadores da linha de frente ou zona de defesa podem completar um golpe de ataque a qualquer altura, desde que o contato com a bola tenha ocorrido dentro do espaço de jogo da sua equipe. Um jogador da linha de trás pode completar um ataque na sua defesa ou no seu impulso na zona de ataque se o seu pé não tocar nem ultrapassar a linha dos 3 metros, podendo após o golpe cair dentro da zona de ataque. Um jogador da zona de defesa ou linha de trás também poderá completar um golpe de ataque na zona de frente se, no momento do contato, parte da bola está abaixo do topo da rede ou seu pé estiver em contato com o chão.

Um bom atacante deve dominar uma variação de golpes para maior eficiência desse fundamento.



Figura 25: Movimento completo da cortada
Fonte: FIVB



Figura 26: Movimento da cortada
Fonte: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/volei/noticia/2016/08/italia-bate-os-eua-e-espera-pelo-vencedor-de-brasil-e-russia-na-final.html>

Após ver como é realizado o movimento de ataque, deve-se saber qual direção a bola atacada pode seguir:

- a) Paralela: É a bola atacada perpendicularmente à rede.
- b) Diagonal: É a bola atacada transversalmente à rede. Pode ser diagonal curta ou pequena diagonal e diagonal longa ou grande diagonal.
- c) Diagonal média ou Paragonal: Bola intermediária entre paralela e diagonal.

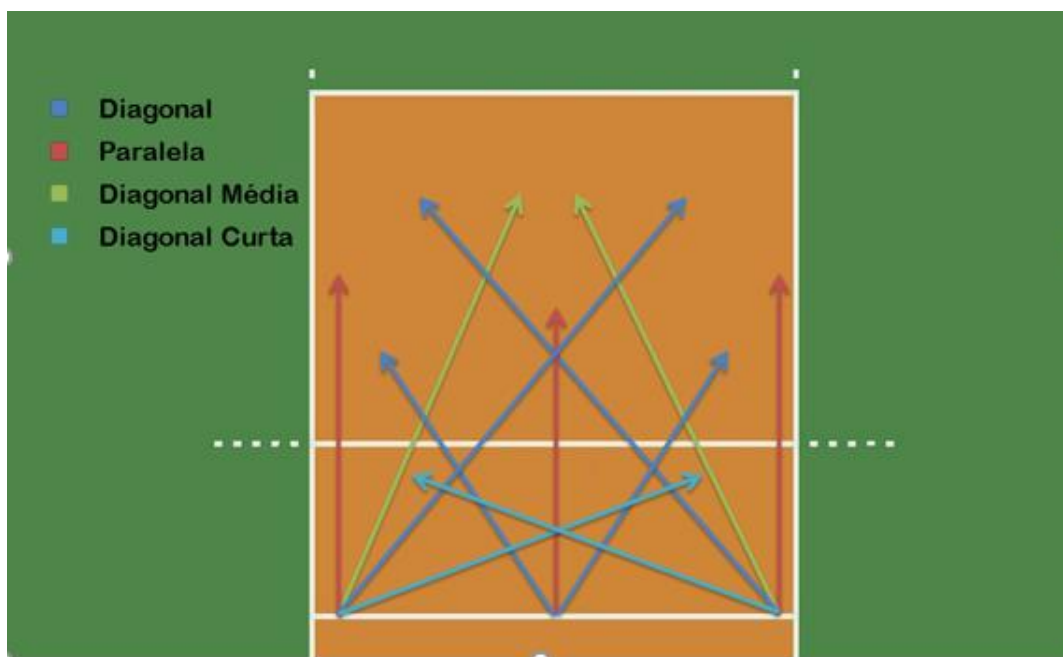


Figura 27: Direção da bola no ataque
Fonte: A autora

3.5 BLOQUEIO

O bloqueio é um fundamento de caráter defensivo utilizados pelos jogadores próximos à rede (zona de ataque). Bloqueio é a ação interceptar a bola vinda do adversário, estendendo os braços acima do bordo superior da rede, não importando a altura que é feito o contato com a bola.

O jogador deverá estar de frente para a rede no momento do contato com a bola, os braços devem permanecer estendidos e as palmas das mãos abertas e voltadas para frente. Pode ser necessária a execução de passadas para ajustar o corpo na linha do ataque. Existem dois tipos de bloqueio.

3.5.1 Bloqueio Defensivo

É o bloqueio que geralmente é utilizado por jogadores que possuem um alcance inferior ao do atacante adversário.

Na execução as palmas das mãos são voltadas para cima e não invadem a quadra adversária, tendo como principal função amortecer o ataque adversário e facilitar a recuperação da bola pela sua equipe.

3.5.2 Bloqueio Ofensivo

É o bloqueio utilizado por jogadores que possuem um alcance superior ou igual ao do ataque adversário.

Na execução as palmas das mãos são voltadas para baixo e invadem a quadra adversária, tendo como principal função interceptar a bola e enviá-la ao solo da equipe oponente.

Quanto a composição, o bloqueio pode ser realizado da seguinte forma:

Individual ou simples: Realizado por um jogador.

Duplo: Realizado por dois jogadores.

Triplo: Realizado por três jogadores.

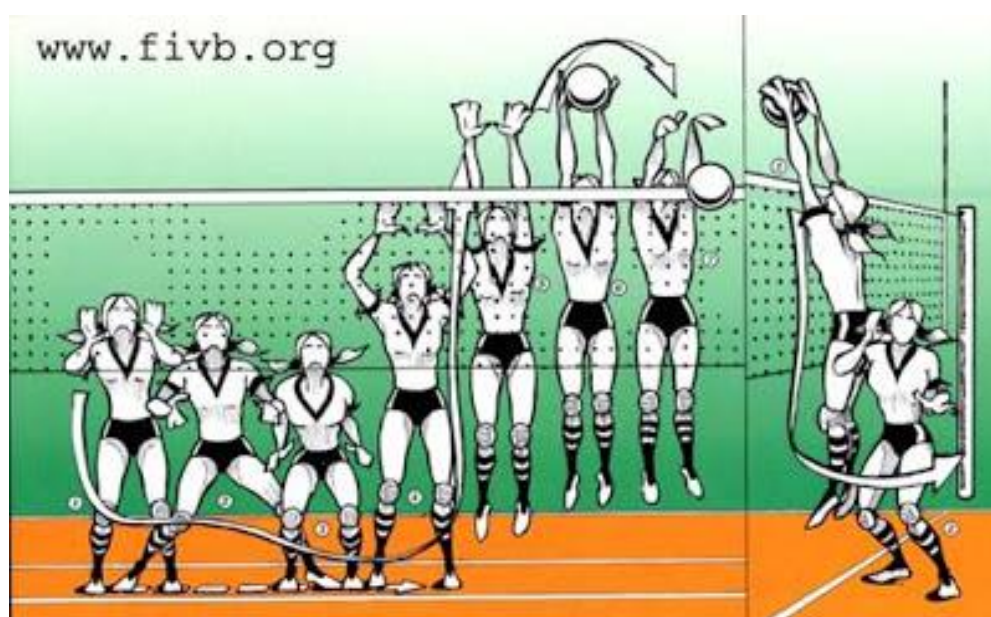


Figura 28: Bloqueio
Fonte: FIVB



Figura 29: Bloqueio simples
Fonte: <http://u23.men.2015.volleyball.fivb.com/en>



Figura 30: Bloqueio duplo
Fonte: <http://u23.men.2015.volleyball.fivb.com/en>



Figura 31: Bloqueio triplo

Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/volei-e-encerramento-a-agenda-de-domingo-na-rio-2016/>

3.6 DEFESA

É a ação de recuperar as bolas vindas do ataque adversário que ultrapassam o bloqueio e de criar condições para o contra-ataque. É um dos fundamentos mais difíceis, exigindo concentração, coragem, agilidade, habilidade e técnica.

Na defesa utiliza-se preferencialmente a manchete, como vimos na aula 04 de recepção, mas os recursos da defesa são ótimos aliados para recuperação de bolas quase perdidas e imprimem à dinâmica e o espírito de luta do voleibol.

Partindo da posição básica do voleibol que também é chamada de posição de expectativa, apoiado na ponta dos pés para facilitar um possível deslocamento, devendo executar a defesa baseando-se na observação correta e no posicionamento exato no ponto da queda da bola antes que a bola toque no solo.



Figura 32: Defesa
Fonte: <https://olimpiadas.uol.com.br>

3.6.1 Recursos da defesa

Quedas laterais: são recursos utilizados para recuperar uma bola lateralmente que está prestes a tocar o chão.



Figura 33: Queda lateral
Fonte: FIVB



Figura 34: Recuperação de bola através da queda lateral
Fonte: <http://www.volei.org/2016/05/importancia-do-libero-num-ataque-no.html>

Mergulho ou peixinho: O mergulho pode ser realizado durante ou após o toque na bola.



Figura 35: Mergulho
Fonte: FIVB



Figura 36: Peixinho

Fonte: <http://esporte.uol.com.br/album/2012/11/17/murilo-endres-jogador-de-volei.htm>



Figura 37: Mergulho

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18527>

4 SISTEMAS DE JOGO E FORMAÇÕES

4.1 SISTEMA DE JOGO

É a forma que a equipe distribuirá as funções dos jogadores em quadra. São eles:

6x0 ou 6x6: É o sistema de jogo onde todos os jogadores viram levantadores quando passam por uma determinada posição, geralmente a posição 3, e quando não estão na posição determinada para levantador têm a função de atacantes.

3x3 ou sistema de duplas: Intercala um levantador e um atacante. Quando têm dois levantadores na rede, um se torna atacante.

4x2 ou 4x2 simples: São quatro atacantes e dois levantadores que ficam em posições contrárias, pois quando um levantador entrar na posição 4 o outro entrará na posição 1. O levantamento é realizado pelo levantador que está na zona de ataque. Aqui os levantadores podem fazer a troca de posição durante o *rally* para as posições 3 e 6 (tendo atacantes nas posições 4 e 2) ou 2 e 1 (tendo atacantes nas posições 3 e 4) respectivamente.

4x2 ofensivo, 4x2 com infiltração ou 6x2: Segue o mesmo conceito quanto aos jogadores. A mudança é que o levantador da zona de defesa infiltra para levantar e o levantador da zona de ataque torna-se atacante proporcionando sempre uma rede de 3 atacantes. Aqui já é distribuída as funções dos jogadores (dois meios que ocuparam posições contrárias na quadra, dois pontas, ponteiros ou entradas de rede que também ocuparão posições contrárias e os dois levantadores. Aqui no rally há uma troca de posições da seguinte maneira: Pontas vão para a ponta (posição 4 e 5), meios vão para o meio (posição 3 e 6) e levantadores vão para a saída (posições 2 e 1).

5x1: É o sistema de jogo mais utilizado pelas equipes de alto nível. Nesse sistema temos um levantador e 5 atacantes. Mesmo na zona de ataque é o levantador que fica responsável pelos levantamentos. O jogador que fica na posição contrária do levantador é denominado saída ou oposto.

4.2 FORMAÇÕES

São as formações são táticas de jogo.

4.2.1 Formação de Recepção

São sistemas que consistem na distribuição dos jogadores para receber o saque adversário. Existem regras específicas para que um jogador não ultrapasse a posição do outro respeitando o posicionamento inicial do jogo.

Fica bem explicado nas páginas 23-24 das Regras Oficiais de Voleibol:

Link: <http://2016.cbv.com.br/pdf/regulamento/quadra/RegrasOficiaisdeVoleibol-2015-2016.pdf>

4.2.2 Formação Defensiva







É a maneira que uma equipe se organiza para defender a sua quadra. É uma organização tática coletiva entre bloqueadores e defensores.







4.2.3 Formação Ofensiva

É a maneira que uma equipe se organiza para atacar. O ataque pode ser realizado a partir da recepção de saque e o contra-ataque a partir da defesa.

5 JOGADAS DO VOLEIBOL

As jogadas no voleibol são feitas para tentar enganar o bloqueio e a defesa da equipe adversária e assim, obter o ponto. São marcadas através de sinais, sendo que cada equipe tem o seu sinal. Veremos a seguir algumas jogadas e o sinal mais utilizado para cada uma.

 <p>Bola Alta</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>1) Bola Alta - Esta jogada geralmente chamada de bola de segurança, é usada para atacantes mais lentos, ou quando o passe não chega em condições ideais para o levantador.</p>
 <p>Meia Bola</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>2) Meia Bola - É um levantamento um pouco mais baixo que a bola alta, dependendo da velocidade do atacante a metade da altura da mesma.</p>
 <p>Tempo na Frente</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>3) Tempo Frente - É efetuada com o atacante de meio de rede batendo uma bola rápida levantada acima da cabeça do levantador para frente. É um levantamento com trajetória rápida em que o cortador ataca a bola na trajetória ascendente ou no ponto máximo.</p>
 <p>Tempo Atrás</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>4) Tempo Atrás - É efetuada com o atacante batendo uma bola rápida levantada acima da cabeça do levantador para trás.</p>
 <p>Chute Ponta</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>5) Chute Ponta - É uma bola rápida em direção ao ponta de rede.</p>
 <p>Chute Meio</p>	<p>6) Chute Meio - É uma bola rápida em direção ao meio de rede a uns dois passos à frente do levantador.</p>

 <p>China</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>7) China - Esta jogada é efetuada com uma bola chutada a uns dois passos às costas do levantador para o atacante de meio.</p>
 <p>Degrau</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>1) Degrau - É efetuada com o atacante de meio de rede batendo uma bola rápida de tempo com o jogador de ponta batendo uma meia bola atrás do mesmo.</p>
 <p>Desmico</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>2) Desmico - É feita com o atacante de ponta batendo uma bola rápida de tempo e com o jogador de meio de rede batendo uma meia bola atrás do mesmo. O inverso do Degrau.</p>
 <p>Desmico</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>3) Desmico de Saída - É usada para a mesma finalidade do Desmico normal, mas é feita com o atacante de meio de rede batendo uma bola rápida de tempo com o jogador de saída de rede (intermediária) batendo uma meia bola atrás do mesmo.</p>
 <p>Between</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>4) <i>Between</i> (entre em inglês) - É efetuada com o atacante de meio de rede batendo uma bola de chute-meio e o de ponta batendo uma meia bola entre os dois.</p>
 <p>Jogada X</p> <p>Sinal geralmente utilizado</p>	<p>5) Jogada X - É efetuada com o atacante de saída de rede (intermediária) batendo uma bola rápida de tempo, com a atacante de meio batendo uma meia bola atrás do levantador (saída de rede).</p>

Quadro 1: Principais jogadas no voleibol
Fonte: <http://volleimania.tripod.com/jogadas.htm>

6 TERMOS E GÍRIAS UTILIZADOS NO VOLEIBOL

Fiquem por dentro dos termos utilizados no voleibol.

- Central: Jogador de meio;
- Oposto: Jogador de saída, é o oposto do levantador;
- Ponteiro: Jogador de ponta;
- Condução: infração cometida pelo jogador quando conduz a bola em vez de tocá-la;
- Dois toques: infração cometida ao tocar duas vezes a bola;
- Rodízio: movimentação no sentido horário dentro da quadra, mudando a posição dos jogadores;
- Invasão: infração cometida com o corpo além da rede do adversário;
- Cravar: bater com violência a bola no chão da quadra adversária;
- Deixadinha: um leve toque na bola, buscando espaço vazio na defesa do adversário;
- Caixinha: Saque ou cortada com pouca força em que a bola sai girando em torno de seu próprio eixo. Um ataque sem peso na direção de um espaço vazio na quadra adversária;
- Bola de segunda: ataque ou largada no segundo toque, surpreendendo o adversário;
- *Match point*: ponto que pode definir o jogo;
- *Set point*: ponto que pode fechar o *set*;
- *Tie break*: é o *set* de desempate, 5º *set*, é disputado quando cada uma das equipes vence dois *sets*;
- *Rally*: sequência de jogadas começando no saque e terminando quando a bola estiver fora de jogo;
- Medalha: Bolada violenta recebida no peito após o ataque adversário;
- Bola de xeque: É quando a bola vem de graça da recepção adversária na altura da rede e o atacante executa a cortada diretamente.
- Bola espetada: Quando o levantamento é muito próximo da rede;
- Bloqueio montado: Quando os bloqueadores chegam perfeitamente inteiros e junto com a bola;

- Explorar o bloqueio: Recurso utilizado pelo atacante quando o bloqueio está montado;
- Finta: É toda jogada ou ação individual que tem a finalidade de iludir e enganar o bloqueio e a defesa adversária;
- Rua: Bola fora;
- Socar a bola: É literalmente dar um soco na bola com a mão fechada;
- Badá: Bola que passa por baixo da rede quando sacada;
- Ace: Ponto direto de saque;
- Quinar: Jogador que deixa a bola escapar de seu domínio de forma que não há como recuperá-la. Quando o passe expira;
- Over: Ataque por cima do bloqueio;
- Inversão do 5x1: É uma dupla substituição. Ocorre quando o levantador que está na rede e dá lugar a um atacante mais alto para reforçar o bloqueio, ao mesmo tempo o levantador reserva entra no lugar do oposto que está atrás.
- Afinador: Jogador que nas grandes decisões não rende o esperado. O mesmo que amarelão;
- Alavanca: No voleibol é o termo que se emprega ao enérgico movimento dos braços de frente para trás e novamente trás para frente no momento da impulsão da cortada e nos saques em suspensão;
- Ambidestro: Atleta que utiliza as duas mãos com a mesma facilidade;
- Aquecimento de Rede: É o tempo disponível em que as equipes têm antes dos jogos e mesmo de treinos para se aquecerem na rede efetuando cortadas;
- *Average*: Sistema para definir um desempate;
- Fita: É a borda superior da rede em toda sua extensão;
- Banco: Expressão que se refere ao jogador reserva ou local onde ficam os atletas e a Comissão Técnica durante os jogos;
- Bola de Graça: É a bola enviada para quadra contrária sem oferecer nenhuma dificuldade ao adversário;
- Bola Russa: Cortada executada por um dos jogadores da zona de defesa (1,5 ou 6) com salto na zona de defesa e projeção à zona de ataque;

- Chupa: Quando a cortada é interceptada pelo bloqueio adversário e volta na sua quadra próximo ao atacante que efetuou a cortada, sem chance de recuperação;
- Toco: Cortada que bate no bloqueio e volta sem chance de recuperação;
- Cobertura: Ação dos jogadores em proteger a zona atrás do bloqueio ou próximo ao atacante no momento da cortada;
- Corredor: Cortada direcionada na paralela às linhas laterais da quadra;
- Leitura do Bloqueio: É a percepção que os bloqueadores, principalmente o central deverá ter ao tentar perceber a intenção do levantador e conseqüentemente à trajetória do levantamento para que ele se desloque ou pule antecipadamente na execução do bloqueio;
- Colocar em Jogo: Quando por qualquer motivo, o atacante passa a bola para quadra contrária com a única finalidade de colocá-la em jogo. A bola não oferece nenhuma dificuldade para a equipe adversária;
- Defesa Alta: É o termo atribuído quando o jogador defende a cortada utilizando-se as mãos espalmadas na linha ou acima dos ombros;
- Serviço: Termo semelhante ao saque. É o saque propriamente dito;
- Chiqueirinho: Local na quadra destinado aos atletas reservas de cada equipe.

REFERÊNCIAS

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível**: da iniciação à competição. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

BOJIKIAN, J. C. M.; BOJIKIAN, L. P. **Ensinando voleibol**. 4 ed. São Paulo: Phorte, 2008.

FIVB - Federação Internacional de *VolleyBall*

SHONDELL, D. S.; REYNAUD, C.; trad. GUIMARÃES, S. Z. **A bíblia do treinador de voleibol**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é vôlei**: história, regras, curiosidades. Casa da Palavra: Rio de Janeiro, 2007.

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

Pesquisador: Jacques de Lima Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60911216.0.0000.5573

Instituição Proponente: Centro Universitario Internacional UNINTER

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.801.624

Apresentação do Projeto:

A apresentação do projeto contém os elementos necessários para o desenvolvimento da investigação e está bem redigido.

Sua finalidade é investigar a formação inicial, continuada e o desenvolvimento profissional docente dos professores que atuam em diferentes níveis e contextos de ensino.

A metodologia é qualitativa e envolve resposta a questionário com participação de 50 sujeitos.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão expressos como: Analisar a formação inicial e continuada dos professores que atuam em diferentes níveis e contextos de ensino diante da utilização das tecnologias educacionais no desenvolvimento profissional docente. E como objetivos específicos:

- Investigar as implicações e contribuições das tecnologias educacionais no processo de formação inicial, continuada e desenvolvimento profissional docente.
- Pesquisar e identificar quais tecnologias educacionais são utilizadas nos processos de formação de professores e as suas repercussões na profissionalização docente.
- Caracterizar as concepções de profissionalização de professores na literatura contemporânea brasileira e internacional.
- Identificar até onde essas concepções contribuem na profissionalização docente.
- Propor melhorias para a profissionalização docente tendo como base as pesquisas realizadas.

Endereço: Rua Treze de Maio, 538

Bairro: São Francisco

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.510-030

Telefone: (41)3311-5926

E-mail: etica@uninter.com



Continuação do Parecer: 1.801.624

Estão coerentes com a problemática apresentada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresenta riscos. A pesquisa poderá ter como risco o constrangimento ao responder o questionário e a entrevista realizada com o participante. Estudos que empregam técnicas e métodos retrospectivos de pesquisa e aqueles em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam no estudo, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão de prontuários clínicos e outros, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo traz poucos riscos.

Benefícios: e reconhecida a importância de se repensar e transformar os processos formativos que ocorrem em relação a formação de professores. Sabemos que a formação de um professor é algo complexo que perpassa por grandes desafios. A formação docente que se apresenta na atualidade necessita redimensionar e organizar seu processo formativo de maneira que venha atender as necessidades dos alunos e da sociedade contemporânea.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa na área de educação e tecnologia que poderá contribuir com a compreensão do campo indicando o que se pode melhorar nos processos de formação continuada inicial em relação à formação docente e em relação à prática de ensino.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram apresentados.

Recomendações:

No questionário rever a redação do termo porque. Sugestão: se possível tornar o formato das questões como questionário, incluindo perguntas na teoria de itens.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto foi aprovado, tendo o colegiado acolhido o parecer do relator.

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário Internacional Uninter, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto conforme proposto para início da Pesquisa. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais sobre o andamento da pesquisa, bem

Endereço: Rua Treze de Maio, 538
Bairro: São Francisco **CEP:** 80.510-030
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3311-5926 **E-mail:** etica@uninter.com



Continuação do Parecer: 1.801.624

como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.

É dever do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_806306.pdf	11/10/2016 17:03:09		Aceito
Outros	Curriculo.pdf	11/10/2016 17:02:34	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.docx	11/10/2016 17:01:32	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Elementos.doc	11/10/2016 16:59:44	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Outros	Coordenador.pdf	11/10/2016 16:58:06	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Outros	Responsabilidade.pdf	11/10/2016 16:57:38	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Outros	Materiais.pdf	11/10/2016 16:57:12	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Outros	Resultados.pdf	11/10/2016 16:56:43	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Outros	Confidencialidade.pdf	11/10/2016 16:56:10	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAJACKS.pdf	11/10/2016 16:53:30	Jacques de Lima Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.doc	06/10/2016 23:46:31	Jacques de Lima Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Treze de Maio, 538
Bairro: São Francisco **CEP:** 80.510-030
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3311-5926 **E-mail:** etica@uninter.com



Continuação do Parecer: 1.801.624

CURITIBA, 01 de Novembro de 2016

Assinado por:
Mario Sergio Cunha Alencastro
(Coordenador)

Endereço: Rua Treze de Maio, 538
Bairro: São Francisco
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3311-5926 **E-mail:** etica@uninter.com